

Património Cultural da Universidade de Lisboa: Levantamento e contributo para a sua valorização

Ana Catarina Teixeira da Silva

Trabalho de Projecto de Mestrado em Museologia

Março, 2012

Introdução

Este trabalho de projecto foi desenvolvido na sequência do Levantamento do Património Cultural da Universidade de Lisboa, realizado entre Abril de 2010 e Março de 2011. Efectuado no âmbito das Comemorações do Centenário da Universidade de Lisboa (2011), o Levantamento consistiu num diagnóstico exaustivo e sistemático dos núcleos patrimoniais históricos, científicos, artísticos e arquitectónicos da Universidade. Apesar de frequente em universidades fora do nosso país, particularmente na última década, foi a primeira vez que uma universidade portuguesa realizou um levantamento deste tipo.

Este estudo resulta de uma bolsa, atribuída pela Universidade de Lisboa, para integrar a equipa de trabalho de campo deste Levantamento.¹ Tendo como base metodológica e programática um levantamento preliminar efectuado em 2007,² desta vez seriam recenseados sistematicamente todos os testemunhos patrimoniais da Universidade, que foi percorrida ‘de lés a lés’, unidade em unidade, faculdade em faculdade, gabinete em gabinete. Este projecto representou, desde o início, um enorme desafio pessoal e profissional, assim como uma oportunidade única de apreensão de um universo patrimonial muito rico e diversificado, na sua maioria pouco conhecido da própria Universidade, da cidade e do público em geral. Pelo seu fôlego, originalidade, carácter transversal e pluridisciplinar, bem como pelo seu amplo espectro disciplinar, que cruza praticamente todas as disciplinas e implica um olhar e abordagem que derivam da Museologia e dos Estudos de Património, reformulei o tema inicialmente proposto para a componente não lectiva de forma a desenvolver o estudo que agora se apresenta.

Em concreto, o estudo tem como finalidade geral utilizar os dados recolhidos no Levantamento como ponto de partida para uma proposta de valorização e programação do património cultural da Universidade de Lisboa. Dado que a Universidade sofreu recentemente uma reestruturação estatutária, com impacto directo nos seus dois museus ‘oficiais’ – o Museu Nacional de História Natural e o Museu de Ciência, que foram fundidos numa única instituição já depois do estudo ser iniciado – a proposta aqui apresentada é necessariamente genérica e carece de posterior discussão e desenvolvimento. Acresce que a reestruturação da Universidade continua, tendo sido recentemente anunciada a fusão com a Universidade Técnica de Lisboa (UTL), o que torna a proposta ainda mais

1 Equipa coordenada por Marta C. Lourenço, com Ana Pascoal e Catarina Teixeira (bolseiras da Universidade). O programa geral das comemorações do Centenário da Universidade foi coordenado pelo Professor José Pedro Sousa Dias.

2 Em 2007 foi realizado um Levantamento Preliminar, mas abrangeu apenas o património cultural da Universidade localizado nos pólos da Sétima Colina, Colina de Santana e Tapada da Ajuda, ficando por recensear o *campus* da Cidade Universitária e a Guia em Cascais. Cf. M.C. Lourenço, “Levantamento preliminar do património histórico, científico e artístico da Universidade de Lisboa”, 2007, documento interno.

em aberto. Neste estudo não foi tida em conta a fusão com a UTL por duas razões: primeiro porque quando esta foi anunciada já o estudo estava na sua fase final, segundo porque alargaria demasiado o âmbito da dissertação. Serão, porém, tecidas algumas considerações breves na conclusão.

Derivando o seu enquadramento teórico da Museologia e dos Estudos de Património, em particular de toda a reflexão teórica já efectuada internacionalmente sobre a história e especificidade dos museus, colecções e património universitário, a metodologia deste estudo foi desenvolvida sobretudo em duas vertentes: i) a primeira envolveu a compilação de um leque bibliográfico diversificado, bem como pesquisa documental e iconográfica, e ii) a segunda incluiu recolha e tratamento de informação e dados. O ponto de partida para a investigação foi iniciado com a pesquisa de fontes bibliográficas secundárias, sobre a constituição da Universidade em Portugal, em particular sobre a Universidade de Lisboa, procurando mapear e compreender a história e os testemunhos patrimoniais existentes. Neste âmbito, foram consultados anuários, boletins, revistas, monografias, catálogos de exposições, tendo sido ainda realizado um levantamento dos diplomas legais, incluindo os estatutos e regulamentos da Universidade, suas unidades orgânicas.

Para o enquadramento histórico dos museus e colecções da Universidade de Lisboa, procedeu-se a um levantamento de fontes documentais, bibliográficas e iconográficas, que decorreu durante todo o período de desenvolvimento deste estudo. A pesquisa realizada no Arquivo da Divisão de Obras e Manutenção da Universidade de Lisboa (DOM-UL) foi determinante para a ‘descoberta’ da proposta de edificação de um vasto conjunto de museus no *campus* da Cidade Universitária (1955-62). Destacam-se os projectos para o Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos, o Museu de História Natural e o Museu de Artes, assim como a ‘descoberta’ recente de uma planta inédita de localização do Museu de Anatomia na Faculdade de Medicina (1951). No arquivo histórico dos Museus da Universidade (Arquivo Histórico do Museu Nacional de História Natural e da Ciência), realizou-se uma extensa pesquisa entorno da proposta de criação de ‘museus históricos’ entre as décadas de 1930-40 na Faculdade de Ciências. Foram consultados sobretudo as actas do Conselho Escolar, livros de correspondência e relatórios da Faculdade. Foi ainda realizada uma pesquisa de fontes documentais e iconográficas, designadamente no Arquivo fotográfico da Secretaria-Geral do Ministério da Educação, no Arquivo Municipal de Lisboa (núcleo fotográfico), no Gabinete de Estudos Olisiponenses (GEO) e no arquivo do Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana (IHRU).

Para a compreensão mais geral da problemática da preservação e valorização dos museus e colecções universitárias, foram consultados estudos, dissertações e diversos artigos publicados na literatura da especialidade, sobretudo na última década: - *UMAC Journal*, *La Lettre de L'OCIM*,

Opuscula Musealia, Curator, Museologia, Revista de Museología, Boletim da Rede Portuguesa de Museus, Museologia.pt, etc. A consulta de bibliografia específica sobre os principais levantamentos de museus e colecções universitárias foi indispensável para a compreensão do estado do património cultural noutras universidades, definições e metodologias utilizadas, bem como resultados obtidos.

A metodologia e os resultados preliminares do Levantamento do Património Cultural da Universidade de Lisboa foram já apresentados e submetidos à discussão da comunidade científica internacional, através da apresentação de duas comunicações, a primeira na Universidade de Ghent (Bélgica)³ e a segunda no XI *Annual Meeting* do Comité Internacional do ICOM para os Museus e Colecções Universitárias (UMAC-ICOM), realizada em Lisboa.⁴ No âmbito da programação museológica e cultural para a proposta de valorização do património da Universidade, foi também consultada literatura específica, já enquadrada na cadeira de Programação Museológica do Mestrado e adaptada à temática deste projecto.

O estudo apresenta-se em dois volumes. O primeiro volume com a introdução, seguida de quatro capítulos de desenvolvimento, conclusão e a bibliografia. O segundo volume contém os anexos que se dividem em duas secções.

O primeiro capítulo é dedicado a um enquadramento da problemática actual do património universitário, retirado da literatura recente e organizado em torno de dois eixos. O primeiro, sobre a diversidade de tipologias e dinâmica conceptual existente. Estabelecem-se igualmente os conceitos adoptados no âmbito do estudo, em concreto para os termos ‘museu’, ‘colecção universitária’ e ‘património universitário’. Face à especificidade das colecções universitárias, aponta-se também um breve enquadramento dos sistemas de classificação já desenvolvidos na literatura. No segundo eixo deste capítulo, é feita uma revisão dos principais levantamentos de museus e colecções universitárias, realizados desde a década de 1980 até à actualidade, importantes para o enquadramento e metodologia adoptados em Lisboa. Destacam-se ainda, o surgimento das principais iniciativas no contexto internacional para a preservação e valorização do património universitário.

No segundo capítulo é apresentado um contributo para a contextualização da origem, natureza e organização dos museus e colecções da Universidade de Lisboa, com base num levantamento

3 Pascoal *et al.*, 2011. “Surveying the scientific and artistic heritage of the University of Lisbon: Scope, methodology and preliminary results”, “Academic Culture Of Remembrance”, Ghent University Library, 16-17 de Março de 2011, comunicação não publicada.

4 Pascoal *et al.*, 2011. “The University of Lisbon’s scientific and artistic heritage survey: Methodology and results”, “University Museums and Collections, University History and Identity”, XI UMAC Annual Meeting, Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, 21-25 de Setembro de 2011, comunicação no prelo.

preliminar de fontes bibliográficas, documentais e iconográficas. O capítulo é iniciado com a criação do *Studium Generale* em Lisboa no séc. XIII e apresenta com particular enfoque o período das escolas oitocentistas que estiveram na base da refundação da Universidade em 1911. Na Escola Politécnica, Escola Médico-Cirúrgica e no Curso Superior de Letras, sobretudo nas duas primeiras, houve um significativo investimento em infraestruturas e equipamentos de apoio ao ensino e à investigação e, no geral, constituíram-se museus e colecções que a Universidade herdou no séc. XX.

Para além desta herança patrimonial, são abordadas também as instituições que estiveram ligadas directa ou indirectamente à Universidade de Lisboa e que reuniram acervos em museus. Alguns dos projectos encetados para a sua constituição ficaram gorados no tempo, outros, porém, chegaram de facto a existir, associados ao ensino nas suas Faculdades no decurso do séc. XX. A partir da década de 1980, destaca-se uma primeira reorganização do património histórico existente, terminando este capítulo, com as recentes organizações do património cultural da Universidade no séc. XXI.

Deste modo, abordou-se de uma forma sucinta e cronológica, o percurso do Conservatório de Artes e Ofícios (1836) na Escola Politécnica; os Museus de Medicina na Faculdade de Medicina; o Museu Nacional de História Natural na Faculdade de Ciências; o Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos (1893), museu nacional anexo à Faculdade de Letras; o Museu do Instituto de Orientação Profissional (1931); os Museus de História da Ciência (1935) e de História de Química (1944) na Faculdade de Ciências; os museus previstos para a Cidade Universitária (1955-1962) e o Museu de Ciência da Universidade de Lisboa (1985).

Já mais recentemente, são destacados de forma breve os projectos de preservação e dinamização de colecções históricas nas Faculdades de Direito, Medicina e Belas-Artes e, ainda, o projecto lançado para a valorização do património histórico do antigo Instituto Bacteriológico Câmara Pestana. Por último, é feita uma reflexão *en passant*, retomada com mais profundidade no quarto capítulo, sobre o significado e perspectivas futuras com a recém-constituição da nova Unidade Orgânica, ‘Museus da Universidade de Lisboa’.

O terceiro capítulo é dedicado ao Levantamento do Património Cultural da Universidade de Lisboa. Na primeira parte do capítulo, são explicitados os objectivos e a metodologia do trabalho de campo, incluindo a definição das categorias patrimoniais a levantar (Colecção, Objecto Singular e Imóvel), o sistema de classificação adoptado para o diagnóstico das colecções e os instrumentos de recolha de dados. Na segunda parte, são apresentados os resultados quantitativos apurados por categoria, distribuição institucional e geográfica. De uma forma mais precisa, é detalhado o estado actual de conservação, inventário e acessibilidade física das colecções, com base no sistema de

classificação estabelecido. Por fim, é realizado um diagnóstico qualitativo dos objectos singulares e dos núcleos de património edificado científico, arquitectónico e artístico integrado, de maior relevância nacional e internacional. Nesta última categoria, inclui-se ainda um levantamento do estado actual da classificação patrimonial (IGESPAR). O capítulo termina com a discussão dos resultados, resumindo as principais conclusões e abrindo caminho para a formulação de propostas de valorização.

O quarto capítulo deste estudo é delineado com base nos resultados obtidos no Levantamento, através da discussão e apresentação dos principais contributos, em torno de quatro eixos: a organização, a preservação, a divulgação e a acessibilidade. Apresenta-se ainda, no âmbito dos dois últimos eixos, um estudo de caso, os ‘100 Locais’, que consistiu na primeira experiência integrada de acessibilidade física e divulgação do património cultural da Universidade, implementada no âmbito das Comemorações do Centenário (2011). O programa da iniciativa contemplou um conjunto de 24 passeios, envolvendo as colecções, museus e equipamentos universitários, cruzando outros lugares, espaços e entidades com ligações à memória do passado e presente da Universidade. A iniciativa foi avaliada através da administração de questionários, concebidos para esta finalidade e cujos resultados são aqui apresentados e discutidos.

Por último, os anexos (segundo volume) apresentam os instrumentos de recolha, bem como os dados recolhidos e tratados no Levantamento, bem como na iniciativa ‘100 Locais’, com alguma análise estatística e expressão gráfica dos resultados da avaliação.

Os centenários são, por norma, momentos importantes de reflexão, em que as Universidades direccionam maior atenção para o seu legado histórico e patrimonial. No Centenário de 2011 da Universidade de Lisboa, o património cultural assumiu uma centralidade e visibilidade que nunca tinha tido. O desafio é sempre consolidar algo necessariamente efémero, cuidando da semente que foi lançada para que este extraordinário património possa ser preservado, valorizado e divulgado a médio e longo prazo. Pretende-se que o estudo que aqui se apresenta possa também contribuir para esse objectivo.

Capítulo 1 - Museus e Coleções das Universidades: Enquadramento

The [university] museum is neither as institution for the general public as are most museums, [...] nor a department of a college or university like Spanish, or Biochemistry, with its staff of teachers and students. If it were one of these, its identity, role, philosophy and finances would be clearly delineated. [...] The beast is indeed strange.

(Freundlich 1964-65: 150)

1.1. Museus, Coleções e Património Universitário: Conceitos e Tipologias

A problemática dos museus e do património universitário é bastante complexa, tendo sido abordada em inúmeros estudos (e.g. Lewis, 1984; Boylan, 2002; Lourenço, 2005). O objectivo neste capítulo consiste em fornecer um enquadramento geral e resumido, complementado com alguma literatura recente, particularmente sobre levantamentos de museus e coleções no contexto universitário, bem como iniciativas nacionais e internacionais de preservação e valorização do património universitário.

Os primeiros museus no sentido moderno do termo – sentido do ICOM, Conselho Internacional dos Museus – têm a sua origem nas universidades, destacando-se o *Ashmolean Museum* da Universidade de Oxford (1683), cujo modelo foi amplamente replicado. De acordo com a historiografia mais corrente, este foi o primeiro museu pensado enquanto instituição permanente, concebido propositadamente para acolher e expor ao público coleções de história natural, antiguidades e etnografia (Alexander, 1979; Boylan, 2002). As universidades detêm uma larga tradição na constituição de museus e coleções (Henriques, 2000; Lourenço, 2005), destinadas primeiramente ao ensino e à investigação e assumindo desde o final do séc. XVI à actualidade, características e tipologias específicas que os diferenciam dos restantes museus (Lourenço, 2005, 2008; Weber, 2010).

Esta especificidade ancora-se na natureza das próprias instituições de tutela: as universidades são organizações dinâmicas, de vanguarda na produção e disseminação de conhecimento científico e artístico, reunindo e acumulando sistematicamente ao longo de mais de 450 anos testemunhos materiais dessa actividade; objectos, coleções, museus, jardins botânicos, teatros anatómicos, gabinetes, laboratórios, e observatórios astronómicos.

Assim, as universidades detêm museus muito diversos do ponto de vista da sua natureza e tipologia, de tal forma que, por vezes, a utilização da palavra ‘museu’ pode ser problemática como discutirei mais adiante. A sua organização no seio das universidades é variável, podendo existir

museus com estatuto nacional e reputação internacional, como o Fitzwilliam Museum (Universidade de Cambridge), o Museu Nacional, Brasil (Universidade Federal do Rio de Janeiro) ou o Musée des Arts et Métiers em Paris, que contemplam na sua missão nacional a divulgação e interpretação para o público em geral. Podem existir museus abertos ao público no seio de departamentos ou faculdades, como os museus das Universidades de Oxford e Cambridge. Podem também existir outras ‘entidades’ que, mesmo que por vezes sejam designadas ‘museus’ (ou porque já o foram, ou por mera tradição), não integram esta dimensão cultural. Tipicamente, tratam-se de colecções que podem manifestar diferentes graus de organização e que se encontram localizadas em laboratórios, departamentos, bibliotecas, observatórios, salas, caves, etc. (Humphrey, 1992; Ferriot & Lourenço, 2004).

O seu âmbito e constituição está directamente relacionado com o ensino e a investigação, possuem acesso restrito e estão direccionadas para um público restrito de estudantes e investigadores. Não contemplam áreas funcionais e museológicas que lhes confira o estatuto de museu na verdadeira essência do termo (Hernández, 2008). Para além disso, o facto de muitas universidades europeias estarem actualmente a reorganizar os seus museus e colecções – inclusivamente em Portugal, veja-se que os museus da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra passaram muito recentemente de uma situação de museus ‘departamentais’ para um museu-fundação (Mota, 2009) – torna a situação institucional volátil e difícil de caracterizar.

Pode verificar-se, assim, um desfasamento na aplicação do termo ‘museu’ no contexto universitário, em particular no que diz respeito a questões como a ‘abertura ao público’, ‘instituições permanentes ao serviço da sociedade’ e ‘acessibilidade’. O património universitário apresenta uma dinâmica conceptual e institucional bastante intrincada. A linha que separa ‘museu’ e ‘colecção’, pode ser ténue e complexa, revestindo estes dois conceitos de alguma ambiguidade, sobretudo quando comparados com as definições actuais normalizadas. Uma das constatações resultantes de um dos primeiros levantamentos de colecções e museus universitários (*Cinderella Collections*, 1996), foi a utilização ambivalente destes dois conceitos, apontando para uma necessidade de clarificação e distinção terminológica. Não é por acaso que o Comité temático do ICOM, que referirei mais adiante, se designa ‘University Museums and Collections’ (UMAC).

Para efeitos deste estudo, é importante assim clarificar desde já as definições empregues para estes termos. Para o termo ‘museu’, foi adoptada a definição do ICOM, de onde emanam os enquadramentos legais para a generalidade dos países, incluindo a Lei-Quadro dos museus portugueses (2004): “O museu é uma instituição permanente, sem fins lucrativos, ao serviço da

sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público, e que adquire, conserva, estuda, comunica e expõe testemunhos materiais do homem e do seu meio ambiente, tendo em vista o estudo, a educação e a fruição”.⁵

No que concerne a definição de ‘coleção universitária’, esta foi entendida enquanto conjunto de objectos coerentes institucionalizados, localizado em departamentos, de acesso restrito e com funções inerentes ao ensino e à investigação: “the term collection is used in the sense of logically coherent system of documented material evidence of human activity or the natural environment, permanently or temporary gathered in the framework of a clear and previously established purpose” (Lourenço, 2005: 21). Deve referir-se que esta definição obedece, em larga medida, à definição de ‘coleção visitável’ prevista na lei-quadro portuguesa:

“Considera-se coleção visitável o conjunto de bens culturais conservados por uma pessoa singular ou por uma pessoa colectiva, pública ou privada, exposto publicamente em instalações especialmente afectas a esse fim, mas que não reúna os meios que permitam o pleno desempenho das restantes funções museológicas que a presente lei estabelece para o museu” (artigo 4.º, Capítulo I). Este conceito de ‘coleção visitável’ é pioneiro no contexto da legislação europeia e permite singularizar, proteger e até, credenciar, grupos de objectos no domínio público cuja importância patrimonial, científica ou artística é elevada mas que jamais serão ‘museus’ no sentido ICOM pelas mais variadas razões – por exemplo os herbários, as colecções osteológicas, de anatomia-patológica e grande parte das colecções dos antigos liceus, hospitais e universidades, entre outras (Lourenço, 2010).

Em suma, neste estudo, ‘museu’, salvo indicação contrária, será utilizado no sentido ICOM e Lei-Quadro de 2004 e ‘coleção’ será utilizada no sentido definido por Lourenço (2005) e também pela Lei-Quadro portuguesa. Claro que os museus possuem colecções – também os universitários – mas não são essas que são problemáticas aqui. São problemáticas as que estão fora da instituição museu. Vale por isso a pena aprofundar ainda mais o conceito de coleção no contexto universitário, nomeadamente no que diz respeito à sua caracterização e tipologia.

As colecções universitárias são complexas do ponto de vista da sua natureza, constituição e organização nas universidades. O seu enquadramento nas tipologias definidas para as colecções do sector dos museus em geral, também não é linear e imediato, uma vez que estas estão

5 Resultante da 20ª Assembleia Geral realizada em Barcelona em 2001. A definição adaptada pela Lei-Quadro portuguesa é: “Museu é uma instituição de carácter permanente, com ou sem personalidade jurídica, sem fins lucrativos, dotada de um estrutura organizacional que lhe permite: a) garantir um destino unitário a um conjunto de bens culturais e valorizá-los através da investigação, incorporação, inventário, documentação, conservação, interpretação, exposição e divulgação, com objectivos científicos, educativos e lúdicos; b) facultar acesso regular ao público e fomentar a democratização da cultura, a promoção da pessoa e o desenvolvimento da sociedade.” (Lei nº 47/2004. D. R. I Série – A. 195 (04-08-19) 5379.

frequentemente associadas à constituição e missão de instituições museológicas (Kozak, 2007). As colecções universitárias revestem-se de características únicas e distintivas, em virtude da sua constituição se enquadrar principalmente no âmago da missão das universidades, o ensino e a investigação (Weber, 2010).

No contexto universitário, têm vindo a ser desenvolvidos alguns sistemas de classificação para o enquadramento das diferentes tipologias de colecção. Destacam-se, a classificação estabelecida por Hamilton (1995), produzida no contexto dos levantamentos de colecções e museus universitários realizados em Inglaterra; a classificação resultante do levantamento das colecções universitárias na Irlanda do Norte (Northern Ireland Museums Council, 2002); a classificação proposta por Kozak (2007), em função da análise do universo das colecções britânicas e, a recente classificação atribuída por Weber (2010), direccionada para as colecções universitárias alemãs,⁶ em concreto, na sua relação histórica e relevância com o desenvolvimento de determinadas áreas disciplinares científicas.

Lourenço (2005) desenvolveu um sistema tipológico com base na escala previamente determinada por Hamilton (1995). Consiste numa classificação de quatro categorias, determinadas em função dos propósitos da constituição e utilização das colecções. No geral, este sistema, permite-nos organizar e enquadrar o universo diversificado das colecções académicas de uma forma mais directa, simples e intuitiva. A classificação compreende:

- a) **colecções de investigação:** resultantes da investigação ou organizadas para apoio à investigação;
- b) **colecções de ensino:** originalmente organizadas para apoio ao ensino;
- c) **colecções históricas de ensino e investigação:** colecções de instrumentos ou equipamento histórico, espécimes, ou outros, originalmente utilizados no ensino e na investigação, mas que entretanto deixaram de ser utilizados pelas mais diversas razões;
- d) **as colecções de história da universidade:** sobretudo colecções de *memorabilia* institucional e da vida dos estudantes, assim como colecções biográficas relacionadas com personalidades (ex. um reitor, professor ou estudante).

Este sistema de classificação é transversal a todas as áreas disciplinares, sendo as duas últimas

⁶ “University Collections in Germany: Research on their holdings and history”, é um projecto encabeçado pelo Helmholtz Center for Kulturtechniken, patrocinado pela German Research Foundation (Fundação Alemã para a Investigação), que visou o inventário das colecções universitárias.

categorias resultantes de processos de acumulação fortuitos ou deliberados, inicialmente por serem objectos obsoletos, depois (eventualmente) históricos. Tipicamente, todas as universidades possuem todas as categorias (Lourenço, 2005), incluindo a Universidade de Lisboa como iremos ver. É este sistema de classificação que será utilizado ao longo do estudo.

Recentemente, tem também surgido com frequência o conceito de ‘património universitário’. Trata-se naturalmente de um conceito que carece de clarificação e aprofundamento no contexto do património cultural dado que cruza diferentes ‘patrimónios’, como o património científico, o património artístico, o património arquitectónico e edificado, etc. Para além disso, estando o conceito de património associado aos de memória e identidade, importa também compreender que memória(s) e identidade(s) se ancora(m) no conceito de ‘património universitário’. Estando essa conceptualização, pela sua complexidade e fôlego, fora do âmbito deste estudo, utiliza-se aqui a definição estabelecida em 2005 pelo Conselho da Europa na Recomendação sobre o Património Universitário Europeu: “(...) the ‘heritage of universities’ shall be understood to encompass all tangible and intangible heritage related to higher education institutions, bodies and systems as well as to the academic community of scholars and students, and the social and cultural environment of which this heritage is a part. The heritage of universities is understood as being all tangible and intangible traces of human activity relating to higher education” (Rec (2005) 13).

1.2. Levantamentos e iniciativas internacionais recentes

Desde a década de 1990 que se assiste a um maior envolvimento e mobilização de diferentes redes de profissionais, do sector dos museus em geral e dos museus universitários, para a preservação e valorização do património cultural das universidades (Soubiran *et al.*, 2009). Foram conduzidos diversos levantamentos de museus e colecções universitárias na Europa, Estados Unidos da América e Austrália (e.g. Ferriot & Lourenço, 2004; Lourenço, 2005; Soubiran *et al.*, 2009). Por outro lado, verifica-se um aumento de associações e redes de museus e colecções universitárias⁷ e ainda, de plataformas electrónicas para maior acessibilidade e divulgação do património universitário. Em particular, os levantamentos de museus e colecções são muito importantes porque identificam os núcleos patrimoniais existentes – muitos deles desconhecidos na própria universidade – e identificam problemas (conservação, acessibilidade, relevância, etc.). Sem se saber o que existe, não é possível planear, gerir, preservar e divulgar.

⁷ Lourenço, M. C., 2012. “Associations et réseaux de musées et collections universitaire”, Journées d'étude, “Pour un réseau national des musées et collections universitaires”, Université de Strasbourg, 2-3 Fevereiro de 2012, comunicação não publicada.

O primeiro levantamento sistemático e de âmbito nacional desenvolvido na Europa teve lugar em 1985 na Holanda, seguido de um segundo levantamento de maior abrangência, conduzido na década seguinte (LOCUC, 1985; Adviesgroup Rijksdients Beeldende Kunst, 1996; Clercq, 2006). Na Grã-Bretanha, entre 1989 e 2002, foram realizados nove levantamentos sistemáticos seccionados geograficamente por região (Bass, 1984a, 1984b; Arnold-Foster, 1989, 1993, 1999; Drysdale, 1990; Arnold-Foster & La Rue, 1993; Arnold-Foster & Weeks, 1999, 2000, 2001; Council of Museums in Wales, 2002; Northern Ireland Museums Council, 2002; UMG, 2004). Na Austrália, durante a década de 1990, foram desenvolvidos dois levantamentos sistemáticos (*Cinderella Collectins Report*, 1996; *Transforming Cinderella Collections*, 1998). Actualmente, encontra-se em desenvolvimento um novo levantamento, o *Cinderella fifteen years after the ball*,⁸ que pretende rever e actualizar o estado dos museus e das colecções universitárias australianas.

Em França e na Alemanha os levantamentos sistemáticos do património universitário encontram-se em curso (Soubiran *et al.*, 2009). No primeiro, foi recentemente constituída uma plataforma electrónica de divulgação do património das universidades e instituições de ensino superior, a *Plateforme OCIM Universités*⁹ (Soubiran *et al.*, 2009; Soubiran & Boura, no prelo). Na Alemanha, em 2001 foi iniciado um projecto de âmbito nacional, levado a cabo pelo *Helmholtz Zentrum für Kulturtechnik* da Universidade de Humboldt em Berlim. Os resultados estão a ser gradualmente disseminados através de uma plataforma electrónica, a *Universitätsmuseen und Sammlungen in Deutschland*.¹⁰

Em Itália, o projecto nacional de levantamento do património universitário foi implementado pela *Conferenza dei Rettori delle Università Italiane* (CRUI).¹¹ Em 1999, a CRUI estabelece a *Commissione dei delegati rettorali per i musei, gli archivi e i centri per le collezioni universitarie di interesse storico-scientifico*,¹² entidade responsável pela condução do levantamento. Em 2001, foi lançado um projecto para a constituição de uma *Rete Nazionale di Sistemi Museali d'Ateneo*.¹³ Este projecto apresentava como principais objectivos, a implementação de “sistemas de museus universitários” por universidade, promovendo a articulação entre as diferentes unidades, partilha de informação, incremento da acessibilidade, divulgação, preservação, etc. (Pugnaroni, 2003: 52). Recentemente e à semelhança dos projectos desenvolvidos quer na Alemanha quer em França, foi

8 Simpson, A., 2011. “Cinderella, fifteen years after the ball”, XI Annual Meeting UMAC 2011, Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, 21 de Setembro de 2011, comunicação não publicada.

9 Cf. <http://inventaire.ocim.fr/Accueil>, acesso a 17 de Janeiro de 2012.

10 Cf. <http://universitaestssammlungen.de/index/orte>, acesso a 27 de Agosto de 2011.

11 Conferência Italiana de Reitores, equivalente ao CRUP português.

12 Comissão de delegados da universidade para os museus, arquivos e centros de colecções universitárias de interesse histórico-científico.

13 Rede nacional de sistemas de museus universitários.

desenvolvida a plataforma electrónica, o POMUI (Portal de Museus Universitários Italianos),¹⁴ com a missão de divulgação e promoção dos museus universitários italianos através de uma estrutura virtual central (Corradini, 2011).

Destacam-se ainda, ao nível da criação de redes e plataformas de museus e colecções universitárias, as iniciativas desenvolvidas no sudeste asiático. A propósito da conferência realizada na Universidade das Filipinas, *Challenges Confronting University Museums Collections and Contemporary Practice in Southeast Asia* (Janeiro, 2010), foi materializado um primeiro levantamento e mapeamento dos museus universitários de arte na Indonésia, Malásia, Singapura e Filipinas (Li-Jen, 2011). Como resultado, em Dezembro do mesmo ano, foi formalmente constituída a *University Museums Network Southeast Asia* (UMNet), uma plataforma regional de promoção e divulgação dos museus universitários.

Os resultados destes levantamentos são, em larga medida, comuns. Por um lado, identificam a diversidade tipológica e disciplinar das colecções e museus. Por outro lado, diagnosticam, em muitos casos, baixos *standards* de preservação e ausência de recursos humanos qualificados e especializados, de financiamento, de estudo e maior utilização das colecções, de reconhecimento institucional, visibilidade e acessibilidade. A ausência de uma política estratégica integrada para a preservação e valorização do património no seio de cada universidade é também constatada.

Em Portugal, não foi ainda concretizado um levantamento de âmbito nacional, seja do património universitário seja do património científico (Lourenço & Carneiro, 2006; Lourenço, 2006).¹⁵ As universidades portuguesas detêm, à semelhança das suas congéneres europeias, património cultural cuja importância transcende os limites da universidade e, por vezes, do país. As Universidades de Coimbra e Porto têm vindo a reorganizar, desde o final da década de 1990, as suas colecções e museus (Cf. capítulo 2). A Universidade de Lisboa, no ano de celebração do seu centenário (2011), colocou o património cultural como um dos eixos centrais das comemorações. Foi desenvolvido o primeiro Levantamento sistemático e exaustivo do seu património cultural, com vista à sua futura preservação, valorização e divulgação, como será desenvolvido nos capítulos 3 e 4.

Em consequência dos resultados – por vezes alarmantes – obtidos nos levantamentos realizados um pouco por todo o mundo, bem como da consciencialização dos problemas serem comuns em muitos países, criaram-se recentemente duas organizações internacionais dedicadas à promoção e valorização dos museus e colecções das universidades: a rede Europeia UNIVERSEUM,¹⁶

14 Cf. <http://www.pomui.unimore.it/>, acesso a 30 de Janeiro de 2012.

15 Segundo Lourenço (2006), foi realizado apenas um diagnóstico quantitativo e muito preliminar nos anos 1970, publicado nas *Actas do Colóquio APOM*, Coimbra, 29 de Novembro – 3 de Dezembro de 1978.

16 Cf. www.universeum.it, acesso a 27 de Agosto de 2011.

constituída em 2000 e o Comité Internacional do ICOM para colecções e museus universitários – o UMAC (*University Museums and Collections*), constituído em 2001.¹⁷ Estas duas organizações têm contribuído de forma muito significativa para a mobilização e federação dos profissionais do sector, como também, através da realização de conferências e encontros, para o aprofundamento conceptual e teórico. Têm igualmente organizado informação fragmentada e dispersa, destacando-se a *Worldwide Database of University Museums & Collections*, uma base de dados de museus e colecções desenvolvida pelo UMAC, organizado por região, tipologia de museu e colecção, tipo de instituição e disciplina (Weber & Lourenço, 2005).

17 Cf. <http://publicus.culture.hu-berlin.de/umac/>, acesso a 27 de Agosto de 2011.

Capítulo 2 - Os Museus e Coleções da Universidade de Lisboa: Abordagem Preliminar Histórica

A Universidade de Lisboa detém uma notável herança de testemunhos patrimoniais, sobretudo ao nível dos seus acervos históricos, científicos, artísticos, mas também no que concerne ao património imóvel e integrado, essencialmente dos séculos XVIII, XIX e XX. Neste capítulo, esboça-se o enquadramento institucional deste património, em particular a sua organização em museus durante os séculos XIX e XX. Deve realçar-se que o *vol d’oiseau* aqui apresentado resulta de um estudo preliminar de levantamento de fontes documentais, bibliográficas e iconográficas e grande parte merece aprofundamento histórico *de per se*.

As origens da Universidade de Lisboa são indissociáveis da história da fundação da *Universitas*¹⁸ em Portugal, com a criação de um *Studium Generale* em Lisboa em 1290¹⁹ (Carvalho, 2008). O percurso da Universidade ficaria marcado no período medieval, por diversas transferências dos Estudos Gerais entre Lisboa e Coimbra (1290-1537). Contudo, entre 1377 e 1537, Universidade fixar-se-ia em Lisboa, traduzindo-se numa fase determinante para o seu enquadramento na sociedade portuguesa e no importante período dos Descobrimentos. Neste longo período, nada se sabe sobre a eventual utilização de artefactos ou proto-colecções para o ensino (Lourenço & Teixeira, 2011), embora este uso fosse regular em universidades europeias de primeira geração, nomeadamente Paris e Oxford (Lourenço, 2005). Os registos de colecções organizadas aparecerão apenas nas Escolas oitocentistas que darão origem à Universidade de Lisboa vintista, como discutirei de seguida. Em 1537, a Universidade retornará a Coimbra, onde exercerá o monopólio dos estudos superiores em todo o império português até ao estabelecimento das Universidades de Lisboa e do Porto em 1911.

2.1. Das Escolas Oitocentistas à Universidade de Lisboa no séc. XX

Com o Liberalismo, iniciam-se profundas reformas no ensino público em Portugal, fortemente impulsionadas por Passos Manuel (1801-1862). No que concerne ao ensino médio-superior, a reestruturação dos estudos expressava a preocupação urgente sobretudo com as matérias científicas e técnicas (Carvalho, 2008), em função da ideia positivista de progresso social associado ao desenvolvimento científico, técnico e industrial. Serão então constituídas em Lisboa, três escolas

18 *Universitas* (Universidade), como corporação ou congregação de mestres e alunos.

19 Sob o parecer favorável do Rei D. Dinis e homologado pela bula do Papa Nicolau IV, datada de 9 de Agosto de 1290.

que estarão na origem das primeiras Faculdades da Universidade de Lisboa: a Escola Médico-Cirúrgica (1836), a Escola Politécnica (1837) e o Curso Superior de Letras (1859). Passarei a detalhar, em traços breves, a constituição destas Escolas²⁰ sobretudo nos seus aspectos mais importantes para a constituição de museus e colecções, que todas tiveram. Os museus e colecção serão aprofundados em detalhe mais adiante neste capítulo.

A Escola Médico-Cirúrgica estabelece-se em 1836²¹ como herdeira da Régia Escola de Cirurgia de Lisboa (1825). Funcionou cerca de 70 anos em instalações provisórias na cerca do Hospital de S. José. Viria somente a adquirir edifício próprio no Campo de Santana, no início do séc. XX, no período de passagem à Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa,²² funcionando o Hospital de Santa Marta como principal Hospital Escolar. A Faculdade permanecerá aqui até à sua deslocação em meados da década de 1950 para o novo Hospital Escolar na Cidade Universitária, o Hospital de Santa Maria. Na Escola Médico-Cirúrgica existiu desde a primeira sede, um Museu de Anatomia Patológica e Anatomia Normal, um Teatro Anatómico, um Horto Medicinal e uma biblioteca com espécies bibliográficas raras do séc. XVI ao XVIII (Sacadura & Machado, 1965), como apoio ao ensino da medicina. Actualmente, a Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa é herdeira deste legado.

A Escola Politécnica de Lisboa é criada em 1837,²³ inspirada no modelo francês da *École Polytechnique*. Durante o séc. XIX, traduzir-se-ia no “bastião do ensino científico e da formação da *intelligentsia* modernizadora do país” (Simões, no prelo). A Escola foi instalada no Monte Olivete, um local de larga tradição histórica de ensino, iniciada com o Noviciado da Cotovia da Companhia de Jesus (1619) e continuada pelo Real Colégio dos Nobres (1761) (Gil, 2010a). No decreto da sua constituição, fica definido que a Escola Politécnica seria dotada de uma Biblioteca, um Observatório Astronómico, um Gabinete de Física, um Laboratório de Química, um Gabinete de História Natural e um Jardim Botânico. Na realidade, do antecessor Colégio dos Nobres, a Escola herda apenas as paredes uma vez que as colecções científicas ali constituídas foram transferidas em 1772-73, por determinação do Marquês de Pombal, para Universidade de Coimbra (Carvalho, 1959).

Para concluir e reunir todas as infraestruturas previstas no decreto, foram necessários 60 anos, até porque em apenas seis anos de existência a Escola sofreria um forte revés, ao ver destruído o seu edifício principal num incêndio a 22 de Março de 1843. Entretanto, no ano seguinte é ainda

20 Estão em preparação dois volumes sobre a história da Universidade de Lisboa nos séc. XIX e XX, com coordenação de Sérgio Campos de Matos e Jorge Ramos do Ó (edição Universidade de Lisboa/Tinta da China).

21 Decreto - Lei de 29 de Dezembro de 1836.

22 Decreto - Lei de 22 de Fevereiro de 1911, *D.G. I Série*. 43(11-02-22).

23 Decreto - Lei de 11 de Janeiro de 1837.

determinada a transferência do Conservatório de Artes e Ofícios (1844) para a tutela pedagógica da Escola Politécnica, como analisaremos de seguida. Por sua vez, a reconstrução da Escola dar-se-ia somente a partir de 1853 e pela traça do arquitecto Pierre-Joseph Pézerat (1801-1872).²⁴ Para apoio ao ensino de astronomia é anexo o Real Observatório Astronómico da Marinha,²⁵ localizado no torreão sul do edifício desde 1824 (Reis, 2009), sendo substituído em 1877, pela edificação do novo Observatório Astronómico da Escola Politécnica (Carolino, 2011). Para a constituição do Gabinete de História Natural, serão integradas em 1858, as colecções do Real Museu da Ajuda e anexo o Jardim Botânico (1839), como veremos, dando origem ao Museu Nacional de História Natural. Em 1853, inicia-se a construção do Observatório Meteorológico do Infante D. Luís,²⁶ o primeiro da sua tipologia e em funcionamento em Portugal (Peixoto, 1987).

Somente em 1898, a Escola Politécnica estaria definitivamente dotada de todos os seus equipamentos e infraestruturas. Contudo, passados treze anos daria lugar à Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.²⁷ Neste período abordaremos, por um lado, o percurso do Museu Nacional de História Natural no séc. XX, e por outro, as propostas para a criação de ‘museus’ que foram lançadas na Faculdade de Ciências, como uma primeira consciencialização do legado histórico que a Faculdade herdou da Escola Politécnica.

Por último, o Curso Superior de Letras é fundado em 1859 por D. Pedro V.²⁸ A disposição legal é assinada por Fontes Pereira de Melo, onde se estabelece a organização e a sua regulamentação²⁹ a cargo da Academia de Ciências de Lisboa. O Curso seria instalado no edifício do antigo Convento de Nossa Senhora de Jesus, na altura (e actualmente) Academia de Ciências, onde permaneceu até ao ano lectivo de 1958/59, quando foi transferido para a Cidade Universitária, já como Faculdade de Letras.³⁰ Ainda na mesma sede é instalado o ‘Museu Etnográfico Português’ em 1893. Dez anos mais tarde, o museu seria anexo pedagogicamente à Faculdade de Letras, tendo permanecido este vínculo por cerca de 66 anos, como veremos.

Estas três instituições foram congregadas pela Primeira República para refundar a Universidade em Lisboa,³¹ dando origem às Faculdades de Medicina, Ciências e Letras. Estabelece-se ainda a

24 Pezerat formou-se em engenharia em 1825 na *École Polytechnique*, fazendo igualmente formação em arquitectura e belas artes em Paris. Foi arquitecto do Imperador Pedro II do Brasil e, quando regressa a Portugal, é admitido como engenheiro-chefe da Câmara Municipal de Lisboa em 1852. Em 1853, é nomeado professor adjunto de desenho da Escola Politécnica de Lisboa (França, 1979).

25 Decreto - Lei de 11 de Janeiro de 1837. *D.G.* 13(31-01-16) 60. O Real Observatório Astronómico da Marinha é integrado no decreto da fundação da Escola Politécnica,

26 O Infante D. Luís, foi o patrono do Observatório Meteorológico. A partir de 1946 é designado Instituto Geofísico do Infante D. Luís (Peixoto, 1987), espelhando o seu alargamento disciplinar à sismologia e à geofísica.

27 Decreto de 19 de Abril de 1911, *D. G. I Série.* 90(11-04-19).

28 Carta com força de Lei, de 8 de Junho de 1859.

29 Regulamento publicado a 14 de Setembro de 1859.

30 Decretada a 9 de Maio de 1911.

31 Decreto com força de lei de 22 de Março de 1911, *D.G.* 68(11-03-24).

Faculdade de Direito,³² sob a designação inicial de Faculdade de Estudos Sociais e de Direito. A Escola de Farmácia,³³ que funcionou como estabelecimento anexo desde o tempo da Escola Médico-Cirúrgica que, apenas em 1968,³⁴ adquire definitivamente o estatuto de Faculdade de Farmácia. A Faculdade de Psicologia é constituída em 1980³⁵ e a Faculdade de Belas Artes é integrada na Universidade em 1992.

2.2. Os Museus e Coleções da Universidade de Lisboa

Antes de discutirmos a organização dos museus e colecções na Universidade de Lisboa, naturalmente primeiro nas Escolas oitocentistas, torna-se necessário abordar de forma breve o contexto da constituição de colecções associadas ao ensino e à investigação, sobretudo de natureza científica. Muitas destas colecções seriam organizadas em museus no sentido moderno do termo, outras perderam-se no tempo.

Na Europa, entre os séculos XVII e XIX, constituíram-se e reuniram-se instrumentos científicos em gabinetes para fins didácticos nas universidades, escolas, sociedades científicas e aristocracia (Lourenço, 2005; 2011). Os ‘gabinetes de filosofia natural’ ou ‘gabinetes de física’ foram uma tipologia de colecção abundante nas universidades europeias do séc. XVIII. São exemplos, o Gabinete de Física da Universidade de Pavia (1778), o Gabinete de Filosofia Natural da Universidade de Pádua (1739) e o Gabinete de Física da Universidade de Coimbra (1772), constituído primeiramente no Colégio Real dos Nobres em Lisboa (1766) (Lourenço, 2005, 2011). De acordo com a tipologia aqui utilizada, foram colecções de ensino que se tornaram, mais tarde, em colecções históricas de ensino. Ainda hoje existem gabinetes de física em universidades e escolas. No final do séc. XVIII, em resultado da evolução taxonómica e sistemática, emergem também as colecções destinadas à investigação nas áreas disciplinares da zoologia, paleontologia, botânica, mineralogia, arqueologia, antropologia e medicina.³⁶ São colecções de investigação, que ainda continuam a existir, embora o uso seja menor do que já foi, particularmente até à II Guerra Mundial (Lourenço 2005, Clercq 2006). Destaca-se ainda no final do século XVIII a criação do *Conservatoire des Arts et Métiers* de Paris (1794) (Ferriot, 1998), que exercerá a sua influência

32 Decreto a 19 de Abril de 1911.

33 Decretada a 6 de Maio de 1911.

34 Decreto - Lei nº 48696/68. *D.R. I Série*. 257(68-11-22).

35 Decreto - Lei nº 529. *D.R. I Série*. 256(80-11-5).

36 Ferriot, D., 2007. *Musées et collections universitaires en Europe*: <http://ustl1.univ-lille1.fr/culture/agenda/04/patrimoine/txt/07ferriot.pdf>, acesso a 12 de Janeiro de 2012.

entre nós no século seguinte.

Em Portugal, entre os séculos XVIII e XIX, existem dois períodos de reformas educativas decisivos para o investimento em colecções de apoio ao ensino, equipamentos e infraestruturas. No âmbito desta análise, interessa em particular a constituição de colecções, gabinetes e ‘museus’ direccionados para o ensino e investigação no ensino médio-superior. No séc. XVIII, as reformas de Marquês de Pombal conduziram à criação do Colégio dos Nobres em Lisboa e, à reforma dos estudos superiores na Universidade de Coimbra, com importantes consequências na constituição de gabinetes, colecções e jardins.³⁷ Porém, é sobretudo em meados do séc. XIX com as reformas de Passos Manuel (1836), que se a organizam infraestruturas para apoio ao ensino experimental e aplicado das ciências, medicina e algumas humanidades, especialmente nas Escolas de Lisboa e no Porto. Discutirei de seguida, com maior pormenor, os casos relacionados directa ou indirectamente com a Universidade de Lisboa, entre os séculos XIX e XX.

2.2.1. O Conservatório de Artes e Ofícios de Lisboa (1836)

O Conservatório de Artes e Ofícios de Lisboa, criado em 1836,³⁸ constituiu o primeiro exemplo de organização de equipamento científico e técnico com o propósito explícito de apoio ao ensino e formação.³⁹ A sua ligação à Universidade de Lisboa é bastante indirecta, através da Escola Politécnica. A sua inspiração, o acima mencionado *Conservatoire des Arts et Métiers* de Paris (Ferriot & Jacomy, 2000), constituiu-se como um modelo para várias instituições na Europa (Matos, 2010). Contudo, em Portugal, seriam necessários mais de 40 anos até se estabelecer a mesma experiência, com a criação dos Conservatórios em Lisboa e no Porto, este último um ano depois (Gouveia, 1997).⁴⁰

O Conservatório de Lisboa tinha como missão a difusão dos conhecimentos científicos e técnicos (Carvalho, 1986), em particular a instrução de artífices e artistas pela “demonstração popular das preciosas aplicações das ciências às artes”, através da constituição de um “depósito geral de máquinas, modelos, utensílios, desenhos e livros relativos às diferentes artes e ofícios” para “instrução prática em todos os processos industriais por meio da imitação”.⁴¹ A direcção do

37 Também é no séc. XVIII que é criado o Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda, no entanto deixamo-lo de fora desta análise por nos interessar sobretudo a criação de museus e colecções em contexto escolar e de investigação.

38 Decreto fundador de 18 de Novembro de 1836.

39 Os museus oitocentistas incorporavam na sua missão, um binómio de veículos do progresso científico e igualmente integrantes da reforma do ensino, facto pelo qual alguns organismos se anexaram pedagogicamente a instituições de ensino médio-superior e universitário (Gouveia, 1997).

40 Conservatório de Artes e Ofícios do Porto, decretado a de 5 de Janeiro de 1837.

41 Decreto de 18 de Novembro de 1836.

Conservatório foi atribuída a José Gaspar Marques (1775-1843), um maquinista e construtor de instrumentos científicos que trabalhara nas oficinas de Jesse Ramsden, em Londres (Custódio *et al.*, 1991; Reis, 2006). Não obstante o impulso de Passos Manuel para a sua criação e do manifesto empenho de Gaspar Marques, por motivos vários, o Conservatório resultou numa experiência algo infrutífera e agonizante (Reis, 2006).

Em 1844, D. Maria II determina a integração do Conservatório na tutela pedagógica da Escola Politécnica,⁴² onde permaneceu por oito anos. Contudo, não existem até à data testemunhos credíveis da transferência física das suas colecções (Lourenço & Teixeira, 2011). O Conservatório é definitivamente extinto em 1852⁴³ e, no mesmo diploma,⁴⁴ constituía-se o Instituto Industrial de Lisboa. O que resta das suas colecções, se é que algo ainda subsiste, eventualmente existirá nas instituições actualmente herdeiras do Instituto Industrial: o Instituto Superior de Engenharia de Lisboa e o Instituto Superior Técnico (Borges, 2009). Processo semelhante se passou com o Conservatório Portuense, que pelo mesmo diploma de 1844, foi integrado na Academia Industrial do Porto (Escola Industrial do Porto) dando depois origem no séc. XX, à Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto (Medina, 2010) e ao Instituto Superior de Engenharia do Porto.

2.2.2. Os ‘Museus’ de Medicina

Nas novas instalações da Escola Médico-Cirúrgica ao Campo de Santana, existiu um Museu de Anatomia composto por um vasto espólio de “peças naturais de anatomia normal, anatomia patológica, teratologia, peças de cera, esqueletos, desenhos” (Sacadura & Machado, 1965: 42). Cerca de quarenta anos mais tarde, constata-se a necessidade de ampliação da Faculdade e do Hospital, que pudesse congregiar todas as suas infraestruturas e serviços indispensáveis, incluindo os seus museus (Sacadura & Machado, 1965). Avança definitivamente o projecto de construção de um novo Hospital Escolar, Faculdade e Escola de Enfermagem no início da década de 50 (Corrêa, no prelo). O acervo do Museu de Anatomia, as obras de arte, as colecções de instrumentos científicos e a valiosa biblioteca acompanharam a mudança do Campo de Santana e Hospital de Santa Marta, para a Cidade Universitária, a partir de 1953.

42 Decreto de 20 de Setembro de 1844.

43 Decreto de 30 de Dezembro de 1852.

44 Conforme o artigo 38º, o Instituto Industrial de Lisboa assume-se herdeiro directo do espólio do Conservatório de Artes e Ofícios de Lisboa.

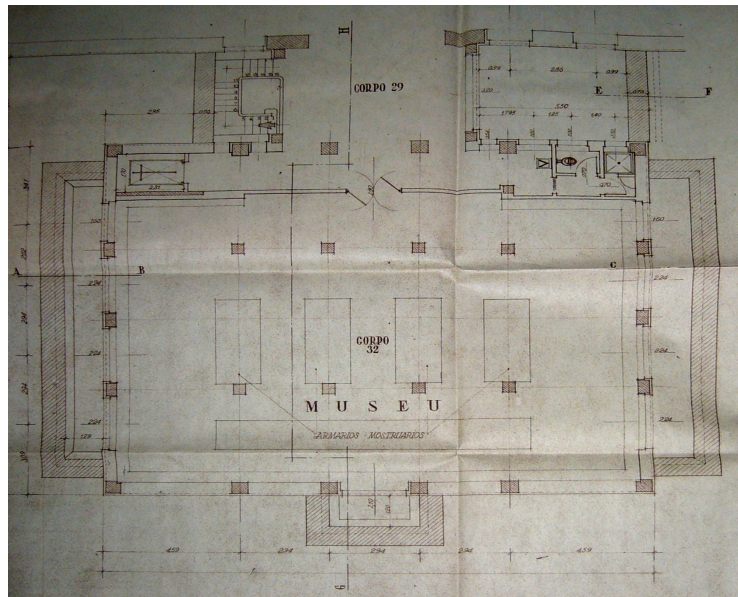


Fig. 2.1 - Planta de instalação do Museu de Anatomia no Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina de 1951. (Foto: C. Teixeira, Cortesia Arquivo da DOM -UL).

Para o novo Hospital Escolar, é estudada em 1951 pela Comissão Administrativa dos Novos Edifícios Universitários (CANEU), a implementação de um novo ‘Museu de Anatomia’, a situar-se no piso inferior ao actual Anfiteatro Professor António José Serrano no Instituto de Anatomia Henrique de Vilhena (Fig. 2.1).⁴⁵ Previa-se uma ‘sala-museu’, com um amplo espaço de circulação entre cinco vitrinas, numa área que é hoje ocupada por salas de aula teórico-práticas do Instituto. As únicas imagens que conhecemos da sua configuração primitiva, datam da década de 1960 e são da autoria de Artur Goulart (Fig. 2.2 & 2.3).⁴⁶ Revelam sobretudo colecções de preparações humanas de anatomia normal, patológica e colecções osteológicas, organizadas sistematicamente e dispostas em vitrinas (Lourenço & Teixeira, 2011). Parte destas colecções permanecem hoje preservadas no Teatro Anatómico, mantendo a maioria a sua utilização no ensino teórico-prático da disciplina da anatomia.

Da mesma autoria e década, existem ainda fotografias de um outro museu existente na Faculdade, o ‘Museu de História da Medicina’. Este ‘museu’ incluía um conjunto de colecções de instrumentos histórico-científicos, que provavelmente terá existido numa galeria da Aula Magna. Neste local mantiveram-se duas décadas mais tarde, entre os anos 1980-90, exposições histórico-temáticas organizadas pelo Gabinete de Museologia.⁴⁷ Para além dos museus mencionados,

45 Comissão Administrativa dos Novos Edifícios Universitários, Hospital Escolar de Lisboa, *Planta do Piso 01. C.32., *Museu**, 7 de Maio de 1951, Arquivo da Divisão de Obras e Manutenção da Universidade de Lisboa (DOM-UL), DOM./ F2.G3.

46 Este acervo encontra-se no Arquivo Municipal de Lisboa (Núcleo Fotográfico).

47 J. Frada, comunicação pessoal, Dezembro de 2010.

permanece ainda na Faculdade desde a sua criação, o ‘Museu Egas Moniz’ (1957), localizado no Centro de Estudos Egas Moniz / Clínica Universitária de Neurologia. Trata-se de uma colecção autobiográfica e científica, que mantém a sua disposição e cenografia originais, visitável e acessível ao público mediante marcação prévia.



Fig. 2.2 & 2.3 – À esquerda pormenor da colecção osteológica e, à direita, pormenor de colecções de preparação humana do Museu de Anatomia da Faculdade de Medicina de 1963 (Arquivo Municipal de Lisboa/Fotográfico, A. Goulart).

Em 2005, as colecções históricas da Faculdade de Medicina são reorganizadas sob uma nova entidade. Sucedendo o Núcleo Museológico e Gabinete de Museologia é criado o Museu de Medicina da Universidade de Lisboa.^{48 & 49} Em adição às colecções históricas do séc. XIX e primeira metade do séc. XX, o ‘Museu de Medicina’ integra ainda um espólio de equipamentos técnico-científicos recentes que foi sendo adquirido e produzido nas diferentes unidades de ensino e de investigação da Faculdade. As colecções encontram-se actualmente dispersas por sete institutos de investigação, centros e clínicas universitárias, localizados entre o edifício do Hospital de Santa Maria e o edifício Egas Moniz. Deve ainda referir-se que uma parte do património histórico da Faculdade de Medicina existe ainda no Campo Santana e Hospital de Santa Marta, integrando hoje a Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa e os Hospitais de Lisboa Central, respectivamente (seja património edificado, como os frescos de Veloso Salgado, como as colecções de instrumentos e fundos documentais e bibliográficos).

Apesar da existência de um programa museológico e de um projecto arquitectónico para o ‘Museu de Medicina’ da Faculdade, este nunca chegou a passar do papel, mantendo-se as colecções localizadas maioritariamente nas suas unidades originais e uma pequena parte do acervo

48 Despacho nº 012/2005 (05-02-11), Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa.

49 Cf. <http://www.museudemedicina.fm.ul.pt/desktopdefault.aspx>, acesso a 10 de Outubro de 2011.

acondiçionado num Gabinete dedicado para o efeito. Como veículo de divulgação das suas colecções, o ‘Museu’ realiza exposições temporárias com regularidade em parceria com outras instituições.⁵⁰ Não é um museu no sentido ICOM, mas dispõe de um site que permite o acesso a conteúdos sumários das diferentes colecções existentes na Faculdade.

2.2.3. O Museu Nacional de História Natural

Sobre a origem e a história do Museu Nacional de História Natural existe já uma vasta bibliografia (e.g. Jorge, 1941; Carvalho & Lopes, 1987; Almaça & Neves, 1987; Almaça, 1993; Almaça, 1996; Almaça, 2000; Póvoas *et al.*, 2011). Traçarei apenas um breve sumário de uma história institucional complexa, uma vez que para o âmbito desta dissertação, importa-nos sobretudo salientar os desenvolvimentos mais recentes no contexto da reorganização dos Museus da Politécnica.

O actual acervo de zoologia, antropologia (física), mineralogia, geologia e paleontologia do Museu Nacional de História Natural tem as suas origens em três acervos distintos: a) originalmente, as colecções do Real Museu e Jardim Botânico da Ajuda (1768); b) algumas das colecções de história natural que existiam na Academia das Ciências de Lisboa, para onde o Real Museu foi transferido em 1836; e finalmente c) as colecções reunidas e desenvolvidas em resultado da investigação e ensino da Escola Politécnica de Lisboa, para onde o Real Museu foi transferido em 1858⁵¹ e, posteriormente, da Faculdade de Ciências. No que concerne aos acervos de botânica – sejam herbários seja a colecção viva – numa primeira fase, enquanto o actual Jardim não se encontrava construído (1878), a Escola Politécnica assume a tutela do Jardim Botânico da Ajuda. Em 1861 o Museu de História Natural adquire a designação de ‘Museu Nacional de Lisboa’.⁵²

Em 1905, a secção de zoologia passa a designar-se Museu José Vicente Barbosa du Bocage (Museu Bocage),⁵³ em homenagem ao seu primeiro director pelo desempenho notável no enriquecimento das colecções zoológicas e antropológicas, sublinhando-se as diligências que efectuou junto do *Muséum* de Paris, a título compensatório, em virtude das depredações das invasões francesas (Póvoas *et al.*, 2011). Com a passagem da Escola a Faculdade de Ciências em

50 *Passagens, 100 Peças para o Museu de Medicina*, exposição acolhida e organizada em parceria com o Museu Nacional de Arte Antiga (Alves, 2005); *Gabinete de Anatomia, Arpad, Vieira e os desenhos anatómicos do Museu de Medicina*, exposição co-organizada pelo Museu de Medicina e a Fundação Arpad – Szenes Vieira da Silva (Alves & Ruivo, 2011); Cf. Alves (2011).

51 Carta com força de lei de 9 de Março de 1858, D.G. 63(58-03-16) 78/79. Transferência do Museu de História Natural para a Escola Polytechnica.

52 Expresso na Carta com força de Lei de 19 de Setembro de 1861 e no Decreto-Lei nº 15 de 20 de Janeiro de 1862.

53 Decreto de 10 de Abril de 1905, D.G. 85(05-04-14) 135.

1911, o Museu Nacional é integrado e em 1926, obtém a designação definitiva de Museu Nacional de História Natural (MNHN).⁵⁴ São-lhe atribuídas três secções e respectivos museus: Museu e Laboratório Mineralógico e Geológico; o Museu e Jardim Botânico e o Museu e Laboratório Zoológico e Antropológico (Museu Bocage).

A partir da década de 1920, o MNHN enfrenta diversas dificuldades pela reduzida visibilidade, constante falta de espaço e manutenção das áreas expositivas para as suas colecções. Durante cerca de 30 anos, teve lugar na Faculdade de Ciências um intenso e enredado debate em torno, por um lado, da necessidade de renovação e ampliação dos espaços existentes para o ensino e a investigação (há muito denunciados problemas de sobrelotação e exiguidade) e, por outro, a questão dos museus. Este último debate é suscitado, em primeiro lugar, pela necessidade de instalações condignas ao seu estatuto de museu ‘nacional’ e, em segundo lugar, pelo despertar para a consciência de um património histórico muito significativo na Faculdade, que irá resultar, como veremos, em diversas propostas museológicas fugazes.

Em 1950, o MNHN já se encontrava encerrado ao público há cerca de trinta anos por problemas de pessoal, falta de recursos e sobrelotação das colecções (Jorge, 1950). Uma das soluções que se vislumbrava à época passava pela demolição do velho Picadeiro do Real Colégio dos Nobres, onde deveria ser edificado um novo Museu, com uma arquitectura muito semelhante ao do edifício principal da Faculdade.⁵⁵ Esta solução enquadrava-se no projecto da autoria do arquitecto Jorge Segurado (1898-1990),⁵⁶ intitulado “Ante-projecto de aproveitamento e ampliação do edifício da Escola Politécnica, abrangendo também o velho casarão do Picadeiro do Colégio dos Nobres e área de terreno e construções da zona a poente do clássico edifício” (Segurado, 1962; Pedrosa, 2009; Santos, 2009). Este projecto porém, não tem seguimento.

Entretanto, outros estudos desenvolvidos para a Cidade Universitária prevêm a implantação de um Jardim Botânico e de um Museu de História Natural, definidos como estabelecimentos anexos da Faculdade de Ciências (Simões & Corrêa, 1956). Estes planos vão sofrer sucessivas alterações e arrastam-se pela década de 1960 e em diante.

Em 1962, é solicitado novamente ao arquitecto Jorge Segurado um novo estudo de ocupação da

54 Decreto nº 12492/26. *D.R. I Série*. 229(26-10-14) 1554.

55 Ofício nº 499 de 6 de Setembro de 1950, do Director da Faculdade de Ciências para o Director Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais. AHMCUL, Lv. 721.

56 Jorge de Almeida Segurado formou-se na Escola Superior de Belas-Artes em 1924. Desenvolveu diversos projectos e obras de edifícios públicos em colaboração com os arquitectos Porfírio Pardal Monteiro, António Varela, Carlos Ramos e Adelino Nunes. Trabalhou na Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais, colaborou activamente com o S.P.N. e S.N.I e ainda como consultor na Câmara Municipal de Cascais. Foi autor juntamente com António Varela, do projecto apresentado para a remodelação da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa na década de 1950. Colaborou na Exposição do Mundo Português (1940) e foi responsável pelo núcleo das Aldeias Portuguesas. Foi ainda, responsável pelos o projecto dos Pavilhões Portugueses para as Exposições de Nova Iorque e de S. Francisco (1939) (Pedreirinho, 1994; Fernandes, 2012).

Faculdade de Ciências (Segurado, 1962). O arquitecto sugeria agora, segundo o Programa da Faculdade, a permanência do Museu Nacional de História Natural e do Jardim Botânico nos velhos espaços da Escola Politécnica (Segurado, 1962). Não menos interessante se constata ainda, no discurso do Reitor Marcello Caetano (1906-1980), a propósito da inauguração do ano lectivo da Universidade de Lisboa (1959-60), uma proposta de constituição de um novo Jardim Botânico Central da Universidade de Lisboa a ser implementado no Parque de Monserrate, não abdicando contudo do actual.⁵⁷

Apesar da diversidade de propostas, bem como avanços e recuos, nenhum destes projectos chegou a ser concretizado e o Museu Nacional de História Natural permaneceu no local onde sempre esteve até hoje. Sofreu um devastador revés no incêndio da Faculdade de 1978, que resultou na destruição de grande parte das suas colecções (o Jardim e herbários não foram afectados). Reabriu após a reconstrução do edifício e reconstituição de parte das suas colecções (Póvoas *et al.*, 2011). Desde 1985, partilha o edifício com o Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, nos últimos anos em colaboração e articulação de gestão mútua (Lourenço, 2010a). Recentemente, estes dois museus foram reformulados e alvo de um processo de integração, que discutirei mais adiante.

2.2.4. O Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos (1893)

Vários autores se debruçaram sobre a vida e obra de José Leite de Vasconcelos (1858 - 1941), sobretudo nos domínios da filologia, etnologia e da arqueologia (e.g. Gonçalves, 1959; Costa, 1992; Cardoso, 2008; Coito *et al.*, 2008; Fabião, 2008). Em particular sobre a história do Museu Etnográfico Português devem realçar-se os trabalhos de Moita (1959), Machado (1964-65), Heleno (1965) e Gouveia (1997) e parcialmente Guimarães (1998). Aqui, apenas o discutiremos naturalmente à luz da sua ligação à Universidade de Lisboa.

O Museu Etnográfico Português é criado em 1893,⁵⁸ tendo tido ao longo da sua vida centenária mais três designações diferentes: Museu Etnológico Português (1897-1929),⁵⁹ Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos (1929-1965) (MNAE, 1989) e Museu Nacional de Arqueologia (1965-presente). Neste momento, a sua tutela é a Secretaria de Estado da Cultura (antigo Instituto dos Museus e da Conservação), mas foi o primeiro museu a ser integrado formalmente na Universidade

57 Cf. Boletim trimestral da UL (1960/1961).

58 Decreto de 20 de Dezembro de 1893.

59 Decreto de 26 de Junho de 1897.

de Lisboa no séc. XX, como estabelecimento anexo da Faculdade de Letras,⁶⁰ constituindo “centro de estudos universitários de Arqueologia, Epigrafia, Numismática e Etnologia, muito frequentados pelos alunos daquela Faculdade” (Machado, 1965: 6). Foi dirigido durante esta tutela universitária apenas por professores da Faculdade, o primeiro, José Leite de Vasconcelos, de todos a figura de maior charneira para a constituição do museu e da arqueologia em Portugal. Vasconcelos inicia com este projecto, a fundação de um museu nacional que visava a integração do vasto espólio etnográfico e arqueológico disperso pela capital e pelo país (Gouveia, 1997).

Não dispondo de edifício próprio e adequado do ponto de vista científico e funcional, esteve instalado desde 1894 em espaço cedido pela Comissão dos Serviços Geológicos (1848), no Convento de Jesus,⁶¹ estendendo-se mais tarde a um dos claustros da Academia das Ciências de Lisboa (Moita, 1959; Machado, 1965). Em 1903, o Museu acabaria por ser transferido para o Mosteiro dos Jerónimos (partilhado com o Museu da Marinha) e aberto ao público em 1906 (Gouveia, 1997; Raposo, 2009). Na década de 1950, como museu adstrito à Universidade de Lisboa, é enquadrado no plano geral para a construção da futura Cidade Universitária, definido pela Comissão Administrativa das Novas Instalações Universitárias (CANIU) (Cruz, 1958). Segundo Raposo (2009), esta transferência para a Cidade Universitária não reunia consenso à época no Museu. No entanto, face à pressão exercida para a instalação nos Jerónimos do Museu da Marinha (Museu Naval Português), e tendo-se equacionado a sua transferência para a Fábrica da Cordoaria Nacional, a Cidade Universitária porventura apresentar-se-ia como a solução mais viável para o futuro do Museu. Apesar de fora do âmbito deste estudo, é curioso como todo este debate é recentemente reactivado, desta vez sendo a Cordoaria o (controverso) destino proposto para o Museu Nacional de Arqueologia.

Em 1956, é delineado o *Programa de Instalação do Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos na Cidade Universitária*, no seio de uma comissão pluridisciplinar (Heleno, 1965).⁶² Do ponto de vista da sua relevância para a museologia novecentista em Portugal, tratava-se de um programa imbuído nos conceitos museológicos actuais. Seria o primeiro museu nacional no Portugal do séc. XX, pensado para ser instalado num edifício a conceber de raiz (Gouveia, 1997).

60 Portaria nº de 8 de Agosto de 1913 e pelo Decreto de 16 de Agosto 1913.

61 Foram cedidas duas salas pela Comissão dos Serviços Geológicos, ao qual o Museu Etnológico funcionou como organismo agregado entre 1894 e 1897.

62 A Comissão era constituída por João Couto (Director do Museu Nacional de Arte Antiga), Manuel Domingos Heleno Júnior (Director do Museu Etnológico e Professor na Faculdade de Letras), Mário Chicó (Professor de História de Arte da Faculdade de Letras e Director do Museu de Évora), João Pereira Dias (Director da Faculdade de Ciências de Coimbra e presidente da secção de antiguidades e numismática da Junta Nacional da Educação), Inácio Constantino de Meneses Oom do Vale (Director de serviços da Comissão Administrativa dos Novos Edifícios Universitários) e Francisco dos Santos (da Direcção Geral de Edifícios e Monumentos Nacionais) (Heleno, 1965).

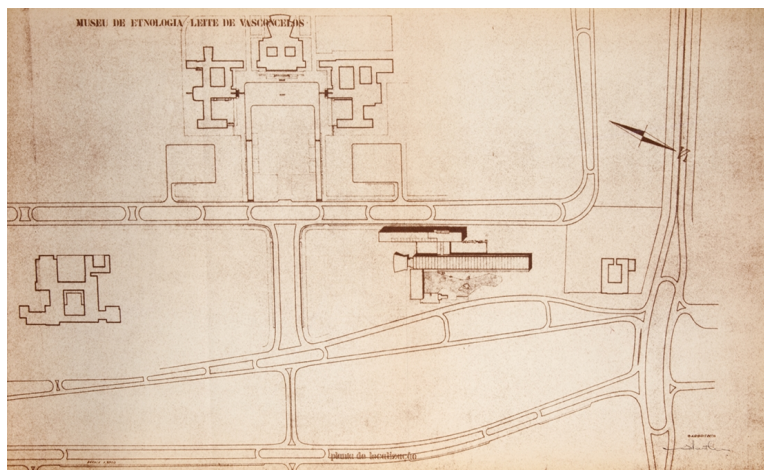


Fig. 2.4 – Pormenor de implantação do Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos para a Cidade Universitária, projecto de Alberto Cruz, 1961 (Arquivo da DOM-UL).

Em 1957, o arquitecto encarregue da elaboração do projecto de arquitectura, Alberto Cruz (1920-1990),⁶³ realiza diversas visitas a museus congéneres na América do Norte e no Brasil (MOP, 1959; Heleno, 1965). Da experiência retida, resultaram um estudo prévio (1958) e um ante-projecto (1961). Em ambos é prevista a instalação do museu em dois amplos volumes rectangulares e área de terreno a ladear o Museu da Cidade (Cruz, 1958 & 1961) (Fig. 2.4 & 2.5). Dispunha de três acessos, destacando-se o posterior, de comunicação directa às Faculdades e Cidade Universitária, e um anterior e principal, paralelo ao eixo principal do Campo Grande. Do ponto de vista da sua organização espacial e funcional, o projecto de Alberto Cruz espelhava três áreas museológicas distintas: a divulgação da “cultura portuguesa”, a “investigação científica” e o “ensino” (Cruz, 1958: 10).

Deste modo, estavam previstas áreas para as colecções de estudo, assim como os acessos do público, serviço docente e serviços técnicos seriam independentes. A estrutura orgânica deste projecto apresenta alguma similitude com o “duplo critério de organização e funcionamento” dos museus oitocentistas analisado por Gouveia (2007: 117). Em concreto, na separação espacial do acervo, por áreas destinadas à apresentação de colecções de estudo a um público mais especializado e áreas de exposição mais generalistas destinadas ao grande público.

63 Alberto Manuel Barbosa Pereira da Cruz formou-se em arquitectura na Escola de Belas Artes do Porto em 1943. Constituiu inicialmente um *atelier* privado com o arquitecto Adelino Nunes (1903-1948) (autor de vários projectos para a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa na Escola Politécnica). Em 1944 integra a Direcção de Serviços de Construção da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais (DGEMN) onde permanece até 1987. No que concerne a arquitectura de museus, destaca-se de igual modo o projecto concretizado do Museu do Caramulo (Fernandes, 2004).



Fig. 2.5 – Pormenor da maqueta do Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos para a Cidade Universitária, projecto de Alberto Cruz, 1961 (fotografia do Arquivo da DOM-UL).

Apesar da importância deste projecto arquitectónico, o mesmo foi rejeitado em 1963 pelo Conselho Superior de Obras Públicas, baseado no pressuposto que não corresponderia às “premissas estabelecidas no respectivo programa” do Museu (MOP, 1963: 12). Outros motivos são encontrados em Raposo (2009), como os constrangimentos económicos, a guerra colonial e a falta de empenho do Estado Novo na prossecução deste projecto. Durante os anos 1950-60, foram ainda apresentados outros estudos para a sua implantação na Cidade Universitária.

Em 1965,⁶⁴ o Museu adquire o estatuto de museu nacional (Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia) e permanece onde actualmente o conhecemos. No final da década de 1970,⁶⁵ acabaria por ser definitivamente transferida a sua tutela para a Secretaria de Estado da Cultura, na dependência da Direcção-Geral do Património Cultural, culminando assim, um ciclo de 66 anos de permanência na Universidade de Lisboa. Porém, não podemos deixar de pensar como seria hoje a Cidade Universitária se o Museu Etnológico tivesse de facto sido edificado? Que repercussões teria tido no tecido urbanístico, social e cultural, bem como no desenvolvimento das suas colecções? Quais as implicações que teria tido este Museu na vida da Universidade e *vice versa*?

2.2.5. O Museu do Instituto de Orientação Profissional (1931)

Sabe-se ainda muito pouco sobre este Museu. O Instituto de Orientação Profissional é criado a 31 de Julho de 1925,⁶⁶ fruto do legado de Francisca Barbosa de Andrade à Assistência Pública de

64 Decreto-Lei nº 46785/65. *D. G. I Série*. 286(65-12-18).

65 Portaria nº 469/79. *D. R. I Série*. 205(79-09-05) 2203.

66 Decreto nº 10986/25. *D. R. I Série*. 169(25-07-31) 854.

Lisboa. O primeiro Director do Instituto de Orientação Profissional – adiante designado de IOP – foi António Sena de Faria Vasconcelos (1889-1939), pedagogo e professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (1922). Em 1931, o IOP passará a estar sob tutela da Direcção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes e como anexo à Faculdade de Letras (Pinho, 1986).

No regulamento que estabelece a sua missão e objectivos (1931), surge a primeira referência a um ‘Museu de Actividades Profissionais’.⁶⁷ Em 1933, seria destacado como umas das oito secções do IOP,⁶⁸ atribuindo-lhe a função de “catalogação das profissões e dos instrumentos de trabalho que ao longo do tempo têm existido, a sua descrição e estudo” (Pinho, 1986: 8). Existe referência da sua existência pelo menos durante as décadas de 1920-30, e que o mesmo teria sido impulsionado por Faria de Vasconcelos (Ferreira, 1935). A sua actividade dentro da missão do IOP compreendia o apoio ao estudo científico do trabalho, nomeadamente a catalogação das profissões e das “ferramentas, máquinas, aparelhos, utensílios empregues em cada profissão, com todas as indicações e elementos (...)” (Ferreira, 1935: 39). É de salientar nas fontes secundárias, a existência à época de “coleções de ferramentas, aparelhos, utensílios”, destinadas ao estudo prático de “fisiologia, psicologia, pedagogia, técnica e higiene das profissões” (Ferreira, 1935: 40). Estas coleções pretendiam de igual modo, abranger a história, a arqueologia e a evolução das diferentes profissões com recurso a testemunhos e documentários.

Sobre o desenvolvimento deste Museu a partir dos anos 1940, pouco se sabe e muitas questões estão ainda por responder. Até quando terá exercido a sua missão no IOP? Qual a consequência dos estudos desenvolvidos? Qual o paradeiro das coleções de estudo, se é que foram efectivamente constituídas?⁶⁹

2.2.6. Os Museus de História da Ciência (1935) e de História da Química (1944)

Como já referido a propósito do MNHN, vários museus foram propostos para a Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa entre os anos 1930 e 1950 (Lourenço & Teixeira, 2011). Dois deles, que nunca passaram do papel, prendem-se com uma primeira consciencialização do valor do património histórico-científico da Faculdade. Assim, no meio do debate da sobrelotação e a necessidade de novas instalações, pondera-se a criação de um museu com o objectivo de conferir

67 Decreto nº 1176/24. *D. R. I Série*. 229(25-10-24) 1332.

68 Decreto-Lei nº 22753/33. *D. R. I Série*. 143(33-06-28); Decreto-Lei nº 22754/33. *D. R. I Série*. 143(33-06-28).

69 O acervo histórico do IOP foi recentemente depositado no Museu da Ciência da Universidade de Lisboa. Trata-se de espólio muito rico, constituído por uma colecção de testes de psicologia, instrumentos e ainda um acervo documental, resultantes da acumulação dos laboratórios do IOP desde a sua constituição. Cf. Directório de Coleções in Lourenço & Neto (2011).

uma nova utilidade aos instrumentos histórico-científicos que a Faculdade possuía, sobretudo herdados da Escola Politécnica de Lisboa.

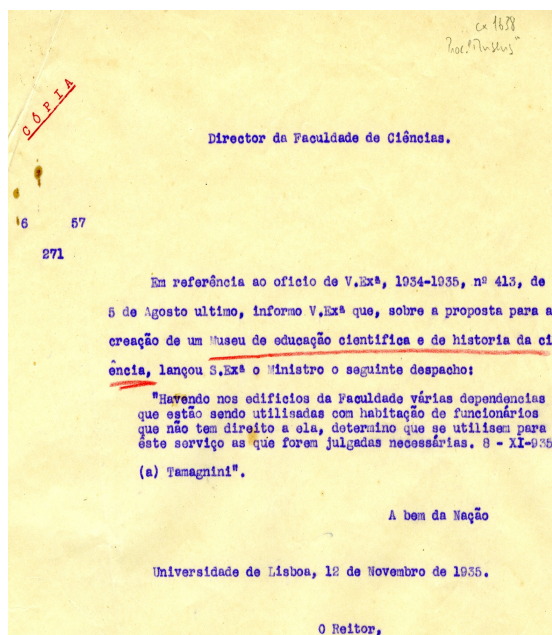


Fig. 2.6 – Ofício do Reitor Caeiro da Mata para o Director da Faculdade de Ciências, com o parecer do ministro Eusébio Tamagnini sobre a instalação do “Museu de Educação Científica e de História da Ciência” de 1935 (AHMCUL).

António Pereira Forjaz (1893-1972), professor de Química, propõe em 1935 ao Conselho Escolar⁷⁰ a constituição de um ‘Museu de História da Ciência’: “fazendo-se sentir a falta de um museu de educação científica e da história da ciência, no género do Conservatório de Artes e Ofícios de Paris; Museu Alemão de Munique; e do Museu Científico de Londres, em que a população portuguesa possa adquirir noções proveitosas de ciência e de técnica, (...) em que se arquivassem, ao mesmo tempo, aparelhos usados antigamente e até costumes e vestuários usados nas escolas portuguesas e caídos em desuso”(Forjaz, 1935).⁷¹ A constituição deste museu seria apontada para as comemorações do 1º centenário da Escola Politécnica (1937). É de ressaltar a novidade desta tipologia de museu entre nós, mas contemporâneo entre os primeiros museus de história da ciência constituídos nesta época, nomeadamente, o Museu de História da Ciência da Universidade de Oxford (1924), o Instituto e Museu de História da Ciência de Florença (1927) e o *Whipple Museum* da Universidade de Cambridge (1944) (Clercq, 2006; Lourenço & Teixeira, 2011).

A proposta foi de igual modo apresentada à Universidade e ao Ministério da Instrução Pública.

70 Acta da sessão do Conselho Escolar da FCUL de 31 de Julho de 1935. AHMCUL, Lv. 1441, 37.

71 Idem, Acta, 1935: 37.

O ministro Eusébio Tamagnini (1880-1972) responde positivamente ao Reitor da Universidade, José Caeiro da Mata (1877-1963), apontando como possível localização as casas anexas ao Picadeiro do Colégio dos Nobres (Fig. 2.6).⁷² Esta sugestão é enquadrada no âmbito do projecto integral para as novas instalações universitárias. Propunha-se, por um lado, construir edifícios para todas as dependências de ensino e investigação ao Campo Grande, e por outro, “conservar das instalações actuais tudo quanto pudesse ser utilizado.” (Pacheco, 1934: 6). É ainda indicado que a ocupação integral do edifício principal da Faculdade de Ciências na Rua da Escola Politécnica seria destinada à instalação do Museu Nacional de História Natural.⁷³

Na década seguinte, e como tarda a mudança efectiva para a Cidade Universitária, a propósito do projecto de construção do Instituto de Química na Faculdade,⁷⁴ um novo plano surge com Branca Edmée Marques (1899-1986), professora de Química, que porventura ter-se-ia inspirado na ideia anterior de Forjaz. Através de alguns esboços (Fig. 2.7) e do programa do Instituto,⁷⁵ sabemos que este integraria um ‘Museu de História das Ciências Físico-Químicas’. Seria composto por uma pequena galeria de instrumentos histórico-científicos, que se situaria na cave. Este projecto não teve seguimento, nem no que diz respeito ao Museu nem ao Instituto de Química.

Em 1945, voltará a estar na agenda a ideia do ‘Museu Histórico de Ciência’. António Pereira Forjaz, agora director da faculdade, relança a instalação do museu para o Picadeiro, espaço que também seria destinado a uma grande sala de exames e, no exterior, desimpedido das habitações circundantes.⁷⁶ Esta valorização do Picadeiro incluía ainda a remoção do monumento tumulário de Fernão Telles de Menezes (1530-1605), fundador do Noviciado da Cotovia, que se encontrava entaipado numa das casas do entorno do Picadeiro desde 1843.⁷⁷

72 Ofício de 12 de Novembro de 1935, Processo “Museus”. AHMCUL, Cx. 1638.

73 Veremos na secção 2.7, que é ainda avançada nas décadas de 1950-60, uma proposta nos projectos para o *campus* da Cidade Universitária, pretendendo-se construir um Museu de História Natural anexo ao novo edifício da Faculdade de Ciências.

74 Já pensado desde 1933, cuja construção implicaria a demolição do Picadeiro. Cf. Relatório da direcção da Faculdade de Ciências (1933/1934).

75 “Faculdade de Ciências de Lisboa, Delineamentos esquemáticos do “Instituto de Química”, da “Biblioteca”, das “Secretarias” e do “Salão de Festas””, Abril de 1944, Espólio pessoal Branca Edmée Marques AHMCUL, Cx. 2639.

76 Ofício nº 336-337 de 6 de Agosto de 1945, do Director da Faculdade de Ciências ao Director da Fazenda Pública a solicitar a utilização do Picadeiro para nele se constituir um museu. AHMCUL, Lv. 716; Ofício nº180 de 15 de Fevereiro de 1949 do Director da FCUL ao Presidente da Câmara Municipal de Lisboa. AHMCUL Lv. 720.

77 Acta da sessão do Conselho Escolar de 17 de Maio de 1945. AHMCUL, Lv. 1442, 23.

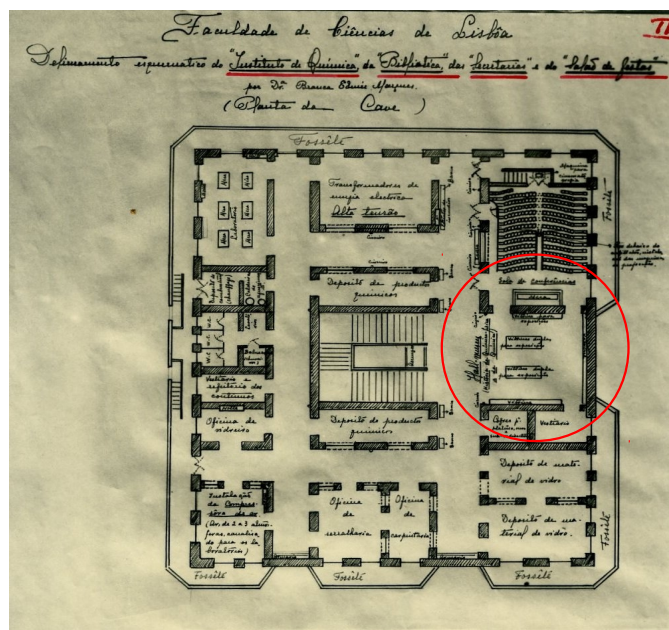


Fig. 2.7 – Pormenor esquemático do piso cave do Instituto de Química, com a identificação do espaço para o “Museu de História da Química e da Física”, projecto de Branca Edmée Marques de 1944 (AHMCUL).

Porém, ao mesmo tempo que a Faculdade debate a utilização dos velhos espaços da Politécnica, avançam os planos para a construção da Cidade Universitária. Em 1956, surgem os planos de Jorge Simões (1908-1994) e Manuel Norberto Corrêa (1926 -) que analisarei na secção seguinte. Previam-se para as novas instalações da Faculdade de Ciências, a edificação de um Museu Geral de Ciência, um Museu de História Natural e um Jardim Botânico.⁷⁸ Perante o cenário de transferência para o novo *campus*, incluindo o Museu Nacional de História Natural, fica definida a utilidade a dar ao velho edifício da Escola Politécnica, a saber, a implementação definitiva de um “Museu da História da Ciência Portuguesa e Museu Cultural de extensão universitária”.⁷⁹ Sobre a missão, programa e objectivos deste Museu, nada sabemos em concreto.

Foi preciso esperar quase 50 anos para que a Faculdade de Ciências se transferisse para a Cidade Universitária – na sequência do incêndio de 1978 – e enfim, organizasse o seu importante património histórico-científico num museu autónomo, o Museu de Ciência da Universidade de Lisboa (1985) que discutirei separadamente.

2.2.7. Os Museus previstos para a Cidade Universitária (1955-1962)

Como mencionado, na década de 1950 intensificaram-se os projectos para a construção dos

⁷⁸ Programa de construção dos edifícios necessários à Faculdade de Ciências de Lisboa, anexo ao ofício nº 219 de 2 de Julho de 1955. AHMCUL, Lv. 726.

⁷⁹ Idem, Ofício, 1955: 15.

edifícios necessários à Cidade Universitária, e que já vinham a ser largamente debatidos desde a década de 1930 (Neto & Pascoal, 2011; Pascoal, 2012). Desde o mandato do Reitor Caeiro da Mata, que estava previsto um projecto integral de instalação de todas as dependências da Universidade de Lisboa. O projecto visava reunir todas as unidades académicas e construir os edifícios necessários à Universidade, num espaço estrategicamente localizado na cidade (Pacheco, 1934). Neste projecto para o novo *campus*, importa aqui sobretudo destacar as propostas realizadas no período entre 1955 e 1962 para um conjunto de 11 museus. Este amplo plano museológico não foi avante.

A convite do Ministro das Obras Públicas, em Janeiro de 1956 é apresentado pelos arquitectos Jorge Simões (1908-1994) e Manuel Norberto Corrêa (1926-), o *Estudo Prévio Para Ante-plano e Urbanização da Cidade Universitária* (Simões & Corrêa, 1956a; Corrêa, no prelo). Este estudo assentava na ideia de unidade e centralização de infraestruturas onde fossem integrados “(...) os vários institutos, escolas e faculdades, (...) reunindo os edifícios de interesse cultural ligados à Universidade (...)” (Simões & Correia, 1956: 4). São previstos num primeiro nível, o Museu Etnológico, um Museu de História Natural com um Jardim Botânico e um Museu de Artes. Seriam edifícios autónomos, com áreas dedicadas ao ensino mas também direccionados para o público em geral.

Neste *Estudo Prévio* de 1956, o Museu Etnológico anteriormente referido é colocado em posição oposta face ao projecto de Alberto Cruz (1958), surgindo alinhado com a Faculdade de Direito (Fig. 2.8), onde hoje se localiza a Faculdade de Psicologia. Ainda a propósito deste Museu, refiram-se ainda mais dois estudos elaborados posteriormente. O primeiro, provavelmente datado de 1959, quando da revisão do *Estudo Prévio* (MOP, 1963: 1), é assinado por Norberto Corrêa e apresenta o Museu em maior concordância com o projecto de Alberto Cruz (1958) (Fig. 2.9). O segundo, de 1962, também de Norberto Corrêa, no âmbito da revisão do topo norte da Cidade Universitária, a *Alteração do Ante-plano, Localização do Museu Etnológico e Escola Superior de Belas-Artes* (MOP, 1963) (Fig. 2.10), propunha a sua implantação mais próxima da Faculdade de Letras, destacando o elo institucional entre o Museu e a Faculdade, assim como uma maior articulação com o *campus*.

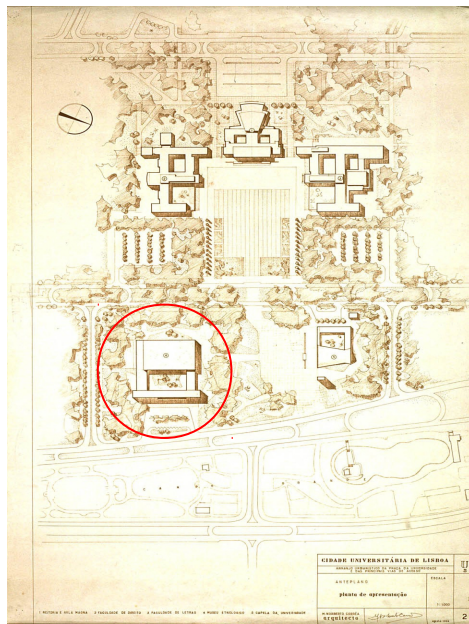


Fig. 2.8 - Pormenor de implantação do Museu Etnológico na Cidade Universitária. Cidade Universitária, C.A.N.E.U., Lisboa, *Anteplano, Plano de Apresentação*, Manuel Norberto Corrêa, Agosto de 1956. Colecção do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian, FCG – Biblioteca de Arte.

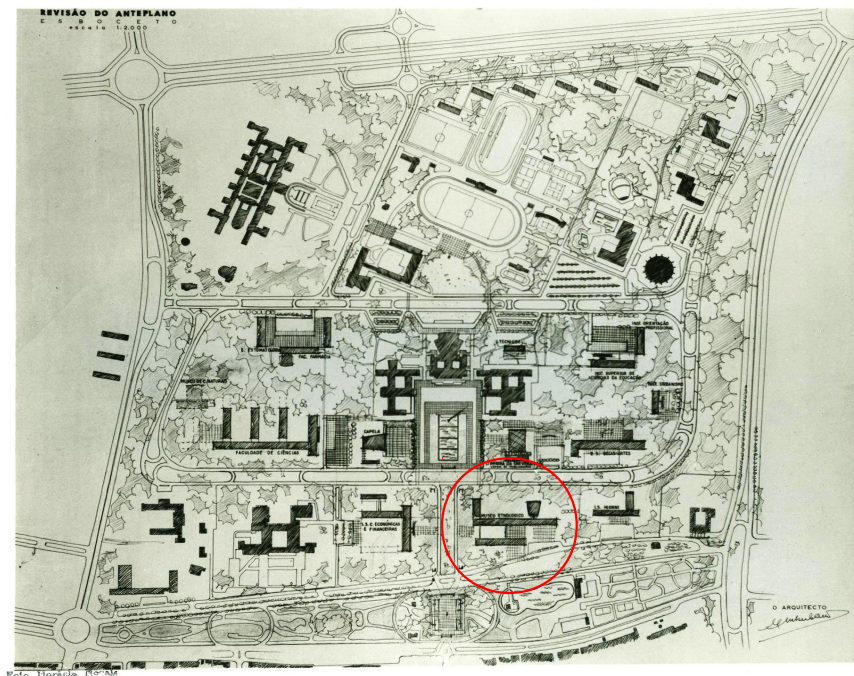


Fig. 2.9 – Aspecto geral da Cidade Universitária no projecto de Manuel Norberto Corrêa, com o pormenor da localização do Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos (Foto Horácio Novais, s/d, Arquivo Fotográfico da Secretaria – Geral do Ministério da Educação).

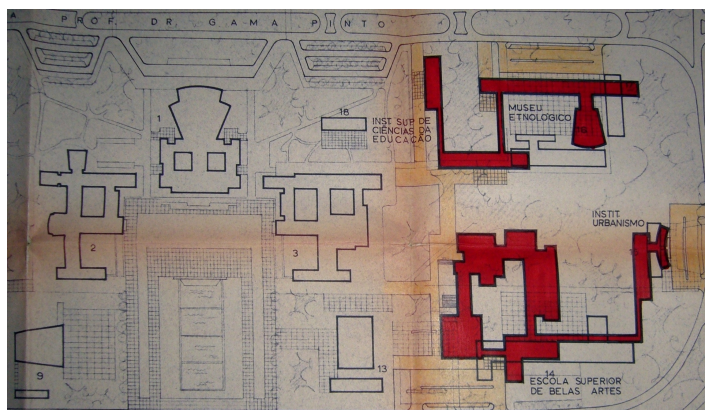


Fig. 2.10 - Pormenor em planta do Museu Etnológico, projecto de Manuel Norberto Corrêa de 1962 (Arquivo da DOM-UL).

O Museu de História Natural seria edificado como anexo à Faculdade de Ciências (lado sudeste) e envolto por um Jardim Botânico com uma área total de 15.000 m². Seria construído no local onde actualmente se encontra a Faculdade de Medicina Dentária. O Museu de Arte, no Grupo de Belas Artes (composto pela Faculdade de Arquitectura, Instituto de Urbanismo e Escola de Pintura, Escultura e Gravura), estava previsto construir-se a noroeste da Cidade Universitária. É importante realçar o espírito inovador deste projecto dado que estas instituições não existiam ainda à época na Universidade de Lisboa e só se organizariam, em moldes diferentes, naturalmente, cerca de quatro décadas depois. A Escola Nacional de Belas Artes possuía colecções mas só viria a ser integrada na Universidade em 1992, como Faculdade de Belas Artes (com a separação da Faculdade de Arquitectura mais tarde, para a Universidade Técnica de Lisboa). Segundo a memória descritiva, este Museu de Arte teria um espaço dedicado a exposições temporárias (nacionais, estrangeiras, individuais, colectivas, etc.) e um outro dedicado a exposições permanentes, que incluía ainda um Museu Didáctico de Escultura e Arquitectura Comparada.

Num segundo plano do *Estudo Prévio*, perspectivavam-se outros museus entrosados directamente na Universidade, dos quais se conhecem apenas as designações, sendo matéria a aprofundar no futuro. Ainda na Faculdade de Ciências, incluía-se um Museu Geral de Ciências. No Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, estariam planeados um Museu Colonial, um Museu Comercial e um Museu de Economia Nacional. Na Escola de Estomatologia teria lugar um Museu da especialidade. E por último, estariam ainda previstos um Museu de Modelos (maquetas), dedicado à exposição e classificação de trabalhos dos alunos e ainda um Museu de Construção, ambos integrados no Instituto de Urbanismo.

Apesar dos projectos da Cidade Universitária não terem tido seguimento e desta ter acabado por se desenvolver *au fur et à mesure*, este amplo panorama constitui um arrojado plano de

convergência e articulação das unidades de ensino, investigação e cultura num único *campus*. É escassamente conhecido da comunidade museológica portuguesa e não surge referido na literatura. Concebia-se deslocado do grande centro da cidade, à semelhança do verificado noutras universidades europeias nos anos 1950 e 1960 (Lourenço & Teixeira, 2011). A profusão de museus é muito interessante, pretendendo-se por um lado reorganizar os acervos históricos constituídos nas Escolas e Faculdades da Universidade e, por outro, criar novas instituições e colecções de ensino. Em particular, os três principais museus designados nos Serviços Gerais, o Museu de Etnologia, o Museu de História Natural e o Museu de Artes, teriam uma dimensão autónoma e também se direccionariam para o público em geral.

2.2.8. O Museu de Ciência da Universidade de Lisboa (1985)

Existe também já uma abundante literatura sobre o Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, suas origens e antecedentes históricos (e.g. Gil & Canelhas, 1987; Gil, 1988, 2003, 2008; Lourenço, 2010a; Lourenço & Eiró, 2011). Aqui importa sobretudo compreender a sua articulação com as propostas apresentadas para a constituição de ‘museus históricos de ciência’ nos espaços da Faculdade de Ciências.

A concepção do Museu de Ciência da Universidade de Lisboa nasce da “necessidade de organizar o património histórico da Faculdade de Ciências” (Lourenço & Eiró, 2011: 37). Contudo, a ideia de preconizar museus de ciência e técnica nos espaços da Escola Politécnica remonta inicialmente ao séc. XIX – lembremo-nos da determinação régia de 1844 para a transferência do Conservatório de Artes de Ofícios para a Escola Politécnica de Lisboa. Lembremo-nos também que foram propostos outros museus histórico-científicos nas décadas de 1940-50, que acabariam por não vingar, mas que resultavam de um crescente reconhecimento da Faculdade pelo seu património histórico.

A criação de um museu de carácter histórico-científico na Faculdade de Ciências apenas se concretiza na sequência do incêndio de 1978, que destruiu grande parte do edifício principal da Escola Politécnica. É deste infortúnio que renasce o projecto para a constituição de um Museu de Ciência, embora em moldes substancialmente diferentes. O projecto seria agora concebido e liderado por Fernando Bragança Gil (1927-2009), físico, professor da Faculdade e uma personalidade importante da museologia portuguesa do século XX. Concebe o Museu de Ciência da Universidade de Lisboa tendo como inspiração o *Palais de la Découverte* em Paris, o *Deutsches*

Museum de Munique e o Museu Nacional de Ciência e Técnica de Milão, mas levando-os para um nível diferente, a “terceira geração” dos museus de ciência (Lourenço & Eiró, 2011), visando o equilíbrio entre a componente da história da ciência e a experimentação e divulgação da ciência (Gil, 2010b).

O Museu de Ciência da Universidade de Lisboa é formalmente constituído em 1985⁸⁰ e a sua exposição permanente abre ao público em 1993. Integra um fundo antigo dos séculos XIX e XX, correspondente aos espaços, bibliotecas, arquivos e equipamentos históricos dos Departamentos de Física, Química e Matemática (que por sua vez incluía Astronomia) da Faculdade de Ciências. De património edificado, sobrevivente ao incêndio, integra o *Laboratorio Chimico* e o *Gabinete de Physica*, ambos recentemente recuperados, bem como o Observatório Astronómico, um observatório histórico cuja tipologia de ensino o torna exemplar único em Portugal (Carolino, 2011). Apesar da recém-reformulação dos museus da Universidade de Lisboa, com desenvolvimento na secção seguinte, o Museu de Ciência da Universidade de Lisboa constituiu-se como a experiência museológica do género, durante mais tempo e de uma forma continuada, aberta ao público em Portugal (Lourenço, 2011) e foi, até à sua extinção em Novembro de 2011, o único museu universitário português acreditado pela Rede Portuguesa de Museus (2002).

2.3. Organizações e Reorganizações Recentes: O Património da Universidade de Lisboa no séc. XXI

Na primeira década do séc. XXI, surgem alguns sinais tímidos e fragmentados de reorganização e preservação dos acervos históricos dispersos pelos seus diferentes pólos da Universidade. Em 2006, na Faculdade de Direito constituiu-se a primeira colecção visitável, a ‘Sala-Museu Professor Marcello Caetano’. Actualmente prepara-se a abertura de mais dois núcleos, a ‘Sala-Museu Professor Paulo Cunha’ e a ‘Sala da Memória’. No mesmo ano, como foi referido, foi constituído o ‘Museu de Medicina’ na Faculdade de Medicina, uma entidade destinada à valorização e divulgação das colecções históricas da Faculdade. Em 2011, a Faculdade de Belas Artes lançou o ‘Museu Virtual da Faculdade de Belas Artes’, um projecto de disseminação dos seus principais acervos histórico-artísticos (Faria, 2011).⁸¹ Todas estas colecções, apesar da designação ‘museu’, não estão regularmente acessíveis ao público.

80 No Decreto de Lei nº 146 de 8 de Maio, o Museu de Ciência está ainda na tutela da Faculdade de Ciências e nos anos 1990, sob a tutela da Reitoria.

81 Cf. <http://repositorio.ul.pt/handle/10451/4280>, acesso a 6 de Outubro de 2011. Este último 'museu' desenvolveu-se na sequência de uma Dissertação de Mestrado em Museologia na Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa, no âmbito do estudo da Colecção de Desenho Antigo da Faculdade de Belas Artes (Faria, 2011).

A Universidade pretende ainda constituir num futuro próximo, em parceria com outras instituições, um núcleo que valorize e divulgue o notável património histórico do antigo Instituto Bacteriológico Câmara Pestana, ao Campo de Santana (Dias, 2011a).⁸² De designação e contornos ainda por definir, o programa cultural e científico poderá prever uma parte de exposição permanente ancorada no antigo Laboratório de Bacteriologia e Biblioteca (pisos superiores) e uma parte de exposições temporárias destinadas à divulgação do importante património de medicina e saúde existente na Colina de Santana, em colaboração com as demais instituições, bem como áreas de lazer e serviços (pisos inferiores).⁸³

De carácter mais formal, a Universidade procedeu nos últimos anos a uma reestruturação dos dois únicos museus da Universidade, o Museu Nacional de História Natural e o Museu de Ciência da Universidade de Lisboa. A reestruturação, que decorreu em paralelo com a reestruturação dos Estatutos da Universidade no âmbito do novo Regime Jurídico das Instituições de Ensino Superior, foi sendo acompanhada de intenso debate e discussão pública, centrado sobretudo na questão do futuro e sustentabilidade, um problema que todas as universidades com património cultural significativo têm, visto que o financiamento da generalidade das universidades europeias não contempla museus e colecções (Lourenço, 2005). Em 2009, o Reitor António Nóvoa solicitou um parecer técnico a uma equipa interdisciplinar coordenada por Reinhold Leinfelder.⁸⁴ Este estudo fez várias propostas, entre as quais a fusão dos dois museus num único – de designação controversa pois esta era ‘Museu Nacional de História Natural’, o que corresponderia à extinção do Museu de Ciência e sua redução a uma mera ‘history of science wing’⁸⁵ – e a constituição de uma fundação para gestão, à semelhança do que aconteceu recentemente nos museus científicos da Universidade de Coimbra.

Após constituição de uma Comissão Estatutária no início de 2011, foram publicados em Novembro do mesmo ano os Estatutos da nova Unidade Orgânica, ‘Museus da Universidade de Lisboa’, e que integrou os dois museus.⁸⁶ O Conselho Directivo da unidade responde perante o

82 Complexo bacteriológico pavilionar pertencente à Universidade de Lisboa, do qual apenas se manteve o edifício que integra os laboratórios, designado de edifício histórico, sendo que as restantes cinco infraestruturas foram transferidas em 2009, para Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa, sob o protocolo estabelecido entre as duas universidades em 1998. Cf. http://memoria.ul.pt/index.php/Edif%C3%ADcio_principal_do_Instituto_Bacteriol%C3%B3gico_C%C3%A2mara_Pestana, acesso a 20 de Outubro de 2011.

83 Dias, J.P.S., 2011b. “The heritage of medicine and pharmacy at the University of Lisbon”, Open Session – Museums and collections of the Universities of Lisbon, Porto and Coimbra, XI Umac Annual Meeting, Museu da Ciência da Universidade de Lisboa, 20 de Setembro de 2011, comunicação não publicada.

84 Leinfelder, R., 2009. “Future targets and structure of the Museu nacional de História Natural and Museu de Ciência da Universidade de Lisboa.” Cf. www.ul.pt/pls/portal/docs/1/278012.PDF, acesso a 12 de Janeiro de 2012. A Comissão foi presidida por Rosália Vargas (Câmara Municipal de Lisboa); Michel van Praet (Direction des musées de France); Michele Lanzinger (Museo Tridentino Di Scienze Naturali) e Reinhold Leinfelder (Museum für Naturkunde Berlin).

85 Idem, Leinfelder, 2009: 12.

86 Despacho nº 15419/11, *D. R. II Série*. 218(11-11-14).

Reitor da Universidade e assegura a gestão de todos os seus os acervos museológicos, património histórico edificado, bem como o jardim botânico. Os estatutos conferem à nova Unidade um importante papel de pólo dinamizador do património cultural da Universidade de Lisboa, que é vasto como veremos. Assim, é-lhe confiada, em moldes ainda por definir, a organização, manutenção, conservação e gestão não apenas do património cultural dos dois antigos museus, mas também, de todos os acervos históricos e museológicos existentes nas restantes unidades orgânicas da Universidade. Processo semelhante ao da Universidade de Lisboa foi adoptado recentemente na Universidade Complutense de Madrid, ao ser constituída em 2009 uma Unidade de Gestão central do Património Histórico sob a responsabilidade última do Reitor (Rasilla, 2008).

Apesar deste tema ser retomado num outro contexto mais adiante nesta dissertação, vale a pena tecer aqui breves considerações sobre a problemática da sustentabilidade e modelos de gestão. Tal como os modelos de gestão dos museus tutelados pela Cultura, também os modelos de gestão dos museus e colecções universitárias encontram-se em profunda discussão um pouco por toda a Europa. O modelo de gestão é importante porque vai ao âmago da missão e objectivos de um museu.

Desde os anos 1960 e 1970 que diversas universidades europeias têm procurado soluções para uma gestão e preservação mais eficaz e, simultaneamente, maior acessibilidade às suas colecções e museus. Esta necessidade é motivada por uma combinação complexa de factores, que vão desde o património não fazer parte do *core business* das universidades e, portanto, não ser financiado a não ser através de verbas ‘retiradas’ ao ensino e à investigação, à diminuição de utilização de diversas colecções como fontes para a investigação (e.g. história natural, antropologia, algumas colecções de medicina), a evolução das técnicas de ensino, o movimento do *public understanding of science* dos anos 1980, entre outros (Lourenço, 2005). Desde então, têm-se desencadeado processos de reorganização de museus e colecções universitárias, também estimulados pelas organizações internacionais (*UMAC* e *Universeum*) bem como pela já referida Recomendação do Conselho da Europa, que recomendou directamente às universidades que assumissem responsabilidade pela preservação e acessibilidade pública do seu património (Clercq, 2006; Kozak, 2007).

Actualmente, são em grande número os museus universitários que têm vindo a ser renovados e repensado o seu papel no seio das universidades, afirmando-se como importantes ‘janelas institucionais’ das Universidades para a sociedade contemporânea. São museus cujo vínculo pode não passar pela gestão directa de uma faculdade ou departamento, mas antes, pela criação de uma nova entidade orgânica acima das faculdades ou de estruturas de gestão autónomas (Clercq, 2006). Do ponto de vista da reorganização de colecções, a tendência que se verifica com maior

predominância é a do ‘modelo de integração’, concentrando todas as colecções ‘sob o mesmo tecto’, ou seja, sob um único museu renovado ou constituído de raiz. Alternativamente, a integração ser apenas institucional e não física, através da criação de uma nova estrutura orgânica (museu ou não) que gere transversalmente os diferentes museus e colecções – e, por vezes, arquivos e bibliotecas históricas – que se encontram fisicamente dispersos (Lourenço & Ferriot, 2004; Lourenço, 2005).

Portugal, apesar de um património universitário bastante significativo, concentrado sobretudo em Lisboa, Porto e Coimbra, ainda tem um longo caminho a percorrer no que diz respeito à sua preservação e acessibilidade. Nenhuma das três universidades olhou para o seu património no conjunto, nenhuma possui uma política integrada para colecções e museus e as iniciativas de reorganização são parciais e fragmentadas. O que mais se aproxima de uma reforma estrutural a médio prazo, mas cuja avaliação ainda está por fazer, é a recente reorganização dos museus científicos da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra, que adoptou o modelo de integração ‘debaixo do mesmo tecto’. Foi criada uma nova entidade museológica, o Museu da Ciência da Universidade de Coimbra,⁸⁷ que integrou sob a sua alçada todos os acervos científicos e, em 2008, o Museu foi constituído em fundação (Mota 2009; Pires & Pereira, 2010). Ficam de fora, porém, os museus e colecções das Faculdades de Medicina e Farmácia, bem como o precioso património artístico, *memorabilia* institucional e estudantil e património edificado, que possuem outros modelos de gestão (em curso ou desenvolvimento).

Julgo que, no contexto português, a Universidade de Lisboa poderá ser a que se encontra em melhores condições para estabelecer uma política integrada e coerente para o seu património cultural, sobretudo por duas razões. Em primeiro lugar, porque efectuou recentemente um Levantamento sistemático de todas as suas colecções e em segundo lugar porque lançou, como vimos, nos Estatutos da nova Unidade Orgânica ‘Museus da Universidade de Lisboa’, o embrião de uma política concertada de preservação e acessibilidade que se estende a toda a Universidade. Resta, naturalmente, saber como essa política poderá ser implementada num quadro institucional que prevê a fusão da Universidade com a Universidade Técnica de Lisboa e num período de agravada crise económica.

2.4. Discussão

À semelhança de outras universidades europeias, a Universidade de Lisboa ao longo do seu

87 Cf. <http://www.uc.pt/museudaciencia>, acesso a 7 de Janeiro de 2012.

percurso e de uma forma sistemática, acumulou, planeou, organizou e reorganizou, transferiu, anexou e desmantelou vários museus, gabinetes e colecções. Nalguns casos, existiram apenas sob a forma de ideia em papel, outros em projectos ou em memórias descritivas. Noutros casos ainda, existiram de facto, sobretudo como estabelecimentos anexos de apoio ao ensino e investigação. Alguns acabariam, ao longo do séc. XX, por ser desvinculados.

O *vol d’oiseau* histórico apresentado neste capítulo permite-nos desde logo destacar dois pontos fulcrais que carecem ainda de maior aprofundamento. O primeiro está relacionado com a necessidade de se proceder a estudos históricos aprofundados sobre os museus e colecções aqui referidos (e, mais geralmente, sobre a história dos museus e colecções das universidades portuguesas). Na realidade, foram levantadas algumas fontes, mas as questões exploratórias são muitas. O segundo ponto está relacionado com os primeiros dois séculos de maior permanência da Universidade em Lisboa, o período dos Descobrimentos, do qual se desconhece a existência de utilização de artefactos destinados ao ensino. Certamente que é um aspecto que carece de mais investigação.

Entre os séculos XIX e XX, existiram dois períodos marcantes para constituição de museus e colecções na Universidade de Lisboa. O primeiro período, em meados do séc. XIX, onde se assiste a uma primeira organização e grande desenvolvimento de colecções em ‘museus’ de apoio ao ensino e investigação nas Escolas que deram origem à Universidade em 1911. O segundo período, pós-década de 1980, é caracterizado por reorganizações institucionais de colecções e museus já existentes. Grosso modo, estes períodos coincidem com a evolução dos museus e colecções universitárias na Europa nos últimos dois séculos (Lourenço, 2005; Clercq, 2006).

Devem destacar-se as décadas de 1950-60, onde se verifica um período de grande transformação e intenso debate em torno das novas instalações universitárias para Universidade, com a previsão de um *campus* universitário centralizador de todas as unidades de ensino, investigação, lazer, desporto e cultura. Neste contexto, previram-se pelo menos 13 propostas de reinstalação e constituição de novos museus. Importa de igual modo frisar ainda, que durante o século XX, a Universidade de Lisboa teve sob tutela dois museus nacionais, o Museu Nacional de História Natural e o Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos (Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia), um caso único em Portugal e raro na Europa.

A Universidade de Lisboa, no ano que comemorou o seu Centenário (1911-2011), realizou um importante Levantamento do seu património cultural que será desenvolvido no capítulo seguinte. Este Levantamento incluiu uma identificação dos pólos da universidade com colecções e património

histórico edificado de maior relevância, importante para o planeamento e adopção de medidas estruturais de gestão, preservação e divulgação destes importantes testemunhos patrimoniais.

Capítulo 3 - Levantamento do Património Cultural da Universidade de Lisboa (2010-2011)

Pretende-se neste capítulo apresentar o Levantamento do Património Cultural da Universidade de Lisboa (2010-2011) ao nível da metodologia, enquadramento teórico e resultados. No contexto desta dissertação, o Levantamento esteve na base da proposta de programação que será apresentada e discutida no capítulo seguinte. Na realidade, qualquer programação engloba o desenvolvimento de uma fase prévia de análise e avaliação da situação existente, quer se trate de uma entidade museológica quer estejamos perante uma outra instituição patrimonial (Rasse, 1997; *Plan Museológico*, 2006; Joly, 2009).

O Levantamento do Património Cultural da Universidade de Lisboa teve como base um levantamento preliminar realizado em 2007.⁸⁸ Este, por sua vez, tinha sido inspirado nos levantamentos australianos já referidos, desenvolvidos nos anos 1990 (*Cinderella Collections*, 1996; *Transforming Cinderella Collections*, 1998). Abrangeu apenas parte do património cultural da Universidade – pólos da Sétima Colina, da Colina de Santana e Tapada da Ajuda, tendo ficado por recensear todo o *campus* da Cidade Universitária e a Guia em Cascais. Apesar de incompleto, este primeiro diagnóstico foi determinante para a consolidação dos conceitos e metodologia de trabalho, alargado em 2010-2011 a todo o património cultural móvel e imóvel da Universidade.



Fig. 3.1 – Mapa dos cinco pólos da Universidade de Lisboa. O maior e mais importante é o pólo da Cidade Universitária (Brochura do Programa ‘100 Locais’ da Universidade de Lisboa, 2011).

88 M. C. Lourenço, *Levantamento Preliminar do Património Histórico, Científico e Artístico da Universidade de Lisboa*, 2007, documento interno.

Na altura do Levantamento, a Universidade de Lisboa detinha oito faculdades, nove institutos e dois museus no sentido moderno do termo definido pelo ICOM (actualmente estes dois museus fundiram-se num único, o Museu Nacional de História Natural e da Ciência, como vimos). Do ponto de vista da sua localização geográfica, estas infraestruturas encontram-se distribuídas por cinco pólos entre a Cidade de Lisboa e Cascais (Fig. 3.1):

- 1) no *campus* da Cidade Universitária estão concentradas a maioria das unidades académicas – as Faculdades de Direito, Letras, Psicologia, Medicina, Farmácia e Medicina Dentária, bem como o Hospital de Santa Maria, a Reitoria e três institutos, respectivamente, o Instituto de Ciências Sociais (ICS), o Instituto de Educação (IE) e o Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT);
- 2) na designada Sétima Colina, estão localizados o MNHNC e a Faculdade de Belas Artes, no Convento de São Francisco ao Chiado;
- 3) na designada Colina de Santana está localizado o antigo Instituto Bacteriológico Câmara Pestana;
- 4) na Tapada da Ajuda, o Observatório Astronómico de Lisboa, e por último;
- 5) em Cascais, o Laboratório Marítimo no Forte de Nossa S.^a da Guia.

No ano de Comemoração do Centenário da Universidade de Lisboa, o património cultural foi um eixo central na programação. Uma das linhas de acção estabelecidas pela Comissão para as Comemorações consistiu no desenvolvimento deste Levantamento, levado a cabo por uma equipa de trabalho pluridisciplinar, da ciência à história de arte e da museologia à conservação.⁸⁹ O Centenário da Universidade representou, deste modo, uma oportunidade única para a concretização de um diagnóstico desta natureza. A sua materialização foi de igual modo decisiva para uma segunda linha de acção, os ‘100 Locais’, iniciativa desenvolvida no âmbito da divulgação e acessibilidade do património cultural da universidade, que apresentarei mais adiante.⁹⁰

Assim, o Levantamento do Património Cultural da Universidade de Lisboa compreendeu três objectivos principais:

89 Grupo de trabalho criado para o Levantamento do Património Cultural da Universidade de Lisboa, constituído por Marta Lourenço (coordenadora), Ana Pascoal e Catarina Teixeira (bolseiras da Universidade de Lisboa).

90 A iniciativa os ‘100 Locais’, foi uma experiência-piloto no âmbito da divulgação do património cultural da Universidade de Lisboa, que decorreu durante os fins-de-semana de Março a Maio de 2010 (Cf. capítulo 4).

- 1) identificar a localização, dimensão e determinar o estado actual dos bens culturais móveis e imóveis das ciências, artes e humanidades, bem como a existência de documentação associada;
- 2) compreender de forma mais precisa a sua importância e o seu significado no seio da Universidade, na cidade de Lisboa e no país, e;
- 3) efectuar um diagnóstico exaustivo que permitisse a reflexão, o planeamento e a implementação de medidas de programação e gestão adequadas, quer ao nível da organização patrimonial e preservação, quer ao nível da sua interpretação e divulgação.

3.1. Metodologia Geral e Trabalho de Campo

Os levantamentos de museus, colecções e património realizados em contexto universitário podem variar no âmbito e incidir sobre uma ou várias componentes específicas. Os seus objectivos podem centrar-se em campos precisos, como por exemplo a gestão (Kelly, 2001) ou incidir sobre outras temáticas, como a conservação, as exposições, a acessibilidade, a missão ou mesmo à estrutura organizacional da instituição (Humphrey, 1992). A metodologia utilizada pode também variar. Após a definição de objectivos e missão, tipicamente são constituídos comités ou grupos de trabalho específicos. Os levantamentos são, de um modo geral, materializados através de entrevistas e visitas de campo para a recolha de informação, ou através de questionários administrados directa ou indirectamente no local. A conclusão destes diagnósticos remetem, sobretudo, para a realização de relatórios com recomendações gerais e específicas direccionadas às instituições de tutela e/ou governamentais. Esta avaliação do estado actual da situação é bastante relevante para no futuro poderem ser adoptadas medidas criteriosas e estratégicas, bem como responder a situações de maior carência e prioridade.

O Levantamento que aqui se descreve demorou exactamente um ano a ser realizado, entre Abril de 2010 e Março de 2011. Teve como base, um trabalho de campo sistemático, antecedido por uma fase de preparação que decorreu entre Abril e Junho de 2010, e que incidiu sobre duas vertentes:

- 1) A primeira, envolveu um levantamento das diferentes Unidades Orgânicas e seus contactos, acompanhado da compilação de legislação relevante (estatutos e regulamentos da Universidade, Faculdades, Institutos, etc.) e do levantamento do património imóvel classificado.

2) A segunda, envolveu a recolha e pesquisa bibliográfica e documental, nomeadamente, de levantamentos similares em universidades europeias, literatura sobre história do ensino superior e suas instituições em Portugal, dissertações e monografias, assim como catálogos de exposições, anuários, revistas e boletins da Universidade e respectivas Faculdades. Este trabalho de pesquisa, manteve-se durante todo o período do Levantamento, tendo sido recolhida e organizada uma considerável quantidade de material de apoio e fontes documentais e bibliográficas, incluindo iconografia inédita, fotografia histórica nos arquivos da Universidade e outros arquivos institucionais.⁹¹ Parte desta pesquisa bibliográfica e documental incidiu sobre a história das colecções e dos museus que a Universidade deteve no passado (Lourenço & Teixeira, 2011), cujo percurso e relevância foram abordados no capítulo 2.

Após estruturado o plano e a calendarização do Levantamento, o trabalho de campo foi conduzido de forma sistemática e continuada, recenseando exaustivamente cada unidade, num total de 45 visitas efectuadas entre Julho de 2010 e Março de 2011 (Cf. anexo A1). Em cada visita, procedeu-se à recolha manual de informação e ao preenchimento de uma ficha de registo de dados, que discutida em pormenor. Foi ainda realizado um registo fotográfico exaustivo, uma estimativa de artefactos – pontualmente facilitada com a existência de inventários, sobretudo no caso de colecções especificamente constituídas por professores universitários e em parte das colecções dos Museus da Universidade – assim como realizadas entrevistas sempre que possível dirigidas aos responsáveis pelas colecções.

Verificou-se, no geral, a necessidade de realização de visitas prévias de prospecção, com o objectivo de apresentação e contextualização do Levantamento e da equipa, bem como avaliação dos recursos necessários e estimativa da duração do trabalho. Aqui, surgiram algumas dificuldades, sobretudo nas unidades académicas, o que originou múltiplas visitas ao mesmo local: por um lado, face à dimensão, dispersão e acessibilidade restrita de grande parte das colecções e objectos; por outro lado, perante a dificuldade na determinação dos responsáveis directos pelos acervos, mas também pela falta de reconhecimento da existência de colecções e de ‘património cultural’, cujo significado conceptual era em grande parte desconhecido.

91 No Arquivo Histórico do Ministério da Educação, no Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana, no Arquivo Municipal / Fotográfico e Gabinete de Estudos Oisiponenses da Câmara Municipal de Lisboa.

3.1.1. Categorização e classificação do património cultural da Universidade de Lisboa

Antes de qualquer Levantamento (*survey*) é crucial definir o que se vai levantar. O Levantamento de 2010-2011 reformulou as categorias patrimoniais estabelecidas no levantamento preliminar de 2007. Em parte, esta revisão deveu-se à diversidade e heterogeneidade do conjunto de elementos patrimoniais, entretanto identificados, assim como a necessidade de definir uma nova categoria. Em 2007, tinham sido consideradas cinco categorias patrimoniais: Património Imóvel (IM); Colecção (COL); Museu (MUS); Arquivo Histórico (ARQ) e Biblioteca Histórica (BIB). Destas cinco tipologias, foi considerado que as quatro últimas podem ser reunidas na categoria Colecção (colecções de livros, colecções de documentos, colecções em museus). Por outro lado, face à quantidade e singularidade de obras de arte decorativa e arte integrada, foi estabelecida uma nova categoria, a de Objecto Singular (OBJ). Assim, no Levantamento do Património Cultural da Universidade de Lisboa de 2010-2011, consideraram-se apenas três categorias: a) Colecção (COL); b) Património Imóvel (IM) (e.g. Observatório Astronómico, *Laboratorio Chimico*, edifício da Reitoria, etc); e c) Objecto (OBJ) (e.g. quadro, túmulo, mapa cartográfico ou um painel cerâmico), cada uma correspondendo a uma ficha de recolha de dados.

As definições de trabalho utilizadas para as três categorias do Levantamento constam da Fig. 3.2. (Cf. anexo A2). Na categoria Colecção foi adoptada a definição proposta por Lourenço (2005), apresentada no capítulo 2 e aqui alargada, como vimos, aos arquivos e bibliotecas de importância histórica. A designação ‘museu’ foi eliminada enquanto categoria do Levantamento, embora seja uma designação corrente na Universidade de Lisboa, nem sempre no sentido do ICOM e Lei-Quadro dos Museus. A utilização arbitrária destes dois conceitos, é de resto, umas das constatações apontadas em levantamentos similares de museus e colecções universitárias (e.g. *Cinderella Colletions*, 1996; *Transforming Cinderella Collections*, 1998). Na Universidade de Lisboa existiam apenas dois museus – o Museu Nacional de História Natural (não acreditado) e o Museu de Ciência da Universidade de Lisboa (acreditado), actualmente, Museu Nacional de História Natural e da Ciência (MNHNC).

CATEGORIAS		
Categoria	Designação	Definição de Trabalho
COL	Colecção	Conjunto de objectos dotados de uma coerência lógica interna no sentido de constituírem evidência material da actividade humana ou da natureza, reunidos deliberadamente de forma permanente ou temporária para um fim específico previamente estabelecido (Lourenço 2005). Tipicamente, nas universidades, esse fim específico é o apoio à investigação e ao ensino. A Categoria Colecção é aqui entendida no sentido lato e inclui Arquivos (colecções de documentos, fotografias) e Bibliotecas (colecções de livros).
OBJ	Objecto Singular	Objecto (ou par de objectos) dotado de coerência lógica interna no sentido de constituir evidência material da actividade humana (e.g. escultura, quadro, túmulo, etc).
IM	Edificado	Conjunto patrimonial edificado/integrado ou monumento arquitectónico singular dotado de coerência lógica interna no sentido de constituir evidência material da actividade humana (e.g. laboratório, observatório astronómico, etc).

Fig. 3.2 – Definições de trabalho das categorias utilizadas no Levantamento do Património Cultural da UL, 2010-2011.

Dada a diversidade prevista de estados de conservação, inventário e acessibilidade física das Colecções (incluindo as Colecções dos dois museus), tornou-se ainda indispensável classificá-las de acordo com estes três critérios. O sistema de classificação estabelecido (Fig. 3.3), que poderá ser melhorado em futuros levantamentos, permitiu uma melhor organização dos dados recolhidos. Apresenta quatro classes, sendo a Classe I aquela que corresponde aos *standards* mínimos ou nulos (levantando até dúvidas se deve ser designada ‘colecção’ ou um mero ‘agrupamento de objectos’) e a Classe IV aos *standards* museológicos comuns. Em teoria, todas as colecções de museus deveriam ser de Classe IV, mas a verdade é que nas universidades isso nem sempre acontece.

Sistema de Classificação das Colecções	
Designação	Definição
Classe I	<i>Colecção por catalogar e inacessível fisicamente</i> Colecção com menos de 50% dos objectos catalogados ou inventariados (no sentido museológico, uma mera lista não conta) e armazenada num local inacessível ou de difícil acesso – amontoada num armazém, numa cave ou num sótão.
Classe II	<i>Colecção por catalogar e acessível fisicamente</i> Colecção com menos de 50% dos objectos por catalogar ou por inventariar (no sentido museológico, uma mera lista não conta) mas armazenada com algum tipo de arrumação, ainda que minimal, num local acessível.
Classe III	<i>Colecção catalogada e acessível fisicamente</i> Colecção com pelo menos 50% dos objectos catalogados ou inventariados (no sentido museológico; uma mera lista não conta) e armazenada com algum tipo de arrumação, ainda que minimal, num local acessível.
Classe IV	<i>Colecção catalogada, acessível fisicamente e com standards de conservação</i> Colecção com pelo menos 50% dos objectos catalogados ou inventariados (no sentido museológico; uma mera lista não conta), armazenada com algum tipo de arrumação, ainda que minimal, num local acessível com segurança e <i>standards</i> mínimos de conservação e segurança (temperatura e humidade estáveis e acesso controlado).

Fig. 3.3 – Sistema de classificação utilizado para a categoria Colecção no Levantamento do Património Cultural da UL, 2010-2011.

3.1.2. Instrumentos de Recolha de Dados

Com os termos de referência estabilizados (categorias e classes) que, deve referir-se, foram testados em diversas visitas-piloto e várias vezes reformulados, foram desenvolvidos os instrumentos de recolha de dados para o trabalho de campo. Estes consistiram em fichas com campos consistentes e homogêneos para uma correcta identificação e caracterização dos diferentes elementos patrimoniais, possibilitando uma fácil comparação e análise entre parâmetros.

A ficha-tipo (Cf. anexo A3), é iniciada com um primeiro quadro de identificação do(s) elemento(s) patrimonial(ais), com a indicação da ‘Designação’. No caso das Colecções, por vezes o mesmo tipo assume designações diferentes em locais diferentes – por exemplo colecção de mapas parietais, quadros didácticos ou painéis pedagógicos – pelo que se tentou, sempre que possível, uniformizar a terminologia utilizada.

Segue-se o campo ‘Dimensão’, onde é indicado o número estimado de artefactos ou de itens. A cada Objecto, Colecção ou Imóvel foi ainda atribuído um ‘Número de Série’ interno, alfanumérico e semelhante a um número de inventário. Esta numeração consiste num conjunto de três siglas maiúsculas seguidas de uma numeração sequencial. A primeira sigla corresponde à identificação da instituição de tutela principal (Universidade de Lisboa, UL), seguida da unidade orgânica e da categoria patrimonial (OBJ, COL, IM) e, por último, um número sequencial (e.g. UL_FBA_COL007; UL_IBCP_OBJ002). O Número de Série permitirá mais facilmente a integração futura dos dados numa base de dados, por exemplo *online*.

É também identificada a ‘Unidade Orgânica’, entidade sob a qual o elemento patrimonial está directamente dependente, seguido da identificação da ‘Proveniência Institucional’, quando esta é diferente da anterior. São também registados a ‘Localização’, o ‘Pessoal Responsável/Director’ da Unidade e os contactos directos. No ‘Enquadramento Institucional e Legal’ regista-se, quando possível, a propriedade do elemento patrimonial e o seu enquadramento institucional (e.g. depósito, etc.). É de igual modo aferido se o elemento consta nos estatutos e regulamentos da Universidade ou das Unidades Orgânicas, ou se porventura consta nalgum diploma de classificação patrimonial. Por fim, é registada a ‘Data de integração’ na Universidade de Lisboa.

O terceiro quadro diz respeito à caracterização do elemento patrimonial. O quadro inicia-se com o campo ‘Descrição Histórica’, onde é incluída uma breve nota sobre a sua origem, motivos da sua constituição, funções adquiridas, localização exacta na unidade e percursos na instituição. Segue-se o campo ‘Relevância’, com referência à importância histórica, artística ou científica do elemento para a Universidade, para a cidade, país ou ao nível internacional. No campo ‘Utilização’,

descrevem-se os usos actuais (ensino, investigação ou fins expositivos/museológicos), bem como a sua frequência.

No estado do ‘Inventário’, é referida a sua existência parcial ou total, o formato, a acessibilidade e a sua disponibilização *online*. É verificada a existência de ‘Documentação’ associada referente ao elemento, bem como se a mesma se encontra organizada arquivisticamente. No campo ‘Estado de Conservação’, este é indicado segundo uma escala cinco de parâmetros,⁹² com particular enfoque no registo de patologias activas de degradação ou a realização de intervenções recentes de conservação e/ou restauro. Existe ainda um campo destinado ao ‘Pessoal’ directamente afecto ao elemento patrimonial, indicando o tipo de posição e sua qualificação. O último campo da ficha é destinado à ‘Bibliografia’.

Para além dos campos acima discriminados, foram criados outros, específicos para determinadas categorias. Assim, para a categoria de Objecto Singular (OBJ), definida em particular para as obras de arte, foi introduzido o campo ‘Título’, que pode ser diferente da ‘Designação’, ou seja a denominação originalmente atribuída pelo autor, ou pela qual ficou localmente conhecida ou ainda, pela associação à sua iconografia (Roberts, 2004) (e.g. Quadro de Américo Marinho “Médicos Observando”, Instituto de Anatomia, UL_FM_OBJ007). Foram introduzidos outros campos destinados à inserção da ‘Autoria’ da obra; da ‘Categoria’, pela classificação do objecto em função da sua tipologia (técnica, materiais ou função) (e.g. Pintura); ‘Data’ (execução/produção/manufactura, etc.); do ‘Ingresso’, com a indicação da data de ingresso na Universidade e das ‘Dimensões’ e ‘Materiais’. Para a categoria de Património Imóvel (IM), destacam-se ainda, os campos direccionados ao ‘Arquitecto/Autor’ e à ‘Classificação’ se existente.

3.2. Resultados

Uma das primeiras constatações decorrentes do Levantamento é que a Universidade é uma entidade complexa e dinâmica, composta por várias Unidades Orgânicas e estruturais, onde existe património cultural bastante diversificado e, organizado em diferentes níveis de utilização, acessibilidade e preservação. Numa primeira análise, a Universidade de Lisboa possui uma dimensão bastante considerável e diversificada de elementos patrimoniais históricos, artísticos, científicos e arquitectónicos, semelhante a outra universidade europeia da sua dimensão. Este resultado figurava-se expectável com base nos resultados já obtidos no levantamento Preliminar

92 Escala adoptada do *Plano de Conservação Preventiva, Bases Orientadoras, Normas e Procedimentos*, Temas de Museologia, Instituto de Museus e Conservação, Ministério de Cultura, 2007.

(2007). Porém, apesar da relevância e significado dos seus testemunhos patrimoniais, estes detêm pouca visibilidade e são em larga escala desconhecidos no seio da própria Universidade (muito menos do público em geral). Esta constatação é comum nos levantamentos de museus e colecções universitárias atrás referidos (e.g. *Cinderella Collections*, 1996).

No cômputo geral do Levantamento, destaca-se a heterogeneidade, variedade de tipologias e dimensão, áreas disciplinares envolvidas, níveis de organização, acessibilidade, estado de conservação e a acentuada dispersão geográfica do património cultural. A Universidade detém testemunhos patrimoniais de tipologias algo distintas e algumas bastante peculiares. Integra dois museus, um deles nacional; um jardim botânico; dois observatórios astronómicos; dois laboratórios históricos; um forte militar; um planetário; um antigo picadeiro e um convento histórico.

No que diz respeito à dimensão, do Levantamento não é possível determinar o número exacto de elementos patrimoniais, somente através da realização de um inventário exaustivo.⁹³ Contudo, estimam-se cerca de um milhão de objectos, colecções e edifícios históricos, artísticos e científicos. Ao todo, foram recenseadas 17 Unidades Orgânicas e estruturais da Universidade, nas quais se identificaram 214 colecções, objectos e imóveis (Cf. anexo A4 & A5). Deste total distinguem-se 153 colecções (71%), 37 objectos singulares (17%) e 24 imóveis (11%) (Fig. 3.4). A maioria deste património encontra-se localizado nas unidades académicas (Faculdades, Institutos e Departamentos) com 60%, seguido da Unidade Museus da Universidade com 33%, e por último, a Reitoria com 7% (Fig. 3.5).

Património cultural da Universidade de Lisboa: Distribuição por Categorias

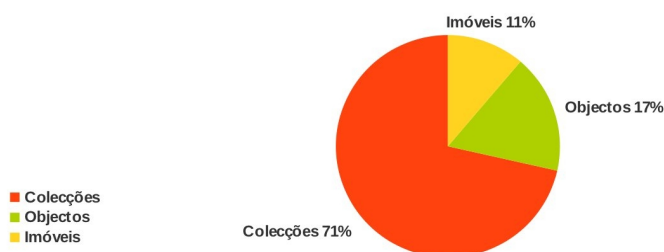


Fig. 3.4 – Distribuição do património cultural por categorias (em %).

93 Em Janeiro de 2012 foi iniciado um projecto de inventário do património cultural da Universidade de Lisboa, ancorado no sistema de documentação existente nos Museus da Universidade (ex-MNHN & MCUL), através do qual, se pretende iniciar o inventário, ao nível do objecto singular, do património cultural da Universidade.

Património Cultural da Universidade de Lisboa: Distribuição Institucional

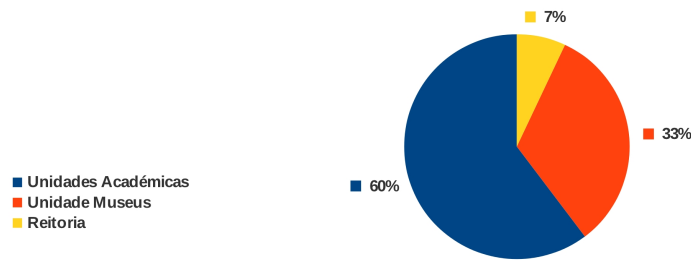


Fig. 3.5 – Distribuição institucional do património cultural da universidade (em %).

Do ponto de vista da distribuição geográfica, o património cultural da Universidade encontra-se disperso pelos cinco pólos (Fig. 3.6), da seguinte forma: o *campus* da Cidade Universitária engloba a maior percentagem (57%), seguido da Sétima Colina (36%), o Campo de Santana (4%), a Tapada da Ajuda (2%) e Cascais (1%).

Património Cultural da Universidade de Lisboa: Distribuição Geográfica

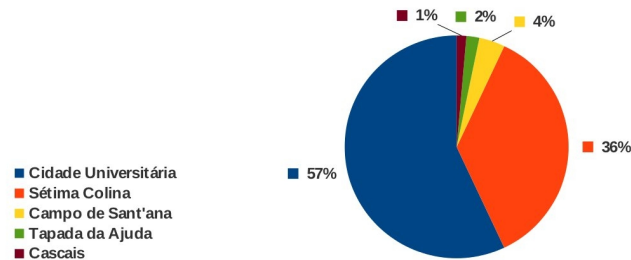


Fig. 3.6 – Distribuição geográfica do património por pólo universitário (em %).

Após estes dados gerais quantitativos, discutirei de seguida o diagnóstico das Colecções, Objectos e Imóveis identificados no Levantamento, combinando dados qualitativos e quantitativos. As colecções da Universidade de Lisboa compreendem um leque bastante variado de áreas do saber, das ciências sociais e humanas às ciências físicas, da terra e da vida, incluindo a medicina, a história natural, a física, a química, a astronomia e ainda a arqueologia, a antropologia, a cartografia, a arte sacra e contemporânea, entre outras. Como era previsível dada a sua dimensão, importância e história, as colecções compreendem todas as tipologias apresentadas no capítulo 2 deste estudo, que aqui relembro: colecções de ensino, colecções de investigação, colecções históricas de ensino e de

investigação e colecções de *memorabilia* institucional (Lourenço, 2005), a que acresce uma componente muito significativa de colecções de arte decorativa e integrada.

No que concernem as áreas disciplinares (investigação e ensino), as colecções podem agrupar-se em quatro núcleos (Fig. 3.7): colecções de história da universidade (onde se incluem os acervos biográficos e a *memorabilia* institucional) (3%); colecções dos arquivos e bibliotecas históricas (incluindo colecções documentais históricas, fundos e núcleos de livro antigo) (12%); colecções de arte & humanidades (20%), sendo a maior percentagem atribuída às colecções ditas científicas (64%).

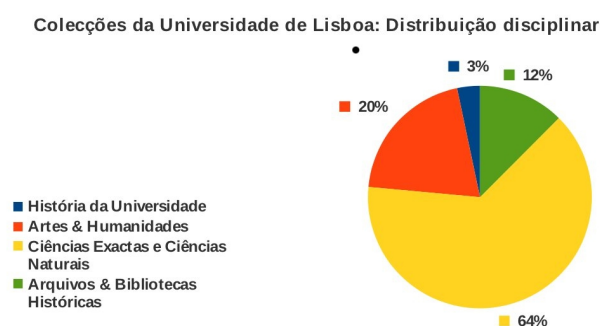


Fig. 3.7 – Distribuição das colecções por áreas disciplinares (em %).

Do ponto de vista da sua dimensão, as colecções da Universidade podem variar entre um pequeno grupo de objectos (<10 itens) a milhares de espécimes e artefactos, estas últimas localizadas na Unidade dos Museus, onde se encontram 63 colecções (41%). Nas unidades académicas encontra-se a maior quantidade de colecções, 82 colecções (64%) e na Reitoria 8 colecções (5%) (Fig. 3.8). A baliza cronológica é também heterogénea, sendo contudo a maioria das colecções correspondentes aos séculos XIX e XX.

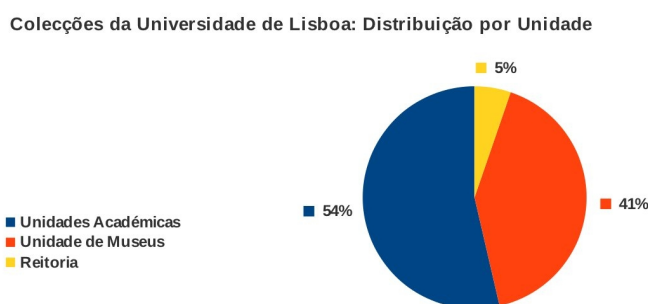


Fig. 3.8 – Distribuição das colecções por unidade orgânica (em %).

Do ponto de vista das classes definidas anteriormente (I-IV), os resultados são talvez melhores do que o esperado, tendo 73 colecções sido classificadas como de Classe IV (48%), isto é apresentam pelo menos 50 % dos seus objectos inventariados, estão acessíveis fisicamente e com standards mínimos de conservação e segurança (Fig. 3.9). Incluem-se aqui, naturalmente, a grande maioria das colecções localizadas na Unidade Museus da Universidade e algumas colecções das unidades académicas. Nestas, merecem destaque as colecções da Mapoteca do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (Classe IV), que conseguem conciliar de forma admirável uma utilização intensa para fins de ensino e investigação com os standards de conservação e segurança (Fig. 3.10). O mesmo acontece com a Colecção de Pintura da Faculdade de Direito, o Núcleo de Livro Antigo da Biblioteca da Faculdade de Medicina (Fig. 3.11) e as Colecções de Desenhos e Gravuras da Faculdade de Belas Artes (Fig. 3.12 & 3.13), todas de Classe IV.

Património Cultural da Universidade de Lisboa: Classificação das Colecções

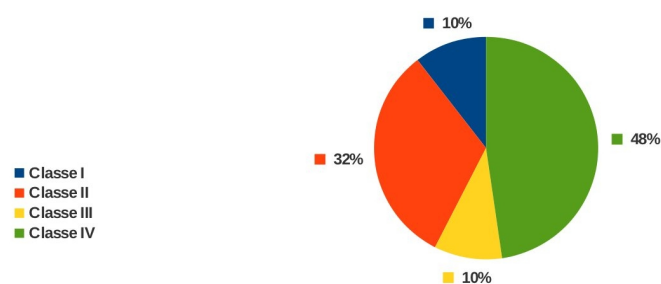


Fig. 3.9 – Classificação das colecções com base nos critérios de inventário/catalogação, acessibilidade física e conservação/segurança).



Fig. 3.10 & 3.11 – À esquerda, a Colecção de Mapas Parietais da Mapoteca do IGOT (Foto: C. Teixeira, Cortesia IGOT) e, à direita, pormenor da colecção do Núcleo de Livro Antigo da Biblioteca da Faculdade de Medicina (Foto: C. Teixeira, Cortesia FMUL).



Fig. 3.12 & 3.13 – À esquerda, pormenor do Desenho de Adolfo de Sousa Rodrigues (1867-1908), *Academia de Nu Feminino*, Paris, 1898, FBAUL/351/DA (Cortesia FBAUL), e à direita, pormenor do acondicionamento da Colecção de Desenhos e Gravuras da Colecção de Belas Artes (Foto: C. Teixeira, Cortesia FBAUL).

Como foi referido, à partida as colecções que se encontram nos Museus da Universidade enquadrar-se-iam na Classe IV. Contudo, verificaram-se várias excepções, que se prendem com múltiplas razões, desde o maior interesse no desenvolvimento de uma determinada linha de colecções (por exemplo herbários de musgos, etc.) ou colecções resultantes de trabalho de campo cujo tratamento é muito prolongado (por exemplo, fósseis). Esta situação é, de resto, comum a museus fora das universidades (museus de antropologia, arqueologia, etc.).

Em virtude da saída da Faculdade de Ciências da Politécnica ser recente, é também frequente a ‘descoberta’ regular de artefactos de interesse histórico nos Museus da Universidade. Por exemplo, a ladear o antigo Picadeiro do Colégio dos Nobres existem várias casas nas quais foram sendo armazenados ao longo do tempo diversos equipamentos histórico-científicos da Faculdade. Durante o Levantamento, estes equipamentos foram descobertos, destacando-se dois quadros didácticos a óleo atribuídos a Johann Theobald Silbermann (1806-1865) (Fig. 3.14), provavelmente de meados do séc. XIX (Breni, 2007)⁹⁴ e um sismógrafo Mainka adquirido em 1909 para o Instituto Geofísico do Infante D. Luís.

⁹⁴ Segundo Breni (2007), Silbermann terá ilustrado álbuns de instrumentação de física de apoio ao ensino e, realizado um conjunto de séries de quadros didácticos ilustrando fenómenos ópticos. Sobretudo estes últimos, foram comercializados por *Lerebours et Secretan*, um fabricante francês de instrumentos científicos. Existe uma importante colecção de quadros de Silbermann no departamento de física da Universidade do Mississípi, nos Estados Unidos da América.



Fig. 3.14. – Quadros didáticos de J. T. Silbermann (1806-1865), recentemente encontrados nas casas do entorno do Picadeiro dos Museus da Universidade (Foto: M.C. Lourenço, Cortesia MCUL).



Fig. 3.15. & 3.16. – À esquerda, aspecto geral do acondicionamento da Coleção de Gessos da Faculdade de Belas-Artes (Foto: C. Teixeira, Cortesia FBAUL) e, à direita, a Coleção de Pintura de Columbano Bordalo Pinheiro (quatro telas), 1907, da Faculdade de Medicina (Foto: J. N. Lamas, Cortesia FMUL).

Constatou-se que a segunda maior percentagem é referente à Classe II, com 49 colecções (32%), ou seja, estão acessíveis e apresentam um acondicionamento mínimo a razoável, embora o estado do inventário/catalogação dos objectos seja inferior a 50%. São exemplos, a Coleção de Gessos da Faculdade de Belas-Artes e a Coleção de Pintura de Columbano Bordalo Pinheiro da Faculdade de Medicina (Fig. 3.15 & 3.16). Nas restantes classes I e III (10% em ambas), existem respectivamente 16 e 15 colecções. Na primeira, enquadram-se as colecções que se encontram armazenadas em locais de acesso restrito ou mesmo inacessível (caves, corredores, sótãos, etc.), sem critério de acondicionamento e segurança mínimos, e com menos de 50 % dos objectos inventariados ou catalogados. São exemplos a Coleção de Painéis Didácticos da Faculdade de Farmácia, acondicionada num sótão (Fig. 3.17) e em situação semelhante, a Coleção de Painéis Didácticos do Instituto de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina, disposta numa área de arrumos comum

(Fig. 3.18).



Fig. 3.17 & 3.18 – À esquerda, pormenor da Colecção de Painéis Didáticos da Faculdade de Farmácia (Foto: A. Pascoal, Cortesia FFUL) num sótão e, à direita, a Colecção de Painéis Didáticos do Instituto de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina (Foto: A. Pascoal, Cortesia FMUL).

Na Classe III enquadram-se as colecções que já apresentam algum critério de acondicionamento, armazenamento, acessibilidade e possuem pelo menos 50% dos objectos inventariados ou catalogados. Como exemplos, destaco a Sala Museu Marcello Caetano da Faculdade de Direito (Fig. 3.19) e a Colecção de Biologia Animal da Faculdade de Ciências (Cidade Universitária) (Fig. 3.20).



Fig. 3.19 & 3.20 – À esquerda, a Sala-Museu Marcello Caetano na Faculdade de Direito (Foto: A. Pascoal, Cortesia FDUL) e, à direita, pormenor da Colecção de Biologia Animal da Faculdade de Ciências (Foto: C. Teixeira, Cortesia FCUL).

No que diz respeito à categoria Objecto, no Levantamento foram destacados 37 objectos pela sua singularidade artística e histórica, consistindo na sua maioria em obras de arte decorativa e integrada dos séculos XIX e XX. Os objectos encontram-se localizados sobretudo nas unidades

académicas, com exemplos ao nível da estatuária, pintura e tapeçaria (Fig. 3.21 & 3.22).



Fig. 3.21 & 3.22 – À esquerda, pormenor do Retrato de José Malhoa ‘Egas Moniz’ do ‘Museu de Egas Moniz’ na Faculdade de Medicina (Foto: C. Teixeira, Cortesia FMUL), e à direita, Tapeçaria Mural de Rogério Ribeiro, *No Limiar da Idade Atómica* (1960), Gabinete do Reitor, Reitoria da Universidade de Lisboa (Foto: J. N. Lamas, Cortesia UL).



Fig. 3.23 & 3.24 – À esquerda, aspecto do Túmulo quando do seu descerramento⁹⁵ e, à direita, aspecto actual do túmulo quando da sua recolocação no átrio dos Museus da Universidade (Foto: M. C. Lourenço, Cortesia MNHNC).

Destaca-se ainda a existência de um túmulo setecentista de Fernão Telles de Menezes e de Maria de Noronha, fundadores do Noviciado da Cotovia (1619), provavelmente atribuído ao arquitecto régio Pedro Nunes Tinoco (? - 1641).⁹⁶ O túmulo encontrava-se nas antigas cavaliças da Escola Politécnica desde meados do séc. XIX (Veiga, 2009), sendo posteriormente entaipado numa casa de função. Somente em 2011, no âmbito do Centenário da Universidade de Lisboa, foi desemparedado e divulgado ao público numa das visitas da iniciativa ‘100 Locais’ (Fig. 3.23 &

⁹⁵ Cf. <http://www.cmjornal.xl.pt/detalhe/noticias/outros/domingo/vidas-com-um-tumulo-ao-lado>, acesso a 27 de Março de 2012.

⁹⁶ Segundo dados apurados recentemente por Vítor Serrão, Historiador e Professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

3.24). Recentemente foi trasladado e recolocado no átrio de entrada do edifício principal dos Museus da Universidade (local de origem), onde integra desde Fevereiro de 2012 a exposição permanente “Memória da Politécnica: Quatro Séculos de Educação, Ciência e Cultura”, comissariada por Fernando António Baptista Pereira (Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa).

Finalmente, no que concerne o património imóvel da Universidade de Lisboa, para o Levantamento foram recenseados 24 edifícios, conjuntos edificados ou integrados. Os imóveis estão balizados entre os séc. XIII, XVIII, XIX e XX, mas são sobretudo os núcleos dos séc. XIX e XX que apresentam maior singularidade.

Do ponto de vista do património científico edificado, em particular do séc. XIX, destacam-se os de maior relevância nacional e internacional: o *Laboratorio Chimico* e *Amphitheatro* da Escola Politécnica, Museus da Universidade (Fig. 3.23); o edifício histórico e laboratório de aulas/bacteriologia do antigo Instituto Bacteriológico Câmara Pestana (Fig. 3.24) e os dois observatórios, o Observatório Astronómico de Lisboa, na Tapada da Ajuda (de tipologia de investigação) e o Observatório Astronómico da Escola Politécnica (de tipologia de ensino) (Fig. 3.25 & 3.26).



Fig. 3.25 & 3.26 – À esquerda, aspecto interior do *Amphitheatro* do *Laboratorio Chimico* (Foto: P. Cintra, AHMCUL) e, à direita, o Laboratório de Bacteriologia do antigo Instituto Bacteriológico Câmara Pestana (Foto: M. Proença, Arquivos da UL).



Fig. 3.27 & 3.28 – À esquerda, o Observatório Astronómico da Escola Politécnica no Jardim Botânico (Foto: M. Heller, *Ministère de la recherche*, Paris, Arquivo AHMCUL) e, à direita, o Observatório Astronómico da Tapada da Ajuda (Foto: R. Agostinho, Cortesia OAL).

Já no séc. XX, e de maior significado do ponto de vista arquitectónico e de arte integrada, realçam-se os edifícios construídos no *campus* da Cidade Universitária: o Hospital Académico, da autoria do arquitecto Hermann Diestel (1875-1945), onde se encontra a Faculdade de Medicina; o complexo da Reitoria (Fig. 3.28), Faculdade de Direito e Faculdade de Letras, traçado pelo arquitecto Porfírio Pardal Monteiro (1897 - 1957) (Pascoal, 2012); a Faculdade de Psicologia, pelo arquitecto Manuel Mendes Tainha (1922 -); o Edifício C8 da Faculdade de Ciências (Fig. 3.27) pelo arquitecto Gonçalo Byrne (1941 -); e o Instituto de Ciências Sociais pelo arquitecto Raúl Hestnes Ferreira (1931-). Estes três últimos foram distinguidos com Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura, respectivamente em 1991, 2000 e 2002.⁹⁷



Fig. 3.29 & 3.30 – À esquerda, o Edifício C8 da Faculdade de Ciências⁹⁸ e, à direita, aspecto do interior da Aula Magna

97 Cf. <http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/008/index.php?ml=12&x=12.xml>, acesso a 29 de Novembro de 2011.

98 Cf. <http://ulisses.cm-lisboa.pt/data/002/008/index.php?ml=12&x=0109.xml>, acesso a 29 de Novembro de 2011.

A Universidade detém ainda um conjunto de edifícios históricos pré-existentes, como o já referido antigo Picadeiro do Real Colégio dos Nobres (1766);¹⁰⁰ o Convento de São Francisco da Cidade (séc. XIII–XIX) (Faculdade de Belas Artes);¹⁰¹ o forte militar setecentista onde está localizado o Laboratório Marítimo da Guia (Faculdade de Ciências)¹⁰² e o edifício designado ‘Castelinho’ (1892), localizado na Quinta da Torrinha na Cidade Universitária, onde funcionou a primeira sede da Faculdade de Farmácia a partir da década de 1920.¹⁰³

Ao nível da protecção e classificação patrimonial, dez imóveis da Universidade estão classificados como Monumento de Interesse Nacional (MIN), Imóvel de Interesse Público (IIP), Conjunto de Interesse Público (CIP),¹⁰⁴ em vias de classificação ou abrangidos por zonas de protecção em quatro dos cinco pólos. Na Sétima Colina destaca-se o Jardim Botânico, classificado recentemente como MIN¹⁰⁵ e, em adição, integrado numa Zona Especial de Protecção da Avenida da Liberdade e área envolvente. A aguardar classificação como IIP, encontra-se o *Laboratorio e Amphitheatro Chimico*.¹⁰⁶ Estão ainda classificados como IIP dois edifícios: o Picadeiro do Colégio dos Nobres¹⁰⁷ e o Convento de São Francisco da Cidade ao Chiado.¹⁰⁸

Na Colina de Santana, o edifício histórico do antigo Instituto Bacteriológico Câmara Pestana está abrangido por duas Zonas de Protecção.¹⁰⁹ No pólo da Ajuda, o Observatório Astronómico de Lisboa encontra-se abrangido pela classificação de Conjunto de Interesse Público da Tapada da Ajuda.¹¹⁰ E, em Cascais, o Forte de Nossa Senhora da Guia está classificado como IIP.¹¹¹ No pólo da Cidade Universitária, não existe até ao momento, qualquer classificação atribuída aos imóveis

99 Cf. http://www.ul.pt/portal/page?_pageid=173,169063&_dad=portal&_schema=PORTAL, acesso a 29 de Novembro de 2011.

100 O Picadeiro é actualmente utilizado para a realização de exposições temporárias dos Museus da Universidade.

101 Cf. http://memoria.ul.pt/index.php/Antigo_Convento_de_S._Francisco_da_Cidade_%28Faculdade_de_Belas_Artes%29, acesso a 29 de Novembro de 2011.

102 Cf. http://memoria.ul.pt/index.php/Edif%3%ADcio_do_Laborat%3%B3rio_Mar%3%ADtimo_da_Guia_%28Cascais%29, acesso a 29 de Novembro de 2011.

103 Cf. http://memoria.ul.pt/index.php/Castelinho_%28Quinta_da_Torrinha%29, acesso a 29 de Novembro de 2011.

104 A nomenclatura foi recentemente revista e os imóveis podem ser agora classificados como monumentos, conjuntos ou sítios de interesse nacional, público e municipal. Cf. Decreto-Lei n.º 308/09. *D.R. I Série*. 206 (09-10-23).

105 Decreto n.º 18/2010. *D.R. I Série*. 250 (10-12-28) 5967.

106 Portaria n.º 529/96. *D.R. I Série-B*. 228 (96-10-01).

107 Decreto n.º 95/78. *D.R. I Série*. 250 (78-09-12) 1898. Para além da sua integração na Zona Especial de Protecção do Jardim Botânico.

108 Decreto n.º 45/93. *D.R. I Série-B*. 280 (93-11-30) 6700.

109 Edifício principal do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana integrado na Zona Especial de Protecção do Campo de Santana / Campo Mártires da Pátria (Decreto n.º 2/96. *D.R. I Série*. 56 (96-03-06) 450) e incluído na Zona de Protecção do Ascensor do Lavra, Monumento Nacional (Decreto n.º 5/2002. *D.R. I Série-B*. 42 (02-02-19) 1366).

110 Incluído na classificação da Tapada da Ajuda como Conjunto de Interesse Público (Decreto n.º 5/2002. *D.R. I Série-B*. 42 (02-02-19) 1369).

111 Decreto n.º 129/77. *D.R. I Série*. 226 (77-09-29) 2391. O forte encontra-se ainda incluído na Área Protegida de Sintra - Cascais.

existentes, embora o edifício da Torre do Tombo na Alameda da Universidade se encontre em vias de classificação e a zona de protecção definida, abranja parcialmente a área das Faculdades de Letras e Ciências da Universidade de Lisboa.¹¹²

Resumindo, e traçando um ponto de comparação com um outro levantamento recente de património universitário, sobretudo do ponto de vista metodológico, merece destaque a iniciativa desenvolvida pela *University College London* (UCL). A UCL, fundada em 1826, com 25 mil alunos,¹¹³ conta actualmente com 10 Faculdades, três grandes museus e cinco pólos de colecções visitáveis.¹¹⁴ Entre 2007 e 2009, a UCL realizou um levantamento onde apurou cerca de 380 mil objectos em 18 colecções localizadas nas faculdades e em mais de 100 Departamentos. Os seus objectivos visaram a aferição das tipologias, dimensão, nível de utilização e conservação, assim como o significado e a importância das colecções como recursos de ensino e de investigação. Pretendeu-se, de igual modo, reunir a informação necessária para um futuro planeamento estratégico das colecções, com vista ao incremento da sua acessibilidade e maior entrosamento com o público em geral. Foi desenvolvida uma metodologia própria, divulgada posteriormente sob a forma de um manual de procedimentos.¹¹⁵

Fazendo uma breve comparação com a Universidade de Lisboa, a dimensão da população de estudantes é em tudo muito semelhante à da UCL, com cerca de 23 800 mil alunos,¹¹⁶ assim como na dimensão das unidades de ensino e de investigação. Difere na data de refundação, já no séc. XX, mas como referido, detentora de importantes testemunhos patrimoniais sobretudo dos séc. XVIII e XIX. Analisando os objectivos e a metodologia empregues no *survey* da UCL, estes revelam similitudes com o Levantamento desenvolvido na Universidade de Lisboa.

Contudo, apresenta uma distinção significativa na sua abrangência. Para o Levantamento da UCL foram apenas consideradas colecções e na Universidade de Lisboa foram consideradas três categorias patrimoniais (Objectos Singulares, Colecções e Imóveis) de relevância histórica, artística e científica. Em Lisboa foram desenvolvidos instrumentos de recolha específicos para cada categoria e, à semelhança da UCL, com o objectivo de aferir elementos caracterizadores da sua

112 Anúncio n.º 6998/2011. *D.R. II Série*. 100 (11-05-24).

113 Cf. <http://www.ucl.ac.uk/>, acesso a 26 de Março de 2012.

114 O Petrie Museum of Egyptian Archaeology, o Grant Museum of Zoology e o UCL Art Museum e, ainda, as colecções de geologia, etnografia, ciências, o Institute of archaeology e a Galton collection. Cf. <http://www.ucl.ac.uk/museums/>, acesso a 26 de Março de 2012. Cf. <http://www.ucl.ac.uk/museums/>, acesso a 26 de Março de 2012.

115 Cf. *The UCL Collections Review, Toolkit*: <http://www.ucl.ac.uk/museums/review>, acesso a 19 de Novembro de 2011.

116 Dados obtidos no Documento de Trabalho, *Fusão da Universidade Clássica e da Universidade Técnica de Lisboa*, Janeiro de 2012. Cf. <http://www.ul-utl.edu.pt/home.html>, acesso a 26 de Março de 2012.

dimensão, utilização e acessibilidade, relevância, inventário e estado de preservação. Do ponto de vista da análise dos resultados obtidos, salienta-se o facto do número de colecções identificadas ser significativamente inferior ao apurado na Universidade de Lisboa, embora se revele de igual modo um cenário de acentuada dispersão geográfica.

Os resultados do Levantamento do Património Cultural da Universidade de Lisboa foram divulgados em diferentes vertentes. No âmbito das Comemorações do Centenário da Universidade foi editada uma publicação, o *Património da Universidade de Lisboa: Ciência e Arte* (Lourenço & Neto, 2011), que incluiu treze artigos e um Directório de Colecções, resultado directo do Levantamento. Em simultâneo, os resultados foram apresentados em duas bases de dados. A primeira, a *Memória da Universidade - Uma Enciclopédia do Ensino, Ciência e Cultura na História da Universidade de Lisboa*,¹¹⁷ onde estão disponibilizadas todas as fichas detalhadas dos elementos patrimoniais identificados. A segunda, em virtude de uma parceria realizada entre a Universidade de Lisboa e o Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana (IHRU), que consistiu na partilha de informação sobre o património histórico edificado da Universidade com a base de dados do SIPA (Sistema de Informação para o Património Arquitectónico).

Um outro eixo de divulgação da metodologia e discussão dos resultados preliminares do Levantamento consistiu na apresentação de duas comunicações em conferências da especialidade. A primeira decorreu na Universidade de Ghent, Bélgica,¹¹⁸ e a segunda, no XI Annual Meeting do University Museums and Collections (UMAC).¹¹⁹ Esta última comunicação encontra-se no prelo para a próxima edição do *UMAC Journal*. Será ainda apresentada uma outra comunicação, sobre as perspectivas futuras para o património cultural da Universidade de Lisboa no próximo encontro do *Universeum European Academic Heritage Network*.¹²⁰

Do ponto de vista da divulgação e acessibilidade do património cultural da Universidade de Lisboa, foi realizado um conjunto de 24 passeios destinados ao público em geral, com base no património identificado previamente no Levantamento. Esta iniciativa será desenvolvida com maior detalhe no capítulo 4, como estudo de caso de divulgação e acessibilidade. Encontra-se ainda em desenvolvimento a realização de um relatório dirigido à Universidade de Lisboa, com um conjunto

117 Cf. <http://memoria.ul.pt>, acesso a 29 de Novembro de 2011.

118 Pascoal *et al.*, “Surveying the scientific and artistic heritage of the University of Lisbon: Scope, methodology and preliminary results”, “Academic Culture Of Remembrance”, Ghent University Library, 16-17 de Março de 2011, comunicação não publicada.

119 Pascoal *et al.*, “The University of Lisbon’s scientific and artistic heritage survey: Methodology and results”, “University Museums and Collections, University History and Identity”, XI UMAC Annual Meeting, Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, 21-25 de Setembro de 2011, comunicação no prelo.

120 XIII *Universeum Network Meeting*, a realizar-se na Norwegian University of Science and Technology (NTNU), Trondheim, Noruega, 14-16 de Junho de 2012. Cf. <http://www.universeum.it/>, acesso a 20 de Janeiro de 2012.

de futuras recomendações e medidas a adoptar para a organização, preservação e incremento da acessibilidade e divulgação do património cultural.

3.3. Discussão

O Levantamento revelou-se, de um modo geral, uma ferramenta de extrema utilidade para o diagnóstico do património cultural da Universidade de Lisboa, com vista à definição de um futuro modelo de organização estrutural e de gestão dos seus testemunhos patrimoniais. Possibilitou, de igual modo, o apuramento das principais carências e prioridades, assim como permitiu à Universidade conhecer um pouco melhor a sua história, o seu património e ancorar a reflexão sobre os desafios futuros na sua manutenção e preservação.

Do ponto de vista do reconhecimento institucional, o Levantamento contribuiu para uma maior consciência interna da necessidade de preservação, acessibilidade e divulgação. Para além disso, o reconhecimento da importância e potencial das colecções e museus que se traduz, a médio prazo, numa oportunidade de maior visibilidade da instituição e de definição de uma identidade própria (Kozak, 2006). A maior parte do património cultural identificado e sua relevância é largamente desconhecida na Universidade e para o público em geral.

Importa ainda destacar o desenvolvimento das ferramentas metodológicas utilizadas no Levantamento, tendo como ponto de partida, outros levantamentos realizados sobre museus e colecções universitárias, sobretudo os australianos (*Cinderella Collections*, 1996 e o *Transforming Cinderella Collections*, 1999). Foi de igual modo importante a estabilização de conceitos para uma correcta identificação e enquadramento das tipologias patrimoniais, respectivamente, em termos do que efectivamente é uma colecção de objectos (Lourenço, 2005) e no que consiste um museu (ICOM, Lei-Quadro).

De igual relevância, destaca-se o desenvolvimento do sistema de classificação das colecções, que se revelou extremamente útil para a avaliação do seu estado actual. A sua pertinência assume uma dimensão conceptual bastante importante para levantamentos da mesma natureza, cuja divulgação à comunidade específica se releva imprescindível. Actualmente, o Museu de Astronomia e Ciências e Afins (MAST) do Rio de Janeiro utiliza o sistema de classificação do Levantamento da Universidade de Lisboa no levantamento nacional do património científico brasileiro (Pascoal *et al.*, no prelo).

Do ponto de vista de resultados concretos, estes corresponderam em parte às expectativas

iniciais. A Universidade de Lisboa, à semelhança de muitas outras universidades europeias, detém um conjunto bastante considerável de testemunhos patrimoniais culturais, contemplando diferentes áreas do saber e tipologias. Ao nível da sua dispersão geográfica, o património cultural está localizado em cinco pólos distintos, colocando por isso desafios na sua gestão, preservação e divulgação. A acessibilidade é variável, existindo colecções cuja acessibilidade é restrita ou inexistente, e colecções localizadas na Unidade Museus da Universidade, interpretadas e expostas ao público em geral. O património cultural da Universidade necessita de um maior enquadramento institucional não se encontrando, em geral, inscrito nos Estatutos da Universidade e das respectivas Unidades Orgânicas e estruturais.

No que diz respeito ao estado de conservação e segurança este é bastante díspar, embora no geral se possa caracterizar entre o razoável e o bom. Nas unidades académicas, salvo algumas excepções como identificado, verifica-se uma maior vulnerabilidade de acondicionamento, segurança e standards mínimos de conservação. Contudo, saliente-se que a utilização regular, quer para o ensino quer para a investigação, é um factor primordial para a manutenção e preservação das colecções universitárias (Soubiran, 2010). É apenas quando as colecções se tornam obsoletas para o ensino e investigação que são postas de lado, transferidas para caves, arrecadações, sótãos ou outros locais inadequados, aumentando o risco de vulnerabilidade (Hernández, 2008) e, inevitavelmente, a sua perda. Também foram identificadas estas situações na Universidade de Lisboa, como vimos, sobretudo ao nível das colecções históricas e das colecções de património científico recente (pós-guerra) nas unidades académicas.

No caso particular das colecções de arte, verificou-se, em contraste, uma maior consciencialização para a sua preservação, porventura por ser mais imediato e fácil o reconhecimento da sua relevância, valor financeiro e artístico, ao contrário de outras tipologias de colecções universitárias (Lourenço, 2005; *Cinderella Collections*, 1996). São exemplos as colecções de arte integrada e decorativa da Faculdade de Medicina, na Faculdade de Direito cujo acervo de arte se encontra listado, a Reitoria e as colecções de apoio e resultantes do ensino na Faculdade de Belas Artes.

No que concerne às colecções de património científico recente, estas carecem de um enquadramento específico para a sua correcta preservação, assim como a definição de critérios para a selecção de artefactos (Thomas & Cuenca, 2010). Muitos destes equipamentos e objectos, ao deixarem de ser utilizados podem ser desvalorizados, desmantelados ou descontextualizados. Estes equipamentos, e outros de matriz mais 'histórica', foram identificados nas Faculdades de Ciências, Psicologia, Farmácia, Medicina Dentária e Medicina. Estão geralmente dispersos por escadas,

corredores, átrios, caves, sótãos e arrecadações, muito deles já desmantelados, não existindo nestas unidades qualquer tipo capacidade física, de meios e de recursos para o seu acondicionamento, manutenção e preservação.

São diversos os motivos que podem originar esta situação, tais como a rápida obsolescência face ao avanço da ciência e da tecnologia na investigação, a falta de espaço para o seu acondicionamento e o escasso reconhecimento do seu significado e relevância enquanto colecções patrimoniais (Soubiran, 2010). Neste âmbito, e ao nível internacional, destaca-se a publicação recente na Alemanha, das *Recomendações para as colecções científicas como infraestruturas de investigação*,¹²¹ estabelecidas pelo *German Council of Science and Humanities* (Conselho Alemão de Ciência e Humanidades), com um conjunto de recomendações para a preservação do património científico das universidades.

No decurso do trabalho de campo do levantamento, deparámo-nos ainda com algumas questões que se revelam preponderantes para a preservação das colecções. Em particular, nas unidades académicas, existe uma dificuldade real em identificar os responsáveis directos pelas colecções. Esta figura poderia variar entre o professor responsável pelo departamento, instituto, laboratório ou disciplina, ou coexistirem vários responsáveis intermédios por secções. Podem também não existir. No que concerne ao pessoal afecto directamente às colecções, implicando a sua supervisão e manutenção, a sua ausência foi constatada em múltiplos casos. Exceptuando os Museus da Universidade, verificou-se, em primeiro lugar, uma ausência da noção de património cultural e da relevância dos testemunhos à sua guarda. Em segundo lugar, um reduzido nível de formação ou a inexistência de pessoal com qualificação básica para a manutenção e preservação das colecções, uma realidade também constatada em levantamentos similares.

Ao nível do património histórico edificado, a Universidade de Lisboa possui edifícios e conjuntos edificados históricos-científicos de relevância internacional. A sua importância advém do seu estado de preservação *in situ* e coerência enquanto espaços (contentores) com colecções e documentação associada (conteúdo), colocando-os num contexto bastante particular e raro na Europa (Pascoal *et al.*, no prelo). O património edificado carece, no entanto, de maior protecção ao nível da sua classificação patrimonial.

Do ponto de vista da preservação, destacam-se a intervenção de restauro do *Laboratorio Chimico* e *Amphitheatro* da Escola Politécnica, realizada a primeira fase entre 2003 e 2007 (Leitão & Carneiro, 2011) e, em 2011, concluída a intervenção das áreas complementares, com a criação da reserva visitável da colecção de química. A intervenção foi distinguida em 2010 com o Prémio da

121 Cf. *Recommendations on Scientific Collections as Research Infrastructures*: <http://publicus.culture.hu-berlin.de/umac/otherdocuments>, acesso a 27 de Agosto de 2011.

Associação Portuguesa de Museologia para Melhor Intervenção de Conservação e Restauro, Menção Honrosa (Lourenço & Eiró, 2011). A aguardar restauro, encontra-se ainda, o Observatório Astronómico da Escola Politécnica, em avançado estado de degradação estrutural, de todos os edifícios históricos da Universidade aquele que porventura mais carece de uma intervenção urgente e futura valorização.¹²²

Por último, no que concerne à organização do património cultural, encontram-se actualmente em discussão na Universidade possíveis modelos de gestão com vista à sua sustentabilidade, preservação, divulgação e acessibilidade. A organização estrutural é actualmente descentralizada e fragmentada, sujeita à arbitrariedade. A Universidade detém apenas dois Museus (reestruturados) que integram, preservam e interpretam uma parcela do seu património cultural. Uma parte considerável das colecções encontra-se localizada nas Faculdades, Institutos e Departamentos, onde se mantém a sua utilização no ensino e na investigação. Ao nível do enquadramento actual da gestão do património cultural da universidade, na Unidade Museus constituída recentemente,¹²³ recai sobre esta, a futura responsabilidade na organização, manutenção e conservação das colecções existentes nas restantes Unidades Orgânicas.

No próximo capítulo, com base no diagnóstico realizado através do Levantamento, e no âmbito da programação museológica e cultural, serão apresentadas propostas de programação para os principais eixos e carências do património cultural da Universidade de Lisboa: a organização e a preservação; bem como a divulgação e acessibilidade.

122 Recentemente foi apresentada uma candidatura ao Fundo de Salvaguarda do Património Cultural pelo Museu de Ciência da Universidade de Lisboa: *Recuperação e Valorização do Observatório Astronómico da Escola Politécnica*, Museu da Ciência da Universidade de Lisboa, Maio de 2011, documento interno.

123 Despacho nº 15410/11, *D.R. II Série*. 218 (11-11-14).

Capítulo 4 - Valorização do Património Cultural da Universidade de Lisboa

Good management is about institutional sustainability,
professional ethics,
respect, loyalty, honesty, and dedication.

Gary Edson (2004: 145)

Neste capítulo, pretende-se aprofundar a reflexão sobre a valorização do património cultural da Universidade de Lisboa tendo como base o Levantamento apresentado, através de uma proposta de programação. Num primeiro momento discutem-se quatro eixos de programação – Organização, Preservação, Divulgação e Acessibilidade – e, num segundo momento, apresenta-se a proposta propriamente dita. Deve realçar-se, porém, que o futuro modelo (ou modelos) de organização do património cultural da Universidade de Lisboa se encontra actualmente em aberto e será inevitavelmente complexo, pelo que a proposta aqui apresentada é necessariamente genérica e carece de posterior desenvolvimento. O enquadramento teórico foi ancorado principalmente em Rivière (1993), Rasse (1997), *Plan Museológico* (2006) e em Lord & Market (2007).

Os modelos e técnicas de gestão importados directamente do meio empresarial têm vindo a influenciar o sector cultural desde a década de 1970. Como ferramentas teórico-práticas, a sua utilização é recorrente na programação e gestão cultural e museológica. Verificam-se em particular, nos processos de redefinição de identidade, missão e adopção de boas práticas de gestão em entidades museológicas (e.g. O'Byrne & Pecquet, 1979; Rasse 1997; Rasse & Girault, 1998). Nas últimas décadas, vários estudos têm sido publicados neste âmbito. Destacam-se algumas referências, primeiramente o modelo francês (e.g. Rivière, 1989, 1993; O'Byrne & Pecquet, 1979; Lassale, 1992; Rasse, 1997), seguido de literatura mais recente anglo-saxónica (e.g. Morre, 1998; Lord & Lord, 1997, 2001; Lord & Market, 2007) e espanhola (*Plan Museológico*, 2006).

Face à realidade patrimonial bastante heterogénea da Universidade de Lisboa, sobretudo a descentralização, os diferentes níveis de organização dos seus elementos patrimoniais, bem como o facto de a maioria não estar organizado em museus, deparei-me com a inexistência de um modelo teórico de programação (museológica) que pudesse ser aplicado directamente. Com efeito, não se pretendia desenvolver um programa parcial que visasse apenas uma das suas Unidades Orgânicas, mas antes um programa transversal, de base, que envolvesse a totalidade dos seus recursos patrimoniais e suas especificidades, com particular enfoque no planeamento estratégico para a

organização, a preservação, a acessibilidade e a sua divulgação.

Na literatura de programação museológica e cultural não existe uma uniformidade na utilização de conceitos, sendo aplicados termos diferentes para o mesmo sentido (Rasse, 1997; Neves, 2003). Salienta-se a referência quer a programação e a planeamento, e mais especificamente, a planos, programas ou projectos. O termo ‘programação’ pode ser entendido como uma “(...) técnica de estudo e um instrumento indispensável de coordenação e de controle” (O’Byrne & Pecquet, 1979: 74).

Já em Rivière (1993), a ‘programação’ consiste num processo concêntrico e encadeado, que se inicia com um programa conceptual geral, seguido de diversos programas até à realização de projectos de âmbito mais específico. No que concerne ao planeamento (estratégico), este é definido como a “determinação do futuro ideal para uma organização e as alterações necessárias para o alcançar” (Lord & Markert, 2007: 4). O conceito de ‘programa’ pode também ser entendido como “um instrumento de transmissão de informação e de directrizes resultante de estudos científicos” (O’Byrne & Pecquet, 1979: 76).

As metodologias de programação variam também consideravelmente na estratégia e modo de implementação (Rasse, 1997; Ladkin, 2008). Porém, no geral, destaca-se uma etapa comum, que consiste na necessidade prévia de realização de um levantamento, análise ou diagnóstico da entidade ou área funcional em estudo. Rasse caracteriza esta primeira fase da metodologia como o “estado da questão” ou “ponto de partida”, consistindo num diagnóstico exaustivo da situação que se pretende programar (Rasse, 1997: 170). Este diagnóstico será depois seguido de mais duas etapas, sendo a primeira a definição das linhas principais de orientação (“finalidade”) e a segunda a determinação dos “objectivos gerais” e “específicos” para três grandes domínios: a conservação, a investigação e a comunicação (Rasse, 1997: 170).

A metodologia desenvolvida no *Plan Museológico* (2006) designa de igual modo esta etapa inicial de avaliação, que permite identificar carências e estabelecer as principais prioridades de actuação. Implica também nesta fase, uma caracterização geral da entidade, do estado actual dos seus acervos e áreas funcionais, compilando as informações necessárias para estabelecer futuras propostas de programação.

Para a base conceptual deste estudo, foi adaptada a metodologia da programação museológica, entendendo o processo de programação (cultural) como um estudo de planificação dinâmico e faseado, que se materializa, em primeiro lugar, na realização de um diagnóstico preciso, identificando as principais necessidades a completar pela instituição, e que conduzem

subsequentemente à realização de programas e projectos mais concretos. Com base na revisão sumária de conceitos e metodologias, as propostas desenvolvidas são ancoradas em primeiro lugar, no Levantamento sistemático e exaustivo dos recursos patrimoniais históricos, artísticos, arquitectónicos e científicos, desenvolvido no capítulo 3. Os seus objectivos visaram, como analisado, o apuramento da localização, dimensão e relevância, acrescido de um diagnóstico do estado actual dos elementos patrimoniais, ao nível do inventário/catalogação, preservação, segurança e a acessibilidade física, essencial para a identificação das principais carências. No âmbito da caracterização da instituição e acervos, foi determinante a investigação preliminar apresentada no capítulo 2, versando a origem, natureza, constituição e organização recente dos museus e colecções da Universidade de Lisboa.

A segunda fase da metodologia contempla a formulação genérica de propostas de programação nos principais eixos definidos de acordo com os resultados do Levantamento. Apesar de serem desenvolvidos em separado, estes quatro eixos articulam-se entre si:

- a) a organização e a preservação, e
- b) a divulgação e a acessibilidade.

Neste último, será ainda apresentado um estudo de caso, os ‘100 Locais’, que consistiu numa iniciativa-piloto de divulgação e acessibilidade do património cultural da Universidade de Lisboa.

4.1. Programação: Organização e Preservação

Desde as décadas de 1980-90 têm vindo a ser adoptados diferentes modelos de gestão e reorganização para os museus, colecções e, mais geralmente, para o património universitário. Estes novos modelos procuram, em primeiro lugar, uma redefinição de objectivos, missão e identidade para as colecções e museus. Este é um processo, por vezes direccionado para a noção de património, colecções e museus, como ‘vitrina institucional’ das universidades para a sociedade contemporânea. Nesta óptica, o processo pode contribuir para uma maior representatividade e relevo da universidade na sociedade, consolidando uma imagem de marca (Kozak, 2007). Os modelos procuram, em segundo lugar, a preservação sustentada do património, bem como boas práticas de gestão dos recursos patrimoniais, humanos e financeiros. Este é, porventura, o maior desafio.

Apesar de tudo, não existe uma solução universalmente aplicável e o processo de reorganização

do património universitário é distinto e estruturalmente variável de universidade para universidade (Lourenço, 2005; Kozak, 2007; Hernández, 2008). No capítulo 2, abordei a tendência que se apresenta com maior expressão, a saber o modelo de integração, que pode consistir numa agregação física ou institucional das diferentes colecções e museus (Ferriot & Lourenço, 2004). O recurso a este modelo é facilmente compreensível se considerarmos, por um lado, a dispersão geográfica em geral do património cultural das universidades e, por outro, as diferentes tipologias patrimoniais, níveis de organização, recursos, divulgação e acessibilidade existentes.

Dentro desta tendência, existem duas variantes principais. A primeira consiste na inclusão das colecções e museus ‘sob o mesmo tecto’ (*under de same roof*),¹²⁴ ou seja, a sua integração num único museu central renovado ou constituído de raiz. Claramente, esta variante é a que permite uma maior coesão e visibilidade para o público em geral. A segunda consiste na manutenção dos recursos patrimoniais e sua relativa autonomia nas diferentes unidades da Universidade. Neste último caso, pode ser constituída uma ‘estrutura de cúpula’ centralizada (*umbrella structure*), que assume a gestão e a coordenação, sob a figura de uma nova Unidade Orgânica ou outra.¹²⁵ Pode igualmente ser adoptada uma estrutura em forma de ‘rede’ de articulação e coordenação das diferentes colecções e museus.¹²⁶

Nesta última variante, parece existir uma maior estreiteza na relação hierárquica das diferentes unidades que integram património cultural com o Reitor ou comité de instância superior na universidade (Lourenço, 2005). Outra vantagem desta estrutura é a representação e a comunicação em unísono das diferentes colecções e museus na instituição ‘parental’ (Edson, 2004), bem como a preservação da identidade de cada unidade, a optimização de recursos e o planeamento integrado (Ribeiro & Possas, 2006). Na Universidade de Lisboa, os museus que deram origem à nova Unidade Museus (antigos Museu Nacional de História Natural e Museu de Ciência)¹²⁷ já se encontravam na dependência directa da Reitoria. A vantagem mais óbvia, porém, consiste nos elementos patrimoniais ficarem em contexto e não serem deslocados e descontextualizados para um novo local (deslocação de resto impossível nos caso dos elementos patrimoniais *in situ*). A

124 Destacam-se alguns exemplos: o Museu de Ciências da Universidade de São Paulo, o Utrecht University Museum da Universidade de Utrecht, o Museo di Palazzo Poggi da Universidade de Bolonha, o Gustavianum Museum da Universidade de Uppsala, o Museu da Ciência da Universidade de Coimbra e o novo Museu da Universidade de Ghent, a ser inaugurado pela a ocasião das comemorações do seu bicentenário, em 2017, entre outros.

125 Este modelo estrutural foi o adoptado na grande maioria das universidades na Grã-Bretanha, com destaque para a University College London, Universidade de Reading, Dundee, Oxford, Cambridge, Manchester, St. Andrews (Lourenço, 2005), bem como a Universidade Complutense de Madrid e, mais recentemente, a Universidade de Lisboa.

126 Ao nível da constituição de redes, merecem destaque, a *Réseau des Musées de l'Université Libre de Bruxelles (ULB Musées)*, a Rede de Museus e Espaços de Ciências e Tecnologia da Universidade Federal de Minas Gerais, *Rete Nazionale di Sistemi Museali d'Ateneo*, em Itália.

127 A Unidade Museus da Universidade integrou estatutariamente o Museu Nacional de História Natural e o Museu de Ciências da Universidade de Lisboa. Cf. Despacho nº 15419/11. *D. R. II Série*. 218(11-11-14).

permanência nos locais de origem também possibilita que as colecções continuem relevantes para o ensino e investigação, um aspecto crucial para a sua sustentabilidade, ao mesmo tempo que podem adquirir, no todo ou em parte, uma dimensão pública.

A gestão e organização de património cultural sob uma estrutura reticular (em rede),¹²⁸ torna-se particularmente importante para o enquadramento da Universidade de Lisboa face à heterogeneidade do seu património. Na caracterização de estruturas de coordenação e gestão de entidades com diferentes recursos patrimoniais, Campagnolo (1998) refere a existência no tecido museológico nacional, de “modelos de interconexão unifuncional” ou “plurifuncional” (Campagnolo, 1998: 105). Ambos perfilam o conceito de organização e interligação em rede. O primeiro adequa-se à coordenação de várias entidades patrimoniais através de uma figura central, que não corresponde necessariamente a uma entidade museológica, e aqui a autora atribuí-lhe a figura de ‘rede de museus’. O segundo está imbuído no mesmo princípio, mas é perfilado através da existência ou constituição de um ‘museu-coordenador’ das demais entidades.¹²⁹

Do ponto de vista estrutural e orgânico, foi já referida a descentralização do património cultural da Universidade de Lisboa. A constituição recente da Unidade Museus da Universidade consigna na sua orientação o embrião da ‘tutela museológica’ ao nível da gestão, preservação e divulgação do património das restantes Unidades Orgânicas da Universidade. Analisando alguns exemplos de coordenação e organização do património universitário, destaco duas iniciativas que me parecem bastante relevantes para o contexto da Universidade de Lisboa: a primeira, o projecto da Rede dos acervos museológicos da Universidade de São Paulo, aqui, acrescido da adopção da metodologia de programação para o seu planeamento, e a segunda, a implementação da *Réseau des Musées de l'Université Libre de Bruxelles*.

O projecto da Rede dos acervos museológicos da Universidade de São Paulo surge com a criação em 2001, do Museu de Ciências da Universidade de São Paulo (MC-USP), actualmente na dependência directa do Conselho Deliberativo e Diretoria da Universidade.¹³⁰ Prévio à sua constituição, foi realizado um diagnóstico técnico e um levantamento das colecções e museus existentes, que teve como resultado a elaboração do *Diagnóstico sobre as Potencialidades Museológicas da Universidade de São Paulo*.¹³¹ O levantamento, conduzido entre 1999 e 2000, permitiu identificar quatro museus e 28 colecções (por eles designados ‘acervos museológicos’) descentralizados. A proposta final versou a constituição de uma rede universitária de acção e

128 O conceito de ‘rede’ definido por Campagnolo (1998), é atribuído a uma figura estrutural coordenadora de várias entidades museológicas, caracterizando-as, promovendo-as e integrando-as em conjunto, mantendo o seu vínculo e suas propriedades.

129 De resto, previsto na Lei-Quadro dos Museus (2004).

130 Cf. <http://www.usp.br/mc/historico.htm>, acesso a 7 de Janeiro de 2012.

131 Cf. <http://www.usp.br/mc/historico.htm>, acesso a 7 de Janeiro de 2012.

programação museológicas, coordenada por uma estrutura central, o novo Museu de Ciências.¹³² A sua constituição teve como objectivos principais a articulação dos diferentes acervos dos Órgãos e Unidades da Universidade de São Paulo, bem como dos recursos técnicos, humanos e espaços físicos. A missão do MC-USP integra o planeamento estratégico da valorização e difusão de todo o património cultural da Universidade de São Paulo.

No caso da *Université Libre de Bruxelles (ULB)*, em 2003 foi instituída a *Réseau des Musées de l'Université Libre de Bruxelles (ULB Musées)*, reunindo à época 10 museus (Gasparon & Nyst, 2006).¹³³ Os factores que motivaram a implementação desta estrutura na ULB são muito semelhantes ao panorama evidenciado pelo Levantamento de Lisboa. Destaca-se o factor da dispersão das colecções e museus da universidade distribuídos por quatro *campus*; a ausência de comunicação e articulação entre as diferentes entidades; a falta de reconhecimento institucional (sobretudo no caso das colecções); a disparidade de recursos humanos, financeiros, estado de preservação, visibilidade e divulgação, etc. (Nyst, 2010). Os objectivos da *ULB Musées* visaram fundamentalmente dois eixos de actuação: o primeiro, direccionado para visibilidade pública da Universidade, rede e seus museus, e o segundo, no domínio interno, direccionado para a gestão, valorização e preservação das colecções universitárias (Gasparon & Nyst, 2006).

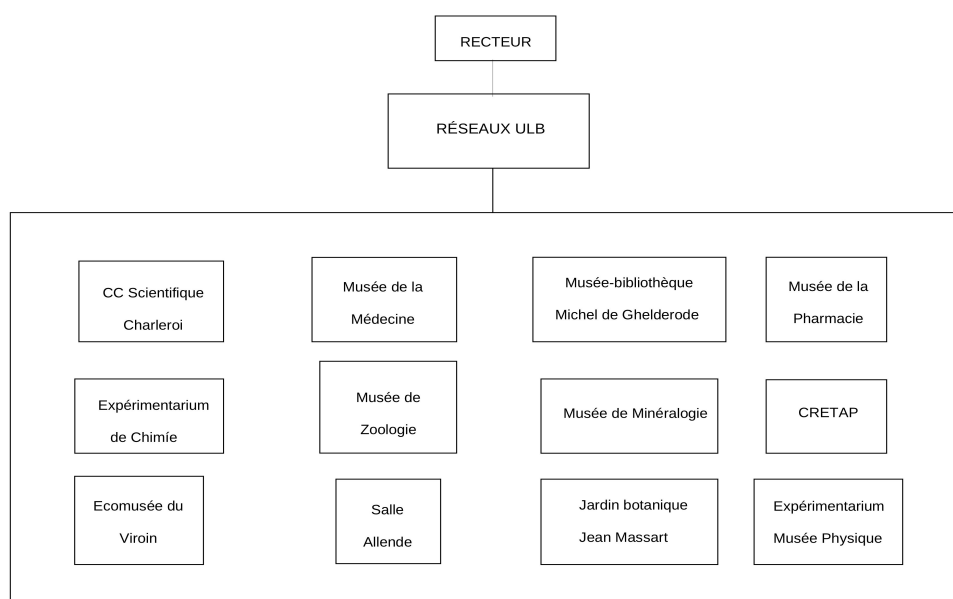


Fig. 4.1 – Diagrama da *ULB Musées*, que se encontra na dependência directa do Reitor, agregando actualmente 12 Museus da ULB.

132 Bruno, M.C.O., 2011. “Os desafios metodológicos para a elaboração e desenvolvimento de planos museológicos”, Seminário de Programação Museológica, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 30 de Setembro de 2011, não publicado.

133 Cf. <http://www.ulb.ac.be/musees/>, acesso a 8 de Fevereiro de 2012.

4.2. Programação: Divulgação e Acessibilidade

A difusão do património cultural ao público em geral consiste numa das funções basilares das instituições que detêm testemunhos patrimoniais à sua guarda (Hernández & Tresserras, 2001). No caso específico do património universitário, esta é também uma das linhas orientadoras da *Recomendação do Conselho da Europa de 2005* (Rec (2005) 13).

Actualmente, na própria Universidade de Lisboa, a visibilidade do seu património é escassa. A página *web* da Universidade dispõe de uma entrada para os designados ‘Espaços Museológico-Culturais’, que incluem o ‘Museu de Medicina’,¹³⁴ o Museu Nacional de História Natural e da Ciência (Museus da Universidade)¹³⁵ e o Observatório Astronómico de Lisboa.¹³⁶ Na lista não se encontra, porém, o ‘Museu Virtual da Faculdade de Belas Artes’,¹³⁷ nem existe qualquer ligação à base de dados onde se encontra descrito todo o património cultural da Universidade (*Memória da Universidade*).¹³⁸ Finalmente, nas actividades culturais regularmente desenvolvidas pela Universidade (a Universidade de Lisboa possui vários programas de extensão cultural), o papel dos museus e colecções é escasso, assim como é reduzida – senão nula – a presença destes nas principais listas de divulgação interna, à excepção dos Museus. O ano do Centenário foi uma excepção, como irei mostrar mais adiante.

Os Museus da Universidade são a única estrutura museológica que detém um programa expositivo, de difusão e comunicação. As restantes Unidades Orgânicas que integram colecções ou elementos patrimoniais, na sua maioria não possuem estrutura, mecanismos de difusão, comunicação, meios humanos ou recursos. No geral, apenas uma pequena parcela do património cultural possui a acessibilidade e visibilidade requeridas. A maioria dos recursos patrimoniais é largamente desconhecida no seio da universidade e do público em geral, ou era, pelo menos, até à realização da iniciativa ‘100 Locais’.

A promoção de uma imagem de marca da Universidade de Lisboa e do seu património cultural é uma das finalidades consignadas na nova unidade orgânica Museus da Universidade. Como vimos, várias universidades europeias têm procurado nos actuais modelos de gestão e de organização uma maior visibilidade para o seu património, seja pela constituição de um ‘museu-coordenador’ com uma forte componente de interpretação e acessibilidade ao público, seja pela constituição de uma

134 Cf. <http://www.museudemedicina.fm.ul.pt/desktopdefault.aspx>, acesso a 7 de Janeiro de 2012.

135 Cf. http://www.mnhnc.ul.pt/portal/page?_pageid=418,1&_dad=portal&_schema=PORTAL, acesso a 7 de Janeiro de 2012.

136 Cf. <http://www.oal.ul.pt/>, acesso a 7 de Janeiro de 2012.

137 Cf. <http://museuvirtual.fba.ul.pt/>, acesso a 7 de Janeiro de 2012.

138 Cf. http://memoria.ul.pt/index.php/P%C3%A1gina_principal, acesso a 7 de Janeiro de 2012.

unidade central ou rede de valorização e divulgação (e.g. *Pallazo Poggi Museum* da Universidade de Bolonha, Museu da Ciência da Universidade de Coimbra, *Réseau des Musées de l'Université Libre de Bruxelles*, etc.)

No âmbito das Comemorações do Centenário da Universidade, foi desenvolvida a iniciativa '100 Locais', que consistiu na primeira experiência integrada de acessibilidade e divulgação do património cultural da Universidade. A iniciativa foi ancorada no Levantamento e na identificação prévia das colecções, museus e património edificado. No geral, este projecto, pode constituir um contributo para a reflexão e o delineamento, a curto prazo, de um plano estratégico de difusão do património cultural da Universidade de Lisboa. O projecto é apresentado de seguida, como estudo de caso desta vertente de divulgação e acessibilidade.

4.2.1. Estudo de Caso '100 Locais'

A iniciativa '100 Locais' foi desenvolvida no âmbito do programa de Comemorações do Centenário da Universidade de Lisboa, como uma experiência-piloto para a acessibilidade e divulgação do património cultural. A sua programação incluiu um conjunto de 24 passeios realizados entre 12 de Março e 22 de Maio de 2011 (Anexo B1), envolvendo colecções, museus e diversos equipamentos nos cinco pólos da universidade, assim como espaços e instituições externas com ligações no passado à Universidade, desde o período medieval até aos dias de hoje (Fig. 4.3-4.8). Desta forma, a iniciativa contemplou por exemplo, visitas à Faculdade de Ciências Médicas da Universidade Nova de Lisboa (que ocupa actualmente o antigo edifício da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa), ao Instituto de Investigação Científica Bento da Rocha Cabral, à Academia de Ciências (onde funcionou o Curso Superior de Letras), ao Instituto Oftalmológico Gama Pinto e ao Museu Nacional de Arqueologia (herdeiro do antigo Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos), entre outros locais e instituições com ligações à Universidade.

Sob o binómio da (re)descoberta do passado e procura do futuro da Universidade, os passeios articularam história, arte e ciência, incluindo locais actuais de produção de conhecimento e de investigação na Universidade. Parte do programa dos '100 Locais' foi recentemente adoptado para a concepção dos *Itinerários Temáticos de Lisboa*,¹³⁹ organizados pela Divisão de Promoção e Comunicação Cultural da Direcção Municipal de Cultura da Câmara Municipal de Lisboa.

Para a iniciativa, foram convidados 133 personalidades para comentar os passeios, provenientes de diferentes esferas da sociedade e da cultura, cruzando áreas do saber numa perspectiva de

139 Cf. <http://itematicoslisboa.blogspot.com/>, acesso a 7 de Janeiro de 2012.

partilha de diferentes abordagens e olhares sobre o património e a memória, o passado, o presente e o futuro. A divulgação do evento foi realizada através dos canais de divulgação da instituição¹⁴⁰ e por meios de comunicação comuns. Em cada passeio foi distribuída uma folha de visita com informação complementar proveniente do ‘Directório de Colecções’ (Lourenço & Neto, 2011), que por sua vez resultou do Levantamento realizado.



Fig. 4.3 – Passeio 5 – Cidade Universitária – Faculdade de Letras e Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (20 de Março de 2011).



Fig. 4.4 – Passeio 8 - Alfama | Estudos Gerais (27 de Março de 2011).

140 Cf. <http://centenario.ul.pt/patrimonio>, acesso a 7 de Janeiro de 2012.



Fig. 4.5 – Passeio 12 - Eixo Chiado - Rato | Politécnica - Museus (Sala do Conselho da Escola Politécnica) (9 de Abril de 2011).



Fig. 4.6 – Passeio 13 - Eixo Chiado - Rato | Politécnica - Museus de Ciência (Laboratório Chimico e Anfiteatro) (9 de Abril de 2011).

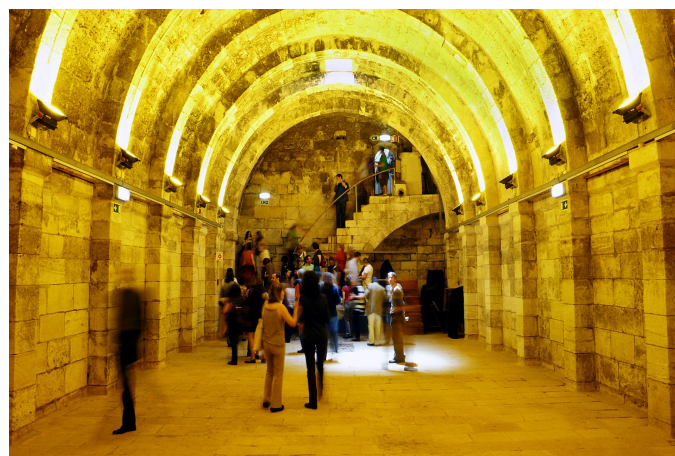


Fig. 4.7 – Passeio 21 - Eixo Chiado - Rato | Belas Artes (Cisterna da Faculdade de Belas Artes) (14 de Maio de 2011).



Fig. 4.8 – Passeio 24 - Ajuda, Belém e Cascais (Observatório Astronómico da Tapada da Ajuda) (21 de Maio de 2011).

Visto que se tratou de uma iniciativa inédita e piloto, que porventura poderá ser implementada, pelo menos em parte, numa futura valorização de divulgação e acessibilidade do património cultural da Universidade, foi realizada uma avaliação que consistiu no preenchimento de questionários pelos participantes dos passeios. Essa avaliação é de seguida apresentada de forma breve.

A. Instrumento de recolha de dados:

Para a avaliação dos ‘100 Locais’ foi adoptado o inquérito por questionário como método de recolha de dados.¹⁴¹ Procedeu-se à concepção de um modelo por preenchimento manual,¹⁴² administrado aos inquiridos em cada passeio. A escolha e o modo de implementação deste método tiveram como objectivo principal, a possibilidade de se poder realizar uma avaliação sistemática da iniciativa, através do estudo da amostragem dos 24 passeios. Optou-se pelo questionário presencial, uma vez que o grau de devolução dos mesmos poderia ser variável e, geralmente, pode revelar-se insuficiente ou pouco participado. O questionário foi administrado de forma directa, sendo o inquirido responsável pelo seu preenchimento, garantindo-se o seu anonimato para uma maior

141 “Consiste em colocar a um conjunto de inquiridos, geralmente representativo de uma população, uma série de perguntas relativas à sua situação social, profissional ou familiar, às suas opiniões, à sua atitude em relação a opções ou a questões humanas e sociais, às suas expectativas, ao seu nível de conhecimentos ou de consciência de um acontecimento ou de um problema, ou ainda sobre qualquer outro ponto que interesse os investigadores” (Quivy & Campenhoudt, 2004: 20).

142 Para a concepção do questionário, foi solicitada a colaboração da Doutora Maria João Freitas, investigadora auxiliar do Núcleo de Ecologia Social do Laboratório Nacional de Engenharia Civil, doutorada em Sociologia pelo Instituto Superior de Ciências do Trabalho.

fiabilidade dos resultados. Este método permitiu uma implementação autónoma, num curto espaço de tempo e com baixos recursos. Por fim, para a concepção do questionário foram tidos em conta dois objectivos principais, o primeiro, a caracterização do público participante, e o segundo, a avaliação da capacidade organizativa da Universidade para a implementação desta iniciativa.

Previu-se uma amostragem diversificada, uma vez que a iniciativa se destinava ao público em geral. Desta forma, para a concepção do questionário utilizou-se uma linguagem uniforme e coerente, formulando questões de estrutura clara e inequívoca.¹⁴³ A maioria das respostas eram pré-codificadas, ou seja de escolha determinada através de categorias e escalas de classificação quantitativa. Optou-se um questionário de estrutura mista, constituído por i) três campos iniciais de questões de resposta fechada, seguidos de ii) uma secção de caracterização do público inquirido e, por último, iii) um grupo de questões de resposta aberta, ocupando na totalidade, frente e uma parte do verso de uma folha.¹⁴⁴

Assim, a estrutura do questionário é iniciada pela identificação do Passeio, seguido de uma tabela de enquadramento aos ‘100 Locais’ e à missão do questionário (Cf. anexo - B2). O primeiro campo de questões destinava-se ao ‘controle da iniciativa e dos inquiridos’, em concreto à pesquisa de um padrão de público; do grau de conhecimento dos inquiridos sobre o património cultural da Universidade; na intenção de participação nos diferentes passeios e o meio através do qual tomaram conhecimento da iniciativa.

O segundo campo, destinava-se à avaliação da ‘motivação’ dos inquiridos face à iniciativa, medido através de um modelo adaptado de uma escala do tipo *Likert*.¹⁴⁵ Ao invés da apresentação de cinco proposições (formulação ímpar), procedeu-se a uma simplificação adoptando apenas quatro.¹⁴⁶ Pretendeu-se neste caso avaliar o grau de concordância ou discordância, face à motivação poder ter sido condicionada pela escolha dos oradores, os percursos e o património a visitar, a influência dos amigos, ou ainda, no geral, pelo programa de comemorações do centenário da Universidade de Lisboa.

O terceiro campo destinava-se à avaliação da ‘satisfação’ dos inquiridos e dos aspectos mais

143 O questionário foi previamente validado, procurando detectar e corrigir imprecisões, testar a estrutura e questões formuladas assim como o seu aspecto gráfico.

144 “(...) questionários extensos fazem aumentar as recusas em responder e as respostas enganadoras.” (Quivy & Campenhoudt, 2004: 19).

145 Escala definida por Rensis Likert em 1932, foi concebida para medir atitudes dos sujeitos, “composta por um conjunto de frases (itens) em relação a cada uma das quais se pede ao sujeito que está a ser avaliado para manifestar o grau de concordância, desde o discordo totalmente (nível 1), até ao concordo totalmente (nível 5)” (Cunha, 2007: 24).

146 De 1 a 4 em discordar completamente; discordar parcialmente; concordar e concordar completamente.

relevantes para a organização desta iniciativa. Aqui, foram introduzidas seis variáveis classificadas através de uma escala quantitativa¹⁴⁷ e colocados à aferição, diversos aspectos técnicos, designadamente: a divulgação do programa; a duração das visitas; o seu percurso e organização; a visita individual e a iniciativa no geral.

No verso do questionário, foram ainda introduzidos mais dois campos de questões. O primeiro destinava-se à caracterização do público inquirido, com a aferição do género, grupo etário e a profissão. O segundo era composto por duas questões de resposta aberta, a primeira relacionada com a ‘satisfação’ do inquirido face ao percurso visitado e a segunda, dedicada a ‘comentários e sugestões’. Ambas as questões de resposta aberta destinavam-se à recolha de dados textuais e como complemento dos dados quantitativos aferidos.

A sua distribuição foi providenciada no início de cada passeio, juntamente com o restante material informativo. Aos inquiridos foi explicitado o objectivo do questionário, tendo estes sido recolhidos após a conclusão da visita. Este método permitiu analisar uma amostra de 694 participantes (70 % da população total). Os dados apurados foram sendo gradualmente tratados, numa primeira fase sistematizados em tabelas *Excel* e, numa segunda fase, com a expressão gráfica dos resultados finais que serão analisados no ponto seguinte.

B. Resultados:

Neste ponto, apresenta-se apenas uma síntese dos principais resultados recolhidos da análise estatísticos de dados (Cf. anexo B3 para os dados completos).

Destaca-se na frequência da iniciativa, um número total de 989 participantes nos 24 passeios dos ‘100 Locais’. Na caracterização do público participante, os resultados indicaram que 60% dos inquiridos eram do género feminino e 40% do género masculino. A faixa etária com maior predominância foi verificada nas idades compreendidas entre os 30-64 anos (73%). As áreas profissionais eram variadas, abrangendo diferentes segmentos, interesses e formações. Pôde-se constatar, de igual modo, que 87% da amostra frequenta regularmente este género de iniciativas culturais, e a grande maioria desconhecia o património cultural da Universidade de Lisboa (75%). Este factor representou uma motivação acrescida para a participação na iniciativa (78%). Os canais de divulgação através dos quais obtiveram maior conhecimento do programa, foram sobretudo dois: a palavra de amigos e conhecidos (43%) e a Internet (36%). No geral, a divulgação foi classificada entre ‘Muito Bom’ (63%) e ‘Bom’ (31%). Do ponto de vista da satisfação geral dos participantes, a

¹⁴⁷ Mau; regular; bom e muito bom.

iniciativa ‘100 Locais’ foi classificada com ‘Muito Bom’ (87%).

Na análise dos conteúdos textuais das duas questões abertas introduzidas no final do questionário, os inquiridos distinguiram positivamente vários aspectos, tais como: a diversidade e os locais visitados; os testemunhos patrimoniais; os oradores; a organização e o acolhimento dos participantes. Foram destacados diversos passeios e testemunhos patrimoniais, sobretudo o túmulo de D. Fernão Telles de Menezes e de D.^a Maria de Noronha; os edifícios da Reitoria e antigo Instituto Bacteriológico Câmara Pestana, o *Laboratorio e Amphiteatro Chimico* do Museu de Ciência; o ‘Museu Egas Moniz’ e a colecção de Quadros de Columbano da Faculdade de Medicina; ‘Salas Museu’ e Biblioteca da Faculdade de Direito; o edifício da Faculdade de Medicina Dentária; o Instituto de Orientação Profissional; a Cantina Velha e a Alameda da Universidade; o Jardim Botânico e os Herbários Históricos; o Observatório Astronómico de Lisboa e o Laboratório Marítimo da Guia e a visita ao Instituto de Ciências Sociais.

No cômputo geral, a maioria dos inquiridos congratulou efusivamente a Universidade de Lisboa pela organização desta iniciativa. Foram evidenciados sobretudo dois aspectos: o primeiro, um apelo à Universidade para desenvolver a curto prazo um outro programa divulgação, e o segundo, o facto do seu património não estar mais acessível ao público em geral. Os dados textuais demonstraram ainda, uma vontade de maior aproximação do público com a Universidade e com as suas iniciativas culturais. Foi solicitada ainda no decorrer da iniciativa a repetição de alguns dos percursos, nomeadamente, a primeira visita realizada à Reitoria da Universidade.

C. Discussão:

Apesar da efemeridade e do número necessariamente limitado de participantes, os objectivos de divulgação do património cultural da Universidade parecem ter sido alcançados através desta iniciativa. No geral, foram superadas as expectativas iniciais, com o total surpreendente de quase um milhar de participantes e que, em diversos passeios, ultrapassou o número máximo estipulado. A iniciativa, apesar de ter atingido um segmento típico de indivíduos, este era bastante heterogéneo ao nível dos interesses, áreas profissionais e habilitações literárias identificadas. Em termos da análise da satisfação dos inquiridos, no geral os resultados espelham o sucesso desta iniciativa. Porém, no que respeita a faixa etária dos participantes, destaca-se a baixa adesão da população mais jovem, sobretudo entre a camada dos 15-29 anos de idade. Este segmento poderia ser mais envolvido nas próximas iniciativas, sobretudo a população de estudantes universitários e da própria Universidade.

Conseguiu-se, por um lado, fidelizar um público e despertar maior interesse pelo património

cultural da Universidade e, por outro, captar a motivação para a participação noutras iniciativas que se venham a desenvolver no futuro. A forte adesão aos ‘100 Locais’ pode ser explicada por dois factores principais: o primeiro, pela coerência da estrutura e oferta do programa e, o segundo, por se tratar da primeira iniciativa de divulgação do património cultural da Universidade, em grande parte, desconhecido do grande público. No conjunto, estes factores originaram uma motivação acrescida para a participação nesta iniciativa. De todos os percursos, destaca-se o Passeio 12 (Eixo Chiado – Rato | Politécnica – Museus, 9 de Abril de 2011), com o maior índice de adesão (78 pax), face ao descerramento e apresentação ao público do Túmulo de Fernão Telles de Menezes e de D. ^a Maria de Noronha.

4.3. Proposta de Programação

Como foi explicado no início deste capítulo, apresenta-se aqui, nas suas linhas gerais, uma proposta preliminar de valorização do património cultural da Universidade de Lisboa, compreendendo os eixos de programação analisados anteriormente – organização, preservação, divulgação e acessibilidade.

4.3.1. Proposta de Programação: Organização

Os resultados do Levantamento do património cultural da Universidade de Lisboa, demonstraram uma enorme variedade de tipologias patrimoniais e descentralização geográfica pelos cinco pólos universitários, entre Lisboa e Cascais. A gestão efectiva e sustentabilidade das colecções, objectos e imóveis colocam enormes desafios actuais à Universidade. O pólo da Unidade Museus (Sétima Colina) representa apenas 36% do património cultural da UL, contrastando com os restantes 57 % que existem no pólo da Cidade Universitária, seguidos dos 4% no Pólo do Colina de Santana, 2% na Tapada da Ajuda e ainda, 1%, em Cascais. Face a este cenário de dispersão, não se traduz viável a adopção de um modelo de centralização física numa única unidade (*under the same roof*).

Porém, a principal razão nem é a viabilidade. No caso da Universidade de Lisboa, o modelo *under the same roof* não é desejável por duas razões. Em primeiro lugar, a Universidade possui património integrado artístico e científico *in situ* de grande importância. O património universitário possui características específicas no que concerne à sua origem, percurso histórico e institucional

(utilização e função), estando em essência directamente relacionados com o ensino e investigação. É tipicamente muito coerente na materialização da produção e transmissão do conhecimento, formando espaços, colecções e documentação um todo que não deve ser dissociado (Lourenço, 2005; Lourenço & Carneiro 2009). Em segundo lugar, a utilização das colecções para fins de ensino e investigação contemporâneas, é não só desejável como, essencial à sustentabilidade do património cultural da Universidade a médio e longo prazo. Esta utilização deve ser estimulada, pode coexistir com normativas de preservação e acessibilidade (veja-se o caso das ‘colecções visitáveis’ da Lei-Quadro dos museus) e é potenciada pela proximidade das Unidades Orgânicas, isto é dos estudantes, professores e investigadores.

O desenraizamento das colecções das Faculdades, Departamentos e Institutos da Universidade, e a sua agregação física numa perspectiva única e exclusivamente de interpretação e exposição, pode verificar-se nalguns casos, mas deve ser ponderada e planeada com muita cautela, uma vez que é redutora e coloca riscos de descaracterização, descontextualização, perda de identidade e de utilização para o ensino e investigação.

Assim, propõe-se para a Universidade de Lisboa um modelo de organização do seu património sob a forma de uma estrutura de coordenação e de gestão reticular (rede), alicerçando todos os seus acervos, incluindo bibliotecas, arquivos históricos, colecções e o património edificado integrado. Desenha-se desta forma, um diagrama de coordenação (fig. 4.2) que é encimado pela Unidade Museus da Universidade, dependente directamente do Reitor e responsável pela gestão dos museus, acervos e do património cultural das restantes Unidades Orgânicas da Universidade, designadamente:

- i) Património edificado integrado localizado na Cidade Universitária (Reitoria, Faculdade de Direito e Faculdade de Letras), no Campo de Santana (Antigo Instituto Bacteriológico Câmara Pestana) e na Tapada da Ajuda (Observatório Astronómico de Lisboa);
- ii) o Museu Nacional de História Natural e da Ciência (neste momento coincidente com a própria Unidade Museus da Universidade)
- iii) Arquivos e bibliotecas históricas, e ;
- iv) Colecções dispersas pelas restantes Unidades Orgânicas (Faculdades e Institutos).

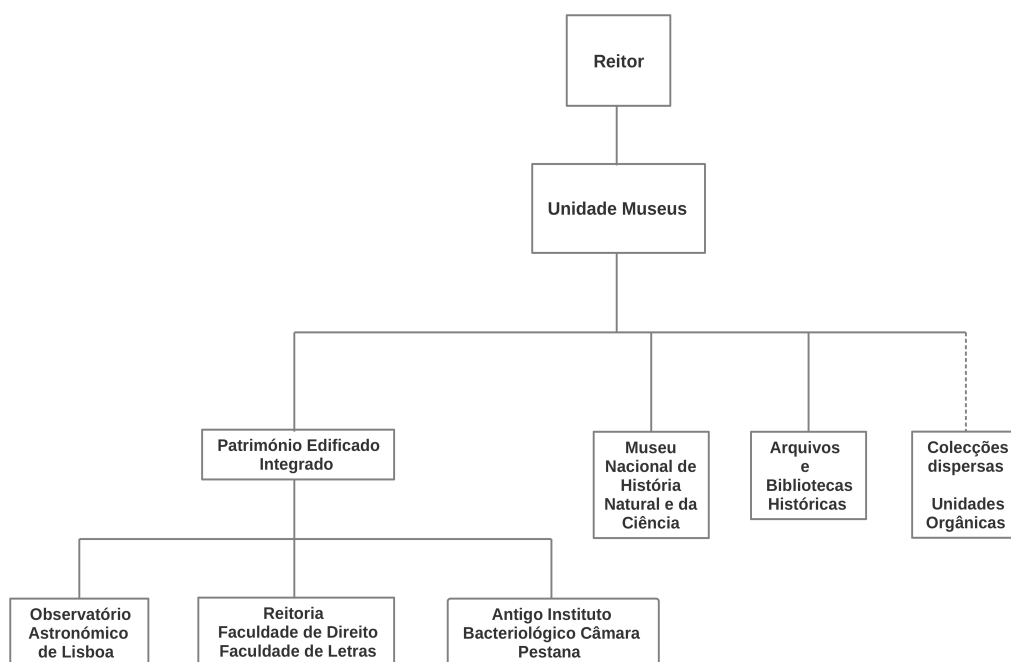


Fig. 4.9 – Proposta de diagrama para organização do património cultural da Universidade de Lisboa.

4.3.1.1. Proposta de Programação: Preservação

A gestão museal e patrimonial resulta de um conjunto de acções programadas e concertadas para a preservação e acessibilidade dos testemunhos, com base numa planificação estruturada de aproveitamento de recursos materiais e meios humanos existentes (Hernández, 1998; Hernández & Tresseras, 2001).

Um dos objectivos do Levantamento do património cultural da Universidade, como referido, consistiu no apuramento do estado actual dos bens culturais móveis e imóveis. No domínio da preservação, centrarei a minha proposta apenas nas colecções universitárias, em primeiro lugar, por se tratar da maior categoria patrimonial identificada no Levantamento (Cf. capítulo 3) e, em segundo, pela maior complexidade ao nível da sua organização, utilização e preservação na Universidade. As colecções mais problemáticas ao nível da preservação são as que se encontram nas unidades académicas (64% da totalidade das colecções da Universidade), e é em particular sobre estas que me debruçarei.

Com base nos resultados obtidos neste diagnóstico e através do sistema de classificação

desenvolvido para as colecções, no global, pode-se constatar um cenário moderadamente satisfatório ao nível do inventário e da acessibilidade. No que respeita o estado de conservação das colecções, no geral, este pode ser classificado entre o razoável e o bom, embora exista alguma variação. A grande maioria, apresenta a vantagem de continuar a ser utilizada no ensino e na investigação, um aspecto crucial para a sua preservação e sustentabilidade.

A proposta de programação reflecte em primeiro lugar, cinco aspectos mais imediatos para a preservação das colecções, designadamente:

1) Fomentar a sensibilização nas unidades académicas para a preservação das colecções, envolvendo os responsáveis, técnicos, professores, alunos e investigadores.

2) Promover a formação e o treino básico do pessoal afecto a estas unidades e eventualmente às colecções, para a sua correcta manutenção e preservação regulares.

3) Criar as condições necessárias para se estabelecer uma relação de compromisso entre a utilização e a conservação das colecções, promovendo a implementação das condições necessárias para as boas práticas de preservação. Neste ponto, destacam-se alguns exemplos em curso na Universidade, designadamente, o projecto de preservação das colecções de anatomia humana no Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina; a Entomoteca da Faculdade de Ciências, apesar das restrições actuais de espaço para a manutenção e crescimento da colecção e, os projectos de preservação e conservação da colecção de desenhos e da colecção de pintura da Faculdade de Belas-Artes. De todos, o exemplo onde se verifica uma melhor articulação entre utilização e standards de conservação é nas colecções de ensino da Mapoteca do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território.

4) Implementar um sistema local de identificação de objectos e colecções que permita também levantar a documentação associada existente, evitando de igual modo a sua dispersão e desmembramento.

5) Definir de critérios globais, se possível transversais a toda a Universidade, de selecção e incorporação de património científico recente, que se encontra actualmente obsoleto e mais vulnerável ao seu desmantelamento e abate.

Num âmbito geral e a longo prazo, para esta proposta de preservação, aponta-se a necessidade de implementação de uma política estratégica e integrada de preservação das colecções da Universidade. Com efeito, seria necessário realizar-se um diagnóstico criterioso do seu estado de

conservação – ancorado nas informações recolhidas previamente no Levantamento – por forma a estabelecer e gerir as prioridades ao nível da preservação, conservação e restauro (Ashley-Smith, 1999; Michalsky, 2004). Em particular, este diagnóstico deve procurar identificar os principais agentes de deterioração e monitorizar as condições ambientais dos locais e edifícios onde se encontram acondicionadas as colecções. Sob este último aspecto, acresce o facto de por vezes, as colecções poderem ser deslocadas dentro do próprio edifício ou entre edifícios,¹⁴⁸ o que provoca naturalmente alterações no seu estado de conservação e no comportamento dos materiais constituintes. Estas alterações serão melhor compreendidas quanto mais soubermos sobre percurso e utilização das colecções, bem como sobre a estrutura dos edifícios, as suas transformações no passado e as influências no seu comportamento higrotérmico (Casanovas, 2008).

Como referido, a constituição da Unidade Museus da Universidade integra na sua orgânica o embrião para a futura organização, manutenção e conservação do património edificado e de todos os seus acervos históricos e museológicos. Esta unidade, aparentemente, é assumida como uma estrutura centralizadora das funções museológicas e da gestão dos recursos patrimoniais existentes, bem como dos meios humanos necessários para a sua preservação. Neste último, e no âmbito da tutela museológica que lhe foi conferida, será fundamental no futuro que esta unidade seja dotada de recursos humanos especializados, para a definição e implementação de um planeamento estratégico e integrado de valorização das colecções da Universidade. Aqui, compreenderá também, a sua articulação com o inventário, a acessibilidade e a divulgação. A Unidade Museus, na óptica de optimização dos recursos e *know-how* existentes nos Museus da Universidade, poderá assumir um papel crucial na disseminação e implementação de boas práticas museológicas a seguir no futuro.

De certa forma, este papel já se encontra a ser cumprido. Não só no passado o Museu de Ciência coordenou a selecção e preservação do equipamento histórico do antigo Instituto Bacteriológico de Câmara Pestana (2008), com vista à sua futura musealização, como em Janeiro de 2012, iniciou-se um processo de inventariação do património cultural da Universidade de Lisboa, ancorado no sistema de documentação existente no Museu Nacional de História Natural e da Ciência. Este é um projecto ambicioso e de desenvolvimento a longo prazo, que já contempla nesta fase inicial, parte dos núcleos patrimoniais identificados no Levantamento, através do inventário a realizar-se ao nível do objecto.

148 É frequente em renovação ou deslocação de departamentos e faculdades para novos edifícios. Por exemplo, na Faculdade de Medicina (FMUL), as colecções históricas do séc. XIX transitaram dos edifícios primitivos ao Campo de Santana para o edifício do Hospital de Santa Maria, em meados da década de 1950, onde se encontra instalada desde então a Faculdade. Ou ainda, mais recentemente a transferência do Instituto de Farmacologia e Neurociências para o novo edifício da Faculdade (Edifício Egas Moniz), sendo que apenas parte da sua considerável colecção de instrumentos histórico – científicos foi transferida, etc.

4.3.2. Proposta de Programação: Divulgação e acessibilidade

Com base na discussão destes dois eixos e na análise do estudo caso apresentado, podem efectuar-se algumas reflexões sobre uma mais eficaz divulgação e acessibilidade do património cultural da Universidade. A iniciativa os ‘100 Locais’, como referido, consistiu na primeira experiência integrada desenvolvida pela Universidade, para a difusão e a acessibilidade física do seu património como um todo. A importância desta iniciativa reside na experiência alcançada, para no futuro se poder implementar um programa regular de divulgação do seu património. Partindo da estrutura dos ‘100 Locais’, propõe-se o desenvolvimento de itinerários temáticos, envolvendo quer o património científico móvel e edificado, quer o património arquitectónico e artístico integrado. Estes itinerários incluiriam, na Sétima Colina, o importante pólo museológico da Universidade constituído pelo Museu de História Natural e da Ciência (MNHNC), o Jardim Botânico e o Observatório Astronómico da Escola Politécnica; na Tapada da Ajuda, o magnífico Observatório Astronómico de Lisboa e, na Cidade Universitária, o complexo de edifícios modernistas composto pela Reitoria, as Faculdades de Direito e Letras, a Cantina da Universidade, o Estádio Nacional Universitário e o Hospital de Santa Maria (onde está localizada a Faculdade de Medicina).

No Campo de Santana, destaca-se o edifício histórico do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana (IBCP), um importante testemunho do património histórico bacteriológico e das “ciências biomédicas” (Dias, 2011: 153). A Universidade de Lisboa poderá, no futuro próximo, promover a sua valorização com a constituição de mais um pólo museológico e cultural no antigo IBCP. Poderá ainda, com a colaboração de uma ‘rede’, promover a divulgação do património da saúde e a criação de um itinerário para a divulgação, acessibilidade e valorização do vasto património situado no Campo de Santana. A ‘Colina da Saúde’, como actualmente é designada, detêm uma relevância única como local de larga tradição histórica na investigação, ensino e na saúde, bem como na existência de património histórico edificado preservado e de alguns núcleos museológicos. Nestes últimos, referem-se o museu do Instituto de Medicina Legal, o núcleo histórico do Instituto Oftalmológico Dr. Gama Pinto e os núcleos museológicos dos hospitais civis de Santa Marta, de Santo António dos Capuchos e do Hospital Miguel Bombarda, entre outros.

Já salientado, a grande maioria das colecções da Universidade encontra-se localizada nas unidades académicas, embora com pouca visibilidade, acessibilidade e sem mecanismos próprios para a sua divulgação. Nas Faculdades de Medicina e de Belas Artes foi iniciado recentemente um processo de preservação e de divulgação dos seus acervos históricos, com a constituição na

primeira, do ‘Museu de Medicina’ e na segunda, do ‘Museu Virtual da Faculdade de Belas-Artes’. No geral, para uma maior valorização destas colecções que se encontram dispersas, releva-se particularmente importante o desenvolvimento de um programa articulado de exposições temporárias regulares com os Museus da Universidade (MNHNC), bem como o desenvolvimento de uma linha editorial de divulgação destes acervos.¹⁴⁹

Ainda neste âmbito, a propósito das comemorações do centenário, a Universidade publicou um livro sobre o seu património científico e artístico (Lourenço & Neto, 2011). Esta publicação consistiu na primeira monografia dedicada exclusivamente aos museus, colecções e o património científico, arquitectónico e artístico integrado. Estão em curso mais dois volumes sobre a história e o percurso da Universidade,¹⁵⁰ e será em breve apresentada mais uma publicação sobre o património artístico integrado da Cidade Universitária (Pascoal, 2012). A continuação de publicações relacionadas com o património cultural para segmentos diferentes do público – sejam monografias, catálogos, teses, pequenas brochuras, guias – é muito importante também para a sua divulgação e, naturalmente, preservação a médio e longo prazo.

A dimensão actual da divulgação com o recurso às novas tecnologias de informação é igualmente imprescindível na promoção da acessibilidade e da divulgação do património das universidades (Massé & Massé, 2010). Como referido, os conteúdos do património da Universidade provenientes do Levantamento, estão actualmente disponíveis na *Memória da UL*. Esta base de dados carece, porém, de ligação às páginas *web* do MNHNC, Universidade e Faculdades, para uma maior visibilidade do seu património. Seria desejável a criação de uma página *web* específica para o património cultural da Universidade, que pudesse materializar-se como uma verdadeira ‘janela’ de divulgação e acessibilidade *online*, não apenas dos seus equipamentos e acervos museológicos, mas de todos os recursos patrimoniais. No seguimento da divulgação de conteúdos *online*, como iniciativas individuais, o ‘Museu de Medicina da Faculdade de Medicina’ e o ‘Museu Virtual da Faculdade de Belas-Artes’, já preconizam esta vertente com a disponibilização sucinta de conteúdos e de visitas virtuais às colecções históricas.

Para finalizar, sugere-se a promoção activa da acessibilidade física ao património cultural da Universidade Lisboa, quer à comunidade científica quer ao público em geral, como uma das

149 À semelhança do projecto editorial desenvolvido pela *Réseau des Musées de l'Université Libre de Bruxelles* dos museus e acervos que integra. Cf. <http://beautesdelarecherche.wordpress.com/publications/>, acesso a 2 de Abril de 2011.

150 Estão em preparação dois volumes sobre a história da Universidade de Lisboa nos séc. XIX e XX, com coordenação de Sérgio Campos de Matos e Jorge Ramos do Ó (edição Universidade de Lisboa/Tinta da China).

recomendações definidas para o património das universidades europeias (REC (2005 13)).

Conclusão

The university collections and museums participated to the numerous questionings, university was confronted to toward its future. However, going with those changes, doesn't assure that university collections and museums are to be given a role once that change has occurred. Even if they are, what role should be?

(Soubiran, 2008: 1)

Torna-se difícil retirar conclusões de uma dissertação que, por um lado, constitui um primeiro estudo sobre o património cultural da Universidade de Lisboa, sendo por isso, por definição, de carácter exploratório e, por outro lado, porque foi conduzido no decurso de uma reforma institucional dos dois museus da Universidade. Finalmente, a maior reforma que se avizinha – a fusão da Universidade de Lisboa com a Universidade Técnica – torna ainda mais difícil perspectivar sobre o futuro. Porém, neste último capítulo avançarei com algumas breves reflexões.

O presente estudo teve como objectivo aproveitar o Levantamento do Património Cultural da Universidade de Lisboa realizado no âmbito do Centenário da Universidade, para reflectir sobre a sua importância e preservação à luz da literatura específica recente e, simultaneamente, desenvolver uma proposta preliminar para a sua valorização. No contexto nacional, a Universidade de Lisboa foi a primeira universidade a desenvolver um Levantamento sistemático e exaustivo desta natureza. Este foi um passo muito importante para seu o património, coincidente com a constituição recente da Unidade Orgânica ‘Museus da Universidade de Lisboa’, cuja face visível é o Museu Nacional de História Natural e da Ciência, criado a partir da fusão do Museu Nacional de História Natural (1858) e do Museu de Ciência (1985). Quer o Levantamento quer esta nova Unidade contribuem para o planeamento integral dos testemunhos patrimoniais da Universidade, ao nível da sua organização, preservação, acessibilidade e divulgação. Neste estudo propõe-se que esta nova Unidade assuma um papel de tutela museológico sobre todo o património da Universidade, incluindo bibliotecas e arquivos históricos, em moldes naturalmente a definir. De resto, esta ‘tutela’ já se encontra consagrada nos estatutos da Unidade Museus (14 de Novembro de 2011).

O Levantamento permitiu não só compreender de uma forma clara e objectiva a dimensão, significado e estado actual do seu património móvel e imóvel, bem como alavancar a reflexão sobre a sua preservação e valorização. Como se constatou, a Universidade de Lisboa detém uma dimensão bastante considerável e diversificada de elementos patrimoniais, sobretudo colecções, mas também museus e património edificado científico, arquitectónico e artístico integrado de relevância nacional

e internacional.

Para além da dimensão e diversidade, também se pode concluir a acentuada descentralização do seu património, o que coloca naturalmente enormes desafios na sua gestão e preservação. Apesar da relevância e significado constatados, no geral, a acessibilidade e visibilidade são reduzidas e, por esse facto, o património é em larga medida desconhecido no seio da própria Universidade e, de uma forma ainda mais acentuada, do grande público. Neste âmbito, refira-se o elevado desconhecimento sobre o património da Universidade, verificado na avaliação da iniciativa os ‘100 Locais’, que serviu neste estudo uma dupla função: testar qualitativamente o seu sucesso como iniciativa-piloto de divulgação do património cultural da Universidade e reflectir sobre a possibilidade de se tornar, pelo menos em parte, numa iniciativa permanente ou regular.

No cômputo geral e à luz da *Recomendação sobre Património Universitário Europeu* (Rec. (2005) 13), para a valorização do património cultural da Universidade de Lisboa torna-se imprescindível, em primeiro lugar, o reconhecimento institucional dos recursos patrimoniais à sua guarda. Em segundo lugar, a promoção da sua protecção, utilização, acessibilidade e visibilidade para a comunidade científica e para a sociedade em geral. De igual modo, revela-se necessária a implementação de medidas estratégicas para a sua sustentabilidade e preservação, incluindo a qualificação de quadros profissionais, o incentivo à investigação sobre o património e a sua divulgação.

Este estudo permitiu ainda, identificar vários pontos que merecem maior aprofundamento e de investigação. De um modo geral, a aplicação dos termos ‘museu’ e ‘colecção’ (universitária), à luz do conceito actual de museu definido pelo ICOM e na Lei-Quadro dos Museus Portugueses, carece de aprofundamento e clarificação. A adopção do conceito de ‘colecção visitável’ previsto na legislação portuguesa revela-se actualmente bastante importante para o enquadramento conceptual de grande parte das colecções universitárias, que não reúnem as funções requeridas para se designarem ‘museu’ no sentido moderno do termo.

Ainda no que diz respeito ao conceito de ‘colecção’ no contexto das universidades, revela-se necessário maior desenvolvimento teórico na caracterização das suas tipologias, dada a sua dinâmica e frequente uso para fins de ensino e de investigação, funções importantes para a sustentabilidade do património universitário como foi referido no estudo. Apesar dos sistemas tipológicos existentes e da contribuição para a sua caracterização, os mesmos resultam de contextos e abordagens por vezes demasiado particulares. De igual modo complexo, o conceito de ‘património universitário’ (Rec. (2005) 13) que, pela abrangência de diferentes recursos

patrimoniais no seu âmbito, tangíveis e intangíveis, carece de maior aprofundamento no contexto do património cultural em geral.

Em particular sobre as ferramentas metodológicas desenvolvidas no Levantamento da Universidade de Lisboa, deve destacar-se a necessidade de maior desenvolvimento do sistema de classificação das colecções universitárias aqui apresentado, cuja pertinência e dimensão conceptual, é particularmente importante para a sua aplicação em levantamentos similares (dentro e fora do contexto do património cultural universitário) e, no geral, para a sua divulgação à comunidade científica e museológica. Depois deste estudo, seria igualmente importante desenvolver critérios de selecção e de preservação mais finos, ao nível dos artefactos, dado que naturalmente nem tudo poderá ser preservado. Estes critérios são da maior importância a nível nacional e internacional, vejam-se as recomendações definidas recentemente para as colecções científicas das universidades alemãs.¹⁵¹

Por último, destaca-se a necessidade da Universidade de Lisboa em conhecer melhor a história das colecções e museus que gerou e organizou ao longo do tempo, cruzando com a história dos museus portugueses e em duas vertentes: a primeira, sobre os primeiros séculos de maior permanência da Universidade na capital (período dos Descobrimentos), em concreto, na eventual existência e utilização de artefactos destinados ao ensino; e a segunda nos séculos XIX e XX.

No actual quadro de reestruturação institucional, acrescido da previsão de fusão entre a Universidade de Lisboa e a Universidade Técnica de Lisboa (UTL), colocam-se algumas incertezas sobre o futuro. No passado, exemplos de fusões e reorganizações entre universidades e faculdades, tiveram repercussões pouco benéficas para a preservação e manutenção das colecções universitárias (Clercq, 2003). Porém, a Universidade de Lisboa, dispõe actualmente de dados sobre a dimensão, relevância e principais carências do seu património cultural, pelo que se encontra minimamente preparada para enfrentar o desafio da fusão. Naturalmente que se torna necessário alargar o levantamento efectuado, ao património cultural da UTL, de preferência antes ou logo após a fusão efectiva entre as duas universidades.

A experiência do Levantamento desenvolvido na Universidade de Lisboa contribuirá para a identificação e diagnóstico do património da UTL e, no conjunto, para adopção de medidas concertadas de valorização do património cultural da ‘Nova Universidade de Lisboa’.¹⁵²

151 Cf. *Recommendations on Scientific Collections as Research Infrastructures*: <http://publicus.culture.hu-berlin.de/umac/otherdocuments>, acesso a 27 de Agosto de 2011.

152 Cf. *Uma Nova Universidade de Lisboa, Fusão da Universidade Clássica e da Universidade Técnica de Lisboa*, documento de trabalho, Janeiro de 2012: <http://www.ul-utl.edu.pt/home.html>, acesso a 2 de Abril de 2011.

Bibliografia

Adviesgroep Rijksdienst Beeldende Kunst, 1996. *Om het academisch erfgoed*. Zoetermeer, Ministerie van Onderwijs, Cultuur en Wetenschappen.

Alexander, E.P., 1979. *Museums in motion*. Nashville, American Association for State and Local History.

Almaça, C. & A.M. Neves, 1987. The Museu Bocage and the new series of its arquivos. *Arquivos do Museu Bocage*, 1: 1-8.

Almaça, C., 1987. A zoologia e a antropologia na Escola Politécnica e na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (até 1983). In: Gil, F.B. & M.G.S. Canelhas (coord.). *Faculdade de ciências da Universidade de Lisboa: passado/presente, perspectivas futuras, 150º Aniversário da Escola Politécnica, 75º Aniversário da Faculdade de Ciências*, Vol. I, 293-312. Lisboa, Museu da Ciência da Universidade de Lisboa.

Alves, M.V. (ed.), 2005. *Passagens, 100 Peças para o Museu de Medicina*. Lisboa, Museu de Medicina da Faculdade de Medicina.

Alves, M.V. & M. B. Ruivo (ed.), 2011. *Gabinete de anatomia: Arpad, Vieira e os desenhos anatómicos do Museu de Medicina*. Lisboa, Museu de Medicina da Faculdade de Medicina/ Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva.

Alves, M.V., 2011. O projecto do Museu de Medicina, Faculdade de Medicina. In: Lourenço, M.C. & M.J. Neto (ed.). *Património da Universidade de Lisboa: Ciência e Arte*, 55-66. Lisboa, Tinta da China / Universidade de Lisboa.

APOEP, IOP (ed.), 2005. *Instituto de Orientação Profissional, 1925-2005*, 3-15. Lisboa, Universidade de Lisboa.

Arnold-Forster, K. & H. La Rue, 1993. *Museums of music. A review of musical collections in the United Kingdom*. London, Museums and Galleries Commission / HMSO.

Arnold-Forster, K. & J. Weeks, 1999. *Minerals and magic lanterns. The university and college collections of the south west*. Somerset, South West Museums Council.

_____, 2000. *Totems and trifles: museums and collections of higher education institutions in the Midlands*. Bromsgrove, West Midlands Regional Museums Council.

_____, 2001. *A review of museums and collections of higher education institutions in the eastern region and the south east region of the South Eastern Museums Service*. Bury St Edmunds, South Eastern Museums Service.

Arnold-Forster, K., 1989. *The collections of the University of London. A report and survey of the museums, teaching and research collections administered by the University of London*. London, London Museums Service.

_____, 1993. *Held in trust: Museums and collections of universities in northern England*. London, HMSO.

_____, 1999. *Beyond the Ark: Museums and collections of higher education institutions in southern England*. Winchester: Southern Museums Agency.

Ashley-Smith, J., 1999. *Risk assessment for object conservation*. Oxford, Butterworth-Heinman.

Bass, H., 1984a. *Survey of University Museums in South Eastern England*. Milton Keynes: Area Museums Service for South Eastern England.

Bass, H., 1984b. *A survey of museums and collections administered by the University of London*. London: London Museums Service.

Boletim da Universidade de Lisboa, Universidade de Lisboa, **1960/61**: 26.

Borges, I.M.C.G., 2009. *Testemunhos museológicos e sua habitabilidade no ISEL: as colecções museológicas do Instituto Industrial de Lisboa ISEL - origem, história e sua apresentação* (Vol.1). Dissertação de Mestrado em Museologia e Museografia da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa, não publicada.

Borges, J., Cunha, M., Prazeres, M.D. & R. Oliveira, 2008. In: Silva, S. S. (coord. ed.). *Luís da Câmara Pestana, uma vida curta, uma obra enorme*. Funchal, Edição Funchal 500 anos.

Boylan, P.J., 2002. Museums and collections in relation to the heritage of the university. In: Sanz, N. & B. Sjur (ed.). *The heritage of european universities*, 65-73. Strasbourg, Council of Europe Publishing.

Breni, P., 2007. Silbermann's didactic paintings in the University of Mississippi Museum. *Bulletin of the Scientific Instrument Society*, **95**: 2-6.

Brigola, J.C.P., 2003. *Colecções, Gabinetes e Museus em Portugal no século XVIII*. Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian / MCTES.

Bruno, M.C.O., 2011. "Os desafios metodológicos para a elaboração e desenvolvimento de planos museológicos", *Seminário de Programação Museológica*, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 30 de Setembro de 2011, não publicado.

Canadian Conservation Institute, *Framework for the Preservation of Heritage Collections*. Disponível em: <http://www.cci-icc.gc.ca/caringfor-prendresoindes/articles/10agents/index-eng.aspx> [acesso a 25 de Março de 2012].

Cardoso, J., 2008. José Leite de Vasconcelos (1858-1941): o médico, o humanista e o homem. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, **126**: 73-83.

Carolino, L.M., 2011. O Observatório Astronómico da Escola Politécnica de Lisboa (1875-1911). In: Lourenço, M.C. & M.J. Neto (ed.). *Património da Universidade de Lisboa: Ciência e Arte*, 107-120. Lisboa, Universidade de Lisboa.

Carvalho, A.M.G. & C.L. Lopes, 1987. Museu e laboratório mineralógico e geológico – geociências na Universidade de Lisboa – investigação científica e museológica. In: Gil, F. B. & M.G.S. Canelhas (coord.). *Faculdade de ciências da Universidade de Lisboa: passado/presente, perspectivas futuras, 150º Aniversário da Escola Politécnica, 75º Aniversário da Faculdade de Ciências*, Vol. I, 247-268. Lisboa, Museu da Ciência da Universidade de Lisboa.

Carvalho, R. de, 1959. *História da fundação do colégio real dos nobres de Lisboa*, 110-170. Coimbra, Atlântida Editora.

_____, 1978. *História do gabinete de física da Universidade de Coimbra. Desde a sua fundação (1772) até ao jubileu do professor italiano Giovanni António Dalla Bella (1790)*, 9-32. Coimbra, Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra.

_____, 2008. *História do ensino em Portugal, desde a fundação da nacionalidade até ao fim do regime de Salazar – Caetano* (4ª edição). Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian.

Casanovas, L.E.E., 2008. *Conservação preventiva e preservação das obras de arte. Condições-ambiente e espaços museológicos em Portugal*. Lisboa, Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.

Clercq, S.W.G. de, 2006. Keeping for the Future. *Opuscula Musealia*, 15: 23-29.

_____, 2003. The 'Dutch approach', or how to achieve a second life for the abandoned geological collections. *Museologia*, 3: 27-36.

Coito, L.C., Cardoso, J.L. & A.C. Martins, 2008. *José Leite de Vasconcelos: fotobiografia*. Museu Nacional de Arqueologia. Lisboa, Editorial Verbo.

Corradini, E., 2011. POMUI. The web portal of Italian university museums. *UMAC Journal*, 4: 77-84.

Costa, J.B. da., 1992. Vida e Obra de José Leite de Vasconcelos:1858-1941. Separata de *Numismática*, 64-65.

Costa, J.C., 2000. *A geração médica de 1911, origem, realização e destino*. Lisboa, Faculdade de Medicina de Lisboa.

Council of Museums in Wales, 2002. *Dining amongst the bones: a survey of museum collections in Welsh universities*. Cardiff, Council of Museums in Wales.

Cruz, A., 1958. *Museu de Etnologia Leite de Vasconcelos, estudo-prévio*. Lisboa, Arquivo da Divisão de Obras e Manutenção da Universidade de Lisboa (DOM-UL).

Cruz, A., 1961. *Museu Etnológico Leite de Vasconcelos, ante-projecto*. Lisboa, Arquivo da Divisão de Obras e Manutenção da Universidade de Lisboa (DOM-UL).

Cuenca, C., 2010. Patrimoine contemporain et culture scientifique et technique. *La Lettre de L'OCIM*, 129: 21-27.

Cunha, L.M.A., 2007. *Modelos Rash e Escalas de Likert e Thurstone na medida de atitudes*. Dissertação de Mestrado em Probabilidades e Estatística, Faculdade de Ciências, Departamento de Estatística e Investigação Operacional. Lisboa, Universidade de Lisboa, não publicada.

Custódio, J., 1991. *Museologia e Arqueologia Industrial, Estudos e Projectos*, 10-34. Lisboa, Associação Portuguesa de Arqueologia Industrial.

Dias, J. P. S., 2011a. O Instituto Bacteriológico: espaço, instrumentos e memória da medicina laboratorial. In: Lourenço, M.C. & M.J. Neto (ed.). *Património da Universidade de Lisboa: Ciência e Arte*, 137-154. Lisboa, Tinta da China / Universidade de Lisboa.

_____, 2011b. *The heritage of medicine and pharmacy at the University of Lisbon*, Open Session – Museums and collections of the Universities of Lisbon, Porto and Coimbra, XI Umac Annual Meeting. Lisboa, Museu da Ciência da Universidade de Lisboa, 20 de Setembro de 2011, comunicação não publicada.

Despacho nº 15410/2011. *D.R. II Série*. 218(11-11-14).

Drysdale, L., 1990. *A world of learning: university collections in Scotland*. Edinburgh, HMSO.

Dunn, J., S. Das, *The UCL Collections Review, Toolkit*. Disponível em: <http://www.ucl.ac.uk/museums/review> [acesso a 19 de Novembro de 2011].

Edson, G., 2004. Museum Management. In: Boylan, P. (ed. & coord.). *Running a museum: a practical handbook*, 133-145. Paris, ICOM.

Fabião, C., 2008. José Leite de Vasconcelos (1858-1941): um arqueólogo português. Separata de *O Arqueólogo Português*, **26**: 97-126.

Faria, A.C.R., 2011. *A Colecção de desenho antigo da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa (1830-1935): Tradição, formação e gosto*. Lisboa, Lisboa: Fim de Século.

Fernandes, J.M., 2004. Alberto Cruz, arquitecto. *Monumentos*, **20**: 161-165.

_____, 2012. *Arquitectos Segurado*. Lisboa, Imprensa Nacional da Casa da Moeda.

Fernández, I.G.M., 2008. La conservación en los museos universitarios. *Revista de Museología*, **43**: 143-149.

Ferreira, E.M., 1935. Museu das actividades profissionais – evolução das profissões – sua arqueologia. *Boletim do Instituto de Orientação Profissional “Maria Barbosa de Carvalho”*, **23**:

39-43.

_____, 1937. Museu das actividades profissionais, lista de profissões. Seu documentário. *Boletim do Instituto de Orientação Profissional “Maria Barbosa de Carvalho”*, **25**: 47-49.

Ferriot, D. & Jacomy, B., 2000. The Musée des arts et métiers: renovation issues (1988-1998). In: Lindqvist, S. (ed.). *Museums of modern science*, 29-4. USA, Science History Publications.

Ferriot, D. & Lourenço, M. C., 2004. De l'utilité des musées et collections des universités. *La Lettre de L'OCIM*, **93**: 4-16.

_____, 1998. The Musée des arts et des métiers. In: Ferreira, M.A.A. & J.F. Rodrigues (coord.). *Museums of Science and Technology*, 41-46. Lisboa, Fundação Oriente, Museu de Ciência da Universidade de Lisboa.

_____, 2007. *Musées et collections universitaires en Europe*. Disponível em: <http://ustl1.univ-lille1.fr/culture/agenda/04/patrimoine/txt/07ferriot.pdf> [acesso a 12 de Janeiro de 2012].

França, M.J.-A., 1977. Pierre-Joseph Pezerat (1801-1872), le dernier architecte neo-classique a Lisbonne. *Bulletin de la Société de l'Histoire de l'Art Français*, 225-235.

Freundlich, A. L., 1964-65. Is there something the matter with college museums. *Art Journal*, **24**: 150-151.

Garradas, C., 2010. The use of the art collection of the University of Porto in teaching and research. *UMAC Journal*, **3**: 67-71.

Gasparon, D. & N. Nyst, 2006. Le réseaux des musées de l'Université Libre de Bruxelles (ULB): une initiative originale dans le contexte universitaire. *Opuscula Musealia*, **15**: 47-53.

Gil, F.B. & M.G.S. Canêlhas, 1987. Ensino e cultura no monte olivete até à Faculdade de Ciências. In: Gil, F.B. & Canelhas, M.G.S. (coord.). *Faculdade de ciências da Universidade de Lisboa: passado/presente, perspectivas futuras, 150º Aniversário da Escola Politécnica, 75º Aniversário da Faculdade de Ciências*, Vol. I, 3-26. Lisboa, Museu da Ciência da Universidade de Lisboa.

Gil, F.B., 2003. *Museu de Ciência da Universidade de Lisboa: das origens ao pleno reconhecimento oficial* (Vol. I). Lisboa, Museu da Ciência da Universidade de Lisboa.

_____, 2010 [1994]. Museu de ciência da Universidade de Lisboa: sua caracterização à luz da museologia das ciências. In: Eiró, A.M. & M.C. Lourenço (coord.). *Fernando Bragança Gil, Colectânea de Textos sobre Museus e Museologia*, 169-200. Lisboa, Museu da Ciência da Universidade de Lisboa.

_____, 2010a [2008]. Museu de Ciência da Universidade de Lisboa: uma instituição histórico-científica única a preservar. In: Eiró, A.M. & M.C. Lourenço (coord.). *Fernando Bragança Gil, Colectânea de Textos sobre Museus e Museologia*, 261-262. Lisboa, Museu de Ciência da Universidade de Lisboa.

_____, 2010b [1988]. Os Museus da Politécnica. In: Eiró, A.M. & M.C. Lourenço (coord.). *Fernando Bragança Gil, Colectânea de Textos sobre Museus e Museologia*, 113-123. Lisboa, Museu de Ciência da Universidade de Lisboa.

Gonçalves, A.M., 1959. O museólogo José Leite de Vasconcelos. *Separata Actas e Memórias do I Congresso de Arqueologia*, I: 45-61.

Gouveia, H.C., 1997. *Museologia e etnologia em Portugal: instituições e personalidades* (Vol. 1-2). Dissertação de Doutoramento em Antropologia, variante Museologia, Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, não publicada.

_____, 2007. Progresso científico e educação popular. Organização dos museus oitocentistas. *Museu*, **16**: 97-150.

Granato, M. & M.C. Lourenço (org.), 2010. *Coleções científicas luso-brasileiras: património a ser descoberto*. Rio de Janeiro, MAST/MCT.

Hamilton, J., 1995. The role of the university curator in the 1990s. *Museum Management and Curatorship*, **14**: 73-79.

Heleno, M., 1965. Programa para a instalação do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcellos na Cidade Universitária de que foi relator o Prof. Doutor Manuel Heleno. *Ethnos*, **IV**: 63-74.

Hernández, F. H., 1998. Manual de Museologia. Espanha, Editorial Síntesis.

_____, 2008. Los nuevos retos de los museus universitários. *Revista de Museología*, **43**: 8-22.

Humphrey, P.S., 1992. University Natural History Museums Systems. *Curator*, **35/1**: 49-70.

Instituto dos Museus e da Conservação, 2007. *Plano de conservação preventiva, bases orientadoras, normas e procedimentos, temas de museologia*. Lisboa, Instituto de Museus e Conservação, Ministério da Cultura.

Joly, M-H., 2009. Le projet scientifique et culturel a-t-il de l'avenir?. *La Lettre de l'Ocim*, **124**: 8-14.

Jorge, A. R., 1941. Museus de história natural. Separata dos *Arquivos do Museu Bocage*, **12**: 97-112.

Kozak, Z.R., 2006. The Collections of St. Andrews University in Scotland: issues in university heritage. *Opuscula Musealia*, **15**: 67-76.

Kozak, Z.R., 2007. *Promoting the past, preserving the future: british university heritage collections and identity marketing*. Phd, Museum and Gallery Studies. England, University of St Andrews, dissertação não publicada.

Ladkin, N., 2008. Securing the mission through strategic planning. *UMAC Journal*, 1 : 9-13.

Lameiras-Campagnolo, M.O., 1998. Analisar e comparar entidades museológicas e paramuseológicas, 97-112. *Actas do VII Encontro Museologia e Autarquias*. Seixal, Câmara Municipal do Seixal.

Lassale, H., 1992. *Un projet culturel pour chaque musée*. Paris, Direction des Musées de France.

Lei nº 47/2004, D. R. I Série – A. 195 (04-08-19) 5379/80.

Leinfelder, R., 2009. *Future targets and structure of the Museu Nacional de História Natural and Museu de Ciência da Universidade de Lisboa*. Berlim, 22 de Outubro de 2009. <http://www.ul.pt/pls/portal/docs/1/278012.PDF>, acesso a 12 de Janeiro de 2012.

Leitão, V. & A. Carneiro, 2011. O ‘Laboratório Chimico’ da Escola Politécnica de Lisboa, 1837 – 1890. In: Lourenço, M.C. & M.J. Neto (ed.). *Património da Universidade de Lisboa: Ciência e Arte*, 121-136. Lisboa, Tinta da China / Universidade de Lisboa.

Lewis, G.D., 1984. Collections, collectors and museums:a brief world survey. In: Thompson, J.M.A. (ed.). *Manual of curatorship*, 7-22. London, Butherwords & Museums Association.

Li-Jen, T., 2010. A preliminary survey of university art museums in Southeast Asia. *UMAC Journal*, 4: 13-17.

LOCUC, 1985. *Rapport landelijke inventarisatie universitaire collecties, 1985*. Den Haag:

Landelijk Overleg Contactfunctionarissen Universitaire Collecties & Ministerie van Onderwijs en Wetenschappen.

Lord, G. 'D. & B. Lord (ed.), 1997. *The manual of museum management*. Plymouth, Altamira Press.

Lord, G.D. & K. Markert, 2007. *The manual of strategic planning for museums*. NY, Altamira Press.

Lourenço, M.C. & A. Carneiro (ed.), 2011. *Spaces and collections in the history of science, the laboratório químico overture*. Lisboa, Museu da Ciência da Universidade de Lisboa.

Lourenço, M.C. & A. Carneiro, 2006. A propósito do Laboratório Químico do Museu de Ciência da Universidade de Lisboa: algumas reflexões sobre o património científico em Portugal. *Boletim da Sociedade Portuguesa de Química*, **103**: 63-70.

Lourenço, M.C. & A.M. Eiró (coord.), 2010. *Colectânea de Textos sobre Museus e Museologia*. Lisboa, Museu da Ciência da Universidade de Lisboa.

Lourenço, M.C. & A.M. Eiró, 2011. O Museu de Ciência. In: Lourenço, M.C. & M.J. Neto (ed.). *Património da Universidade de Lisboa: Ciência e Arte*, 35-54. Lisboa, Tinta da China / Universidade de Lisboa.

Lourenço, M.C. & C. Teixeira, 2011. Breve nota sobre os 'museus perdidos' da Universidade de Lisboa. In: Lourenço, M.C. & M.J. Neto (ed.). *Património da Universidade de Lisboa: Ciência e Arte*, 67-76. Lisboa, Tinta da China / Universidade de Lisboa.

Lourenço, M.C., 2003. Contributions to the history of university museums and collections in Europe. *Museologia*, **3**: 17-26.

_____, 2004. Musées et collections des universités: les origines. *La revue*, **41**: 51-61.

_____, 2005. *Between two worlds: the distinct nature and contemporary significance of university museums and collections in Europe* (Vols.1-2). Dissertação de Doutoramento em História das Técnicas, Museologia, Conservatoire National des Arts et Métiers, École Doctorale Technologique et Professionnelle, Paris, não publicada.

_____, 2006. Nota breve sobre os museus e as colecções das universidades europeias. *Boletim da Rede Portuguesa de Museus*, **19**: 13-18.

_____, 2007. Levantamento preliminar do património histórico, científico e artístico da Universidade de Lisboa, documento interno.

_____, 2009. Património da ciência e da técnica nas universidades portuguesas: breve panorama no contexto europeu. In: Granato, M. & M. Ferreira (org.). *Cultura Material e Património de C&T*, 53-63. Rio de Janeiro, MAST / MCT.

_____, 2010a. O Museu de Ciência da Universidade de Lisboa: património, colecções e pesquisa. In: Granato, M. & M.C. Lourenço (org.). *Colecções científicas luso-brasileiras: património a ser descoberto*, 257-276. Rio de Janeiro, MAST / MCT.

_____, 2010b. O património 'invisível': história, organização e preservação do património científico em Portugal. *Museologia.pt*, **4**: 106-125.

_____, 2012. “Associations et réseaux de musées et collections universitaire, Journées d'étude”, *Pour un réseau national des musées et collections universitaires*, Université de Strasbourg, 2-3 Fevereiro de 2012, comunicação não publicada.

Machado, J.L.S., 1965. Subsídios para a história do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos. Separata do *Arqueólogo Português*, **1**: 3-348.

Marques, J.G.T. (coord.), 1862. *Catálogo das peças do museu d'anatomia da Eschola Medico-*

Chirurgica de Lisboa. Lisboa, Typ. da Sociedade Typographica Franco-Portugueza.

Massé, W.H. & A. Massé, 2010. Online collaboration and knowledge dissemination for university collections. *UMAC Journal*, 3 : 91-95.

Matos, A.C., 2010. Les musées techniques portugais et les expositions universelles au XIX^e siècle. In: Matos, A.C., I. Gouzévitch & M.C. Lourenço (ed.), *Expositions universelles, musées techniques et société industrielle*, 71-74. Lisboa, Edições Colibri.

Matos, A.C., I. Gouzévitch & M.C. Lourenço (dir.), 2010. *Expositions universelles, musées techniques et société industrielle, world exhibitions, technical museums and industrial society*. Lisboa, Edições Colibri.

Matos, S.C. de & J.R. do Ó (no prelo). *História da Universidade de Lisboa nos séculos XIX e XX*. Lisboa, Tinta da China / Universidade de Lisboa.

Medina, S., 2010. O Museu da Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto e as suas colecções. In: Granato, M. & M.C. Lourenço (org.). *Colecções científicas luso-brasileiras: património a ser descoberto*, 231-243. Rio de Janeiro, MAST / MCT.

Melo, I., 1987. 'A evolução da botânica no Museu Nacional de História Natural'. In: Gil, F.B. & M.G.S. Canelhas (coord.). *Faculdade de ciências da Universidade de Lisboa: passado/presente, perspectivas futuras, 150^o Aniversário da Escola Politécnica, 75^o Aniversário da Faculdade de Ciências*, Vol. I, 271-289. Lisboa, Museu da Ciência da Universidade de Lisboa.

Michalski, S., 2004. Care and preservation of collections. In: Boylan, P. (ed.). *Running a Museum: a practical handbook*, 51-90. Paris, ICOM.

Ministerio da Cultura, 2006. *Criterios para la elaboración del Plan Museológico*. Madrid, Secretaría General Técnica, Subdirección General de Publicaciones, Información y Documentación. Disponível on-line em: <http://www.mcu.es/museos/MC/PM/index.htm>, acesso a 30 de Novembro de

2011.

Ministério das Obras Públicas, 1959. Relatórios de actividade no ano de 1957-58 (Vol. 2), 524-525. Lisboa, Biblioteca / Arquivo Histórico do Ministério das Obras Públicas (BAHMOP).

Ministério das Obras Públicas, 1963a. *Cidade Universitária de Lisboa. Revisão Geral do Plano*. Lisboa, Arquivo da Divisão de Obras e Manutenção da Universidade de Lisboa (DOM – UL).

Ministério das Obras Públicas, 1963b. *Cidade Universitária. Elementos para uma revisão geral*. Lisboa, Arquivo da Divisão de Obras e Manutenção da Universidade de Lisboa, Lisboa.

Moita, I.N., 1959. O plano do Museu Etnológico do Dr. Leite de Vasconcelos. *Revista Municipal*, **78**: 7-9.

Monteiro, M.L., Bernardo, L.M. & J.M. Araújo, 2010. O Museu de Ciência da Universidade do Porto: colecções de ciências exactas da Faculdade de Ciências. In: Granato, M. & M.C. Lourenço (org.). *Colecções científicas luso-brasileiras: património a ser descoberto*, 211-230. Rio de Janeiro, MAST / MCT.

Moore, K. (ed.), 1998. *Management in museum. New research in museum studies* (Vol.7). London, the Athlone press.

Mota, P. G., 2009. The eighteenth-century Laboratorio Chimico in the context of the Science Museum of the University of Coimbra. In: Lourenço, M.C. & A. Carneiro (ed.). *Spaces and collections in the history of science. The Laboratorio Chimico overture*, 227-244. Lisboa, Museu de Ciência da Universidade de Lisboa.

Museu Nacional de Arqueologia e Etnologia, 1989. *Portugal das origens à época romana*. Instituto Português do Património Cultural, catálogo de Exposição. Lisboa, Mosaico, Editores, Lda.

Neves, K.R.F., 2003. *Programa museológico e museologia aplicada: o Centro de Memória do*

Samba de São Paulo como estudo de caso. Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

Northern Ireland Museums Council, 2002. *A survey of the university collections in Northern Ireland*. Belfast, Northern Ireland Museums Council.

Nyst, N., 2010. Le réseau des musées de l'Université Libre de Bruxelles. In: Gesché, N. & N. Nyst (ed.). *Les musées de l'ULB, l'Université Libre de Bruxelles et son patrimoine culturel*, 14-21. Bruxelles, Université Libre de Bruxelles.

O'byrne, P. & C. Pequet, 1979. La programmation: un outil au service du conservateur, du maître d'ouvrage et du maître d'oeuvre. *Museum*, 2: 74-93.

Pacheco, A.F.C., 1934. Relatório sobre as mais precárias instalações da Universidade de Lisboa. Separata dos *Arquivos da Universidade de Lisboa*, 1-13.

Pascoal, A.M., 2012. *A Cidade do saber. O património artístico integrado nos edifícios projectados por Porfírio Pardal Monteiro para a Cidade Universitária de Lisboa*. Lisboa, Tinta da China/Universidade de Lisboa.

Pascoal, A.M., Teixeira, C. & M.C. Lourenço, 2011. "Surveying the scientific and artistic heritage of the University of Lisbon: Scope, methodology and preliminary results", "Academic Culture Of Remembrance", Ghent University Library, 16-17 de Março de 2011, comunicação não publicada.

Pascoal, A.M., Teixeira, C. & M.C. Lourenço, (no prelo). The University of Lisbon's cultural heritage survey (2010-2011): methodology and results. *UMAC Journal*.

Pedreirinho, J. M., 1994. *Dicionário dos Arquitectos Activos em Portugal do Século I à Actualidade*. Lisboa, Edições Afrontamento.

Pedrosa, P.S., 2009. *Cidade universitária: génese de uma difícil territorialização (1911-1950)*. Lisboa, Edições Colibri.

Pina, M.E., 2010. As Faculdades de Medicina na I República. *Corpo. Estado, Medicina e Saúde no Tempo da I República*. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Pinho, P.B., 1986. A orientação vocacional em Portugal: os primórdios com Faria de Vasconcelos. *Jornal de Psicologia*, **4**: 3-16.

Pires, C.P. & G.G. Pereira, 2010. Museu da Ciência da Universidade de Coimbra: valorização de um património científico secular. In: Granato, M. & M.C. Lourenço (org.). *Coleções científicas luso-brasileiras: património a ser descoberto*, 185-210. Rio de Janeiro, MAST/MCT.

Póvoas, L., Lopes, C.L., Melo, I., Correia, A.I., Alves, M.J., Cardoso, H. & A.M.G. de Carvalho, 2011. O Museu Nacional de História Natural. In: Lourenço, M.C. & Neto, M.J. (ed.). *Património da Universidade de Lisboa: Ciência e Arte*, 17-34. Lisboa, Tinta da China / Universidade de Lisboa.

Pugnaloni, F., 2003. The future of the university museums system in Italy. *Museologia*, **3**: 51-54.

Quivy, R. & L.V. Campenhoudt, 2005. *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa, Gradiva.

Raposo, L., 2009. Um projecto para instalar o Museu Nacional de Arqueologia em Telheiras...e as vicissitudes que o acompanharam. *Telheiras Cadernos Culturais*, **21**: 24-33.

Rasse, P., E. Necker, 1997. *Techniques et cultures au musée. Enjeux, ingénierie et communication des musées de société*. Lyon, Presses Universitaires de Lyon.

Recommendation Rec (2005) 13 of the Committee of Ministers to member states on the

governance and management of university heritage. Disponível em: <http://wcd.coe.int/>, [acesso a 27 de Agosto de 2011].

Recommendations on Scientific Collections as Research Infrastructures. Disponível em: <http://publicus.culture.hu-berlin.de/umac/otherdocuments>, [acesso a 27 de Agosto de 2011].

Reis, A.E.D., 2006. *Gaspar José Marques e a máquina a vapor – sua introdução em Portugal e no Brasil*, 202-247. Lisboa, Comissão Cultural da Marinha, Edições Culturais da Marinha.

Relatório da direcção da Faculdade de Ciências: ano escolar de 1933-1934. *Separata do Anuário da Universidade de Lisboa*, 1-20.

Ribeiro, J.S., 1873. *Historia dos estabelecimentos scientificos litterarios e artisticos de Portugal nos sucessivos reinados da monarchia* (Tomo III), 376-382. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias.

_____, 1876. *Historia dos estabelecimentos scientificos litterarios e artisticos de Portugal nos sucessivos reinados da monarchia* (Tomo VI). Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias.

_____, 1878. *Historia dos estabelecimentos scientificos litterarios e artisticos de Portugal nos sucessivos reinados da monarchia* (Tomo VII), 304 – 308. Lisboa, Typographia da Academia Real das Sciencias.

Ribeiro, M.G., H.C.G. Pôssas, 2006. *Rede de Museus e espaços de ciências e tecnologia da Universidade Federal de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Rede de Museus e espaços de ciências e tecnologia da UFMG.

Riviere, G-H., 1993. *La museología: curso de museologia, textos y testimonios*. Madrid, Ediciones Akal, Arte y Estética.

Roberts, A., 2004. Inventories and documentation. In: Boylan, P. (ed. & coord.). *Running a museum: a practical handbook*, 31-50. Paris, ICOM.

Rong, L. & A. Simpson, 2011. A survey of university museums in Shanghai and their role in World Expo 2010. *UMAC Journal*, 4: 5-11.

Sacadura, S.C. & J.T.M. Machado, 1965. Andanças do ensino médico na capital. Do hospital real de todos-os-santos ao Hospital de Santa Maria. Separata de *O Médico*, 697: 38-39.

Samouco, M.H.C., 2010. Evocando J. Leite de Vasconcelos (1858-1941): uma vida dedicada à investigação etnográfica. *Boletim da Sociedade de Geografia de Lisboa*, 128: 81-85.

Santos, P.R.P. dos, 2009. *Jorge Segurado: um arquitecto moderno de casas e sonhos, na República, Ditadura Militar e Estado Novo*, 2 Vols. Dissertação de Mestrado em História de Arte, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas. Lisboa, Universidade Nova de Lisboa, não publicada.

Segurado, J.A., 1962. *Estudo primordial do programa para a elaboração dos projectos dos edifícios destinados à Faculdade de Ciências a erguer na Cidade Universitária de Lisboa e previsão sumária do seu custo*. Lisboa, Arquivo da Divisão de Obras e Manutenção da Universidade de Lisboa (DOM-UL).

Silva, R.H., 2000. University museums: the legacies and the challenges. *Museologia*, 1: 49-52.

Simões J. & M.N. Corrêa, 1956. *Estudo Prévio para um ante-plano de urbanização. Cidade universitária de Lisboa*. Lisboa, Secretaria-Geral do Ministério da Educação, Divisão de Documentação e do Património Cultural, Núcleo do Arquivo Técnico das Construções Escolares.

Simões, A., (no prelo). *Da Politécnica e da Faculdade de Ciências de Lisboa. Construções identitárias e culturas científicas*. Lisboa, Tinta da China / Universidade de Lisboa.

Simpson, A., 2011. "Cinderella, fifteen years after the ball", XI Annual Meeting UMAC 2011.

Lisboa, Museu de Ciência da Universidade de Lisboa, 21 de Setembro de 2011, comunicação não publicada.

Soares, M., 1935. Um Museu de Educação Científica. *Scientia* (I), **6**: 184-187.

Soubiran, S. & F. Belaen (no prelo). A collaborative platform to identify collections and their management within French Universities.

Soubiran, S., 2010. Is research and teaching a key for preserving university collections and museums?. *UMAC Journal*, **3**: 21-30.

Soubiran, S., Lourenço, M. C., Wittje, R., Talas, S. & T. Bremer, 2009. Iniatives européennes et patrimoine universitaire. *La Lettre de L'OCIM*, **123**: 5-14.

Subtil, M., 1935. Alguns dados sobre a actividade do instituto. *Boletim do Instituto de Orientação Profissional "Maria Barbosa de Carvalho"*, **25**: 41-45.

Tresseras, J. J. & J. B. Hernández, 2001. *Gestión del patrimonio cultural*. Barcelona, Ariel.

Universidade de Coimbra, 1997. *História da Universidade em Portugal (Vol. I)*. Coimbra, Universidade de Coimbra, Fundação Calouste Gulbenkian.

University Museums Group, 2004. *University Museums in the United Kingdom. A National Resource for the 21 st Century*, 1-43. *Sine loco*: Norwich Colour Print.

University Museums Project Committee, 1998. *Transforming cinderella collections: the management and conservation of Australian university museums, collections & herbaria*. Sydney, Australian Vice Chancellors Committee.

University Museums Review Committee, 1996. *Cinderella collections: university museums & collections in Australia*. Sydney, Australian Vice Chancellors Committee.

Vasconcelos, A.S.F., 1928. Organização do Instituto de Orientação Profissional Maria Barbosa de Carvalho. *Boletim do Instituto de Orientação Profissional “Maria Barbosa de Carvalho”*, **1**: 21-29.

Veiga, F.M., 2009. *Noviciado da Cotovia – O passado dos Museus da Politécnica 1619-1759*. Dissertação de Mestrado em Museologia. Lisboa, Universidade Católica Portuguesa, não publicada.

Weber, C. & M.C. Lourenço, 2005. UMAC Worldwide Database. In: Tirrell, P. B. (ed.), *Proceedings of the third conference of the International Committee for University Museums and Collections (UMAC)*, (Norman, OK: Sam Noble Museum of Natural History, University of Oklahoma).

Weber, C., 2010. From anatomy to zoology: results on the history of university collections based on trans-disciplinary research. *UMAC Journal*, **3**: 121-126.

**Património Cultural da Universidade de Lisboa: Levantamento e
contributo para a sua valorização**

Ana Catarina Teixeira da Silva

Trabalho de Projecto de Mestrado em Museologia

Março, 2012

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Museologia realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Raquel Henriques da Silva, Professora Doutora Marta Lourenço e Engenheiro Luís Efrem Elias Casanovas

À minha família, Rosa, Jorge, Ricardo, Bruno, Ivo, Charlotte & Maizy,

pelo vosso carinho!

ÍNDICE

Lista de Imagens	v
Lista de Tabelas & Gráficos.....	viii
Lista de Abreviaturas.....	ix
Agradecimentos.....	x
Resumo.....	xii
Abstract.....	xiii
Introdução.....	1
Capítulo 1: Museus e Coleções das Universidades: Enquadramento.....	6
1.1. Museus, Coleções e Património Universitário: Conceitos e Tipologias.....	6
1.2. Levantamentos e iniciativas internacionais recentes.....	10
Capítulo 2: Os Museus e Coleções da Universidade de Lisboa: Abordagem Preliminar	
Histórica.....	14
2.1. Das Escolas Oitocentistas à Universidade de Lisboa no séc. XX.....	14
2.2. Os Museus e Coleções da Universidade de Lisboa.....	17
2.2.1. O Conservatório de Artes e Ofícios de Lisboa (1836).....	18
2.2.2. Os ‘Museus’ de Medicina.....	19
2.2.3. O Museu Nacional de História Natural.....	22
2.2.4. O Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos (1893).....	24
2.2.5. O Museu do Instituto de Orientação Profissional (1931).....	27
2.2.6. Os Museus de História da Ciência (1935) e de História da Química (1944).....	28

2.2.7. Os Museus previstos para a Cidade Universitária (1955-1962).....	31
2.2.8. O Museu de Ciência da Universidade de Lisboa (1985).....	35
2.3. Organizações e Reorganizações Recentes: O Património da Universidade de Lisboa no séc. XXI.....	36
2.4. Discussão.....	39
Capítulo 3: Levantamento do Património Cultural da Universidade de Lisboa (2010-2011).....	42
3.1. Metodologia Geral e Trabalho de Campo.....	44
3.1.1. Categorização e classificação do património cultural da Universidade de Lisboa.....	46
3.1.2. Instrumentos de recolha de dados.....	48
3.2. Resultados.....	49
3.3. Discussão.....	63
Capítulo 4: Valorização do Património Cultural da Universidade de Lisboa.....	67
4.1. Programação: Organização e Preservação.....	69
4.2. Programação: Divulgação e Acessibilidade.....	73
4.2.1. Estudo de Caso ‘100 Locais’.....	74
A. Instrumento de recolha de dados.....	77
B. Resultados.....	79
C. Discussão.....	80
4.3. Proposta de Programação.....	81
4.3.1. Proposta de Programação: Organização.....	81
4.3.1.1. Proposta de Programação: Preservação.....	83
4.3.2. Proposta de Programação: Divulgação e acessibilidade.....	86

Conclusão..... 89

Bibliografia 92

ÍNDICE

Anexos	1
Anexo A1 – Visitas de campo realizadas no Levantamento do património cultural da Universidade de Lisboa.....	2
Anexo A2 – Categorização e classificação do património das universidades.....	3
Anexo A3 – Instrumentos de recolha de dados (fichas – matriz).....	5
Anexo A4 – Tabela resumo do património cultural da Universidade de Lisboa.....	8
Anexo A5 – Fichas do Levantamento do património cultural da Universidade de Lisboa.....	12
Anexo B1 – Programa da iniciativa os ‘100 Locais’.....	390
Anexo B2 – Instrumento de recolha de dados (questionário).....	401
Anexo B3 – Análise estatística de dados.....	403

Lista de Imagens

Fig. 2.1	Planta de instalação do Museu de Anatomia no Instituto de Anatomia da Faculdade de Medicina de 1951. (Foto: C. Teixeira, Cortesia Arquivo da DOM-UL).	20
Fig. 2.2	Pormenor da colecção osteológica do Museu de Anatomia da Faculdade de Medicina de 1963 (Arquivo Municipal de Lisboa/Fotográfico, A. Goulart).	21
Fig. 2.3	Pormenor das colecções de preparação humana do Museu de Anatomia da Faculdade de Medicina de 1963 (Arquivo Municipal de Lisboa/Fotográfico, A. Goulart).	21
Fig. 2.4	Pormenor de implantação do Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos, projecto de Alberto Cruz, 1961 (Arquivo da DOM-UL).	26
Fig. 2.5	Pormenor da maquete do Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos, projecto de Alberto Cruz, 1961 (Arquivo da DOM-UL).	27
Fig. 2.6	Ofício do Reitor Caeiro da Mata para o Directo da Faculdade de Ciências, com o parecer do ministro Eusébio Tamagnini sobre a instalação do “Museu de História da Ciência” de 1935 (AHMCUL).	29
Fig. 2.7	Pormenor esquemático do piso cave do Instituto de Química, com a identificação do espaço para o “Museu de História da Química e da Física”, projecto de Branca Edmée Marques de 1944 (AHMCUL).	31
Fig. 2.8	Pormenor de implantação do Museu Etnológico na Cidade Universitária. Cidade Universitária, C.A.N.E.U., Lisboa, <i>Anteplano, Plano de Apresentação</i> , Manuel Norberto Corrêa, Agosto de 1956. Colecção do Estádio Nacional ao Jardim Gulbenkian, FCG – Biblioteca de Arte.	33
Fig. 2.9	Aspecto geral da Cidade Universitária no projecto de Manuel Norberto Corrêa, com o pormenor da localização do Museu Etnológico Dr. Leite de Vasconcelos (Foto Horácio Novais, s/d, Arquivo Fotográfico da Secretaria – Geral do Ministério da Educação).	33
Fig. 2.10	Pormenor em planta do Museu Etnológico, projecto de Manuel Norberto Corrêa de 1962 (Arquivo da DOM-UL).	34
Fig. 3.1	Mapa dos pólos da Universidade de Lisboa (Brochura do Programa 100 Locais da Universidade de Lisboa).	42
Fig. 3.10	A Colecção de Mapas Parietais da Mapoteca do Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (Foto: C. Teixeira, Cortesia IGOT).	53
Fig. 3.11	Pormenor da colecção do Núcleo de Livro Antigo da Biblioteca da Faculdade de Medicina (Foto: C. Teixeira, Cortesia FMUL).	53
Fig. 3.12	Pormenor do Desenho de Adolfo de Sousa Rodrigues (1867-1908), <i>Academia de Nu Feminino</i> , Paris, 1898, FBAUL/351/DA (Cortesia FBAUL).	54
Fig. 3.13	Pormenor do acondicionamento da Colecção de Desenhos da Faculdade de Belas Artes (Foto: C. Teixeira, Cortesia FBAUL).	54

Fig. 3.14	Quadros didáticos de J. T. Silbermann (1806-1865), recentemente encontrados nas casas do entorno do Picadeiro dos Museus da Universidade (Foto: M.C. Lourenço, Cortesia MCUL).	55
Fig. 3.15	Aspecto geral do acondicionamento da Coleção de Gessos da Faculdade de Belas-Artes (Foto: C. Teixeira, Cortesia FBAUL).	55
Fig. 3.16	Coleção de Pintura de Columbano Bordalo Pinheiro, 1907, da Faculdade de Medicina (Foto: J. N. Lamas, Cortesia FMUL).	55
Fig. 3.17	Pormenor da Coleção de Painéis Didáticos da Faculdade de Farmácia (Foto: A. Pascoal, Cortesia FFUL).	56
Fig. 3.18	Coleção de Painéis Didáticos do Instituto de Anatomia Patológica da Faculdade de Medicina (Foto: A. Pascoal, Cortesia FMUL).	56
Fig. 3.19	Sala Museu Marcello Caetano na Faculdade de Direito (Foto: A. Pascoal, Cortesia FDUL)	56
Fig. 3.20	Pormenor da Coleção de Biologia Animal da Faculdade de Ciência (Foto: C. Teixeira, Cortesia FCUL).	56
Fig. 3.21	Pormenor do Retrato de José Malhoa “Egas Moniz” do ‘Museu de Egas Moniz’ na Faculdade de Medicina (Foto: C. Teixeira, Cortesia FMUL).	57
Fig. 3.22	Tapeçaria Mural de Rogério Ribeiro, <i>No Limiar da Idade Atómica</i> (1960), Gabinete do Reitor, Reitoria da Universidade de Lisboa (Foto: J. N. Lamas).	57
Fig. 3.23	Aspecto do Túmulo quando do seu descerramento.	57
Fig. 3.24	Aspecto actual do túmulo quando da sua recolocação no átrio dos Museus da Universidade (Foto: M.C. Lourenço, Cortesia MNHNC).	57
Fig. 3.25	Aspecto interior do <i>Amphitheatro</i> do Laboratório <i>Chimico</i> da Escola Politécnica (Foto: P. Cintra, AHMCUL).	58
Fig. 3.26	Aspecto interior do antigo Laboratório Laboratório Bacteriológico do Instituto Bacteriológico Câmara Pestana (Foto: M. Proença, Arquivos da UL).	58
Fig. 3.27	O Observatório Astronómico da Escola Politécnica no Jardim Botânico (Foto: M. Heller, <i>Ministère de la recherche</i> , Paris, Arquivo AHMCUL).	59
Fig. 3.28	O Observatório Astronómico da Tapada da Ajuda (Foto: R. Agostinho, Cortesia OAL).	59
Fig. 3.29	O Edifício C8 da Faculdade de Ciências.	59
Fig. 3.30	Aspecto interior da Aula Magna da Reitoria da Universidade, projecto de Daciano da Costa.	59
Fig. 4.3	Passeio 5 – Cidade Universitária – Faculdade de Letras e Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (20 de Março de 2011).	75
Fig. 4.4	Passeio 8 – Alfama Estudos Gerais (27 de Março de 2011).	75

Fig. 4.5	Passeio 12 – Eixo Chiado - Rato Politécnica - Museus (Sala do Conselho da Escola Politécnica) (9 de Abril de 2011).	76
Fig. 4.6	Passeio 13 – Eixo Chiado - Rato Politécnica - Museus de Ciência (Laboratório Chimico e Anfiteatro) (9 de Abril de 2011).	76
Fig. 4.7	Passeio 21 – Eixo Chiado - Rato Belas Artes (Cisterna da Faculdade de Belas Artes) (14 de Maio de 2011).	76
Fig. 4.8	Passeio 24 – Ajuda, Belém e Cascais (Observatório Astronómico da Tapada da Ajuda) (21 de Maio de 2011).	77

Lista de Tabelas & Gráficos

Fig. 3.2	Definições de trabalho das categorias utilizadas no Levantamento do Património Cultural da UL, 2010-2011.	47
Fig. 3.3	Sistema de classificação utilizado para a categoria Colecção no Levantamento do Património Cultural da UL, 2010-2011.	47
Fig. 3.4	Distribuição do património cultural por categorias (em %).	50
Fig. 3.5	Distribuição institucional do património cultural da universidade (em %).	51
Fig. 3.6	Distribuição geográfica do património por pólo universitário (em %).	51
Fig. 3.7	Distribuição das colecções por áreas disciplinares (em %).	52
Fig. 3.8	Distribuição das colecções por unidade orgânica (em %).	52
Fig. 3.9	Classificação das colecções com base nos critérios de inventário/catalogação, acessibilidade física e conservação/segurança)	53
Fig. 4.1	Diagrama da <i>ULB Musées</i> , que se encontra na dependência directa do Reitor, agregando actualmente 12 Museus da ULB.	72
Fig. 4.9	Proposta de diagrama para organização do património cultural da Universidade de Lisboa.	83

Lista de Abreviaturas

AHMCUL	Arquivo Histórico do Museu de Ciência da Universidade de Lisboa
APOM	Associação Portuguesa de Museologia
CANEU	Comissão Administrativa dos Novos Edifícios Universitários
CANIU	Comissão Administrativa das Novas Instalações Universitárias
CRUI	Conferenza dei Rettori delle Università Italiane
CRUP	Conselho de Reitores das Universidades Portuguesas
DOM-UL	Divisão de Obras e Manutenção da Universidade de Lisboa
GEO	Gabinete de Estudos Olisiponenses
IBCP	Instituto Bacteriológico Câmara Pestana
ICOM	Internacional Council of Museums
IHRU	Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana
IOP	Instituto de Orientação Profissional (UL)
LOCUC	Landelijk Overleg Contactfunctionarissen Universitaire Collecties (NL)
MAST	Museu de Astronomia e Ciências e Afins (BR)
MC-USP	Museu de Ciência da Universidade de São Paulo
MCUL	Museu de Ciência da Universidade de Lisboa (UL)
MNHN	Museu Nacional de História Natural (UL)
OCIM	Office de Coopération et d'Information Muséographiques (FR)
POMUI	Portal Museums Italian
UCL	University College London
ULB	Université Libre de Bruxelles
UMAC	University Museums and Collections (ICOM)
UMG	University Museums Group (UK)
UMnet	University Museums Network Southeast Asia
UNIVERSEUM	European Academic Heritage Network
UTL	Universidade Técnica de Lisboa

Agradecimentos

Em primeiro lugar, gostaria de agradecer à Universidade de Lisboa, na pessoa da Professora Doutora Marta Lourenço e do Professor Doutor José Pedro Sousa Dias, pela oportunidade que me deram para integrar a equipa do Levantamento do Património Cultural da Universidade de Lisboa. Foi uma experiência única e de um enriquecimento pessoal e profissional ímpar.

Endereço, em particular, à minha orientadora a Professora Doutora Marta Lourenço um enorme agradecimento pelo desafio e incentivo para o desenvolvimento deste estudo, pela magnífica orientação, insistência no rigor científico e para o aperfeiçoamento de competências. No geral, pelo despertar para as questões do património universitário.

Os meus agradecimentos são de igual modo endereçados à Professora Doutora Raquel Henriques da Silva pelo acompanhamento na orientação e ao Engenheiro Luís Efrem Elias Casanovas, um agradecimento muito especial por ter aceite a co-orientação e pela constante disponibilidade para as questões da preservação e da conservação.

Agradeço em especial à Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), pela concessão de uma bolsa de gestão de ciência e tecnologia (BGCT) no âmbito do protocolo estabelecido com o Instituto dos Museus e da Conservação (IMC), que permitiu o desenvolvimento deste estudo (Bolsa: SFRH/BGCT/51428/2011).

À Professora Doutora Graça Filipe pelo apoio na literatura de programação museológica essencial para o desenvolvimento da proposta de valorização.

À Doutora Maria João Freitas, socióloga e investigadora no Laboratório Nacional de Engenharia Civil, a quem estou muito grata pela disponibilidade e apoio na elaboração do inquérito para a avaliação da iniciativa os ‘100Locais’.

À minha colega Ana Menhert Pascoal, pela partilha de conhecimentos e enorme companheirismo nesta ‘aventura’ que durou cerca de um ano de trabalho (Levantamento). De lés a lés pelas suas ‘entranhas’, calcorreamos a Universidade de uma ponta à outra na procura de ‘vestígios’ de património cultural. Confrontámo-nos com a chuva, com o calor, com o pó, carregadas de papéis, máquinas fotográficas e computadores. Visitámos faculdades, institutos, departamentos, conhecemos e contabilizámos milhares de objectos, artefactos, colecções e edifícios. Mas também, pessoas com uma enorme disponibilidade para nos acolher e abrir portas, receptivas a este projecto cuja referência não caberia certamente nestas páginas. A todas as pessoas da Universidade de Lisboa que colaboram connosco neste Levantamento, e sem excepção de alguma,

um agradecimento muito especial.

Dirijo um agradecimento à Agência Nacional PROALV, em nome do Dr. Rui Gato, pela subsídio concedida através do programa *Grundtvig* para a deslocação à conferência, *Academic Culture of Remembrance* que decorreu na Universidade de Ghent na Bélgica (Março, 2011), uma oportunidade de divulgação e de apresentação dos resultados preliminares do Levantamento à comunidade científica.

No âmbito da investigação conduzida sobre os museus e colecções da Universidade, não podia deixar de agradecer a um conjunto de pessoas cujo o contributo foi essencial. Em especial, ao Arquitecto Manuel Norberto Corrêa, pela disponibilidade no seu testemunho e pelas fontes fornecidas, um contributo único para a investigação sobre os projectos dos museus previstos para a Cidade Universitária. À Arquitecta Patrícia Santos Pedrosa no auxílio e partilha de documentação e, ao Alberto Faria, por toda a informação transmitida sobre o projecto do Museu Virtual da Faculdade de Belas Artes da Universidade de Lisboa. Em concreto para a pesquisa documental e iconográfica, ao Vítor Gens do Arquivo Histórico do Museu Nacional de História Natural e da Ciência da Universidade de Lisboa; à Dr.^a Eugénia Costa do Departamento de Informação, Biblioteca e Arquivos do Forte de Sacavém do Instituto de Habitação e Reabilitação Urbana (IHRU) e, à Dr.^a Françoise le Cunff do arquivo da Divisão de Documentação e do Património Cultural da Secretaria Geral do Ministério da Educação.

Agradeço ainda ao meu colega de Mestrado de Museologia, Rui Pedro Nunes do Museu da Música pela partilha de conhecimento e de bibliografia.

Termino, com um abraço muito especial para minha família que mais uma vez foi um pilar muito importante nesta fase, por todo o apoio que me deram, carinho e força para a sua concretização. A todos um muito obrigado!

Património Cultural da Universidade de Lisboa: Levantamento e contributo para a sua valorização

Ana Catarina Teixeira da Silva

Resumo

Palavras-chave: património universitário, museu universitário, colecção universitária, Levantamento, programação cultural, Universidade de Lisboa.

Este trabalho de projecto foi desenvolvido na sequência do Levantamento do património cultural da Universidade de Lisboa, realizado entre Abril de 2010 e Março de 2011. O Levantamento consistiu num diagnóstico exaustivo e sistemático dos núcleos patrimoniais históricos, científicos, artísticos e arquitectónicos de maior relevância da Universidade, tendo sido implementado no âmbito do seu Centenário (1911-2011). Neste estudo, procurou-se num primeiro plano reflectir sobre a complexidade do património universitário, em particular sobre as diferentes tipologias de museus e colecções universitárias, níveis de organização, utilização e acessibilidade, bem como sobre as principais iniciativas no contexto europeu para a sua preservação. Na materialização do Levantamento, do ponto de vista conceptual, foi determinante a estabilização dos conceitos utilizados para os termos ‘colecção’ e ‘museu’ à luz dos standards internacionais e, em particular no contexto universitário através da caracterização da especificidade das colecções universitárias. Num segundo plano, apresentou-se uma abordagem histórica preliminar para a contextualização das origens e constituição de museus e colecções da Universidade, com particular enfoque no séc. XX e nas iniciativas mais recentes de reorganização do seu património. Sobre o Levantamento conduzido, foi desenvolvida a metodologia adoptada e, apresentados e discutidos os seus resultados. Por fim, este estudo pretendeu ainda fornecer um contributo preliminar para a valorização do património cultural da Universidade de Lisboa, através da elaboração de propostas de programação com base nos resultados obtidos no Levantamento.

The Cultural Heritage of the University of Lisbon: Survey and Contribution for its Promotion

Ana Catarina Teixeira da Silva

Abstract

Keywords: university heritage, university museum, university collection, survey, cultural planning, University of Lisbon.

This study was developed following the survey of the University of Lisbon cultural heritage, conducted between April 2010 and March 2011. The survey consisted in a comprehensive and systematic assessment of the most relevant historical, scientific, artistic and architectural clusters of heritage of the University, implemented in the context of its Centennial Commemorations (1911-2011). Initially, the study comprises a reflection about the complexity of university museums and collections, particularly different typologies, organizational levels, use and accessibility, and also recent European initiatives for its preservation. For the conceptual basis and survey development, it was crucial to clarify the terms ‘collection’ and ‘museum’ through main international standards, and particularly in the university context, through the characterization of the specificity of university collections. In a second part, the study comprised an historical approach of the origins and organization of the University of Lisbon museums and collections, mainly in the 20th century, but also reviewing recent heritage reorganizations. Concerning the survey, its methodology and results were presented, developed and discussed. Finally, regarding the survey results, a preliminary contribution for the enhancement promotion of the University cultural heritage was provided.

**Património Cultural da Universidade de Lisboa: Levantamento e
contributo para a sua valorização**

Ana Catarina Teixeira da Silva

Trabalho de Projecto de Mestrado em Museologia

Março, 2012

Trabalho de Projecto apresentado para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Museologia realizado sob a orientação científica da Professora Doutora Raquel Henriques da Silva, Professora Doutora Marta Lourenço e Engenheiro Luís Efrem Elias Casanovas

ÍNDICE

Anexos	1
Anexo A1 – Visitas de campo realizadas no Levantamento do património cultural da Universidade de Lisboa.....	2
Anexo A2 – Categorização e classificação do património das universidades.....	3
Anexo A3 – Instrumentos de recolha de dados (fichas – matriz).....	5
Anexo A4 – Tabela resumo do património cultural da Universidade de Lisboa.....	8
Anexo A5 – Fichas do Levantamento do património cultural da Universidade de Lisboa.....	12
Anexo B1 – Programa da iniciativa os ‘100 Locais’.....	390
Anexo B2 – Instrumento de recolha de dados (questionário).....	401
Anexo B3 – Análise estatística de dados.....	403

ANEXOS

Anexo A1 - Visitas de campo (p/unidade) realizadas no levantamento do património cultural da Universidade de Lisboa:

Levantamento do Património Cultural da Universidade de Lisboa - Abril de 2010 /Março 2011	
Unidade Orgânica /Estrutural	Nº Visitas
Reitoria	2
Faculdade de Belas Artes	1
Faculdade de Ciências	2
Faculdade de Direito	2
Faculdade de Farmácia	2
Faculdade de Letras	6
Faculdade de Medicina	17
Faculdade de Medicina Dentária	1
Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação	1
Laboratório Marítimo da Guia	2
Instituto Bacteriológico Câmara Pestana	1
Instituto de Ciências Sociais	3
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território	3
Observatório Astronómico de Lisboa	2
Total (14 unidades)	45

Anexo A2

Categorização e classificação do património cultural das universidades

Marta C. Lourenço, Ana M. Pascoal & Catarina Teixeira / Universidade de Lisboa

[documento não publicado]

No âmbito de qualquer levantamento, torna-se necessário estruturar e organizar a informação recolhida. No caso do Levantamento do Património Cultural da Universidade de Lisboa, conduzido entre Abril de 2010 e Março de 2011, a diversidade de elementos patrimoniais identificados como consistentes, bem como a multiplicidade de estados actuais (institucionais, de conservação, de inventário) e de localizações/acessibilidade conduziu à necessidade de definir duas variáveis estruturantes para organização da informação:

- as **Categorias**, que definem os elementos patrimoniais a levantar, i.e. os objectos do Levantamento (total de três categorias);
- as **Classes**, que caracterizam o estado actual de cada elemento, de acordo com três parâmetros: estado do inventário, estado de conservação e acessibilidade física (total de quatro classes).

CATEGORIAS		
	Designação	Definição
COL	Colecção	Conjunto de objectos dotados de uma coerência lógica interna no sentido de constituírem evidência material da actividade humana ou da natureza, reunidos deliberadamente de forma permanente ou temporária para um fim específico previamente estabelecido (Lourenço 2005). Tipicamente, nas universidades, esse fim específico é o apoio à investigação e ao ensino. A Categoria Colecção é aqui entendida no sentido lato e inclui Arquivos (colecções de documentos, fotografias) e Bibliotecas (colecções de livros).
OBJ	Objecto Singular	Objecto (ou par de objectos) dotado de coerência lógica interna no sentido de constituir evidência material da actividade humana (e.g. escultura, quadro, túmulo, etc).
IM	Edificado	Conjunto patrimonial edificado/integrado ou monumento arquitectónico singular dotado de coerência lógica interna no sentido de constituir evidência material da actividade humana (e.g. laboratório, observatório astronómico, etc).

No que diz respeito à classificação, no contexto do Levantamento do Património Cultural da Universidade de Lisboa apenas se desenvolveu a classificação da Categoria Colecção que é, pela sua natureza, a mais complexa. Existem já alguns sistemas de classificação de colecções universitárias, por exemplo baseadas na proveniência (Northern Ireland Museums Council 2002,

sete classes) e nos processos de constituição (Hamilton 1995, quatro classes; Lourenço 2005, quatro classes).

Dado que o Levantamento do Património Cultural da Universidade de Lisboa tinha como fim último o estabelecimento de políticas consistentes no sentido da organização, estudo e valorização desse património, considerou-se mais útil o estabelecimento de um sistema de classificação que sustentasse o diagnóstico imediato e conjunto de três parâmetros da colecção: o estado do inventário/catalogação, o estado de conservação e a acessibilidade da colecção.

Sistema de Classificação	
Designação	Definição
Classe I	<i>Colecção por catalogar e inacessível fisicamente</i> Colecção com menos de 50% dos objectos catalogados ou inventariados e armazenada num local inacessível ou de difícil acesso – amontoada num armazém, numa cave ou num sótão.
Classe II	<i>Colecção por catalogar e acessível fisicamente</i> Colecção com menos de 50% dos objectos catalogados ou inventariados (no sentido museológico, uma mera lista não conta) mas armazenada com algum tipo de arrumação, ainda que minimal, num local acessível.
Classe III	<i>Colecção catalogada e acessível fisicamente</i> Colecção com pelo menos 50% dos objectos catalogados ou inventariados e armazenada com algum tipo de arrumação, ainda que minimal, num local acessível.
Classe IV	<i>Catalogada, acessível fisicamente e com standards de conservação</i> Colecção com todos os objectos registados/tombados ou com pelo menos 50% dos objectos catalogados ou inventariados, armazenada com algum tipo de arrumação, ainda que minimal, num local acessível com segurança e com standards mínimos de conservação (temperatura e humidade estáveis e acesso controlado).

Em princípio, todas as colecções que se encontram num Museu serão de Classe IV; no entanto, no caso da Universidade de Lisboa (bem como em muitos museus universitários, em Portugal e no estrangeiro), tal não se verifica.

Bibliografia

Hamilton, J., 1995. The role of the university curator in the 1990s. *Museum Management and Curatorship*, **14**: 73-79.

Lourenço, M.C., 2005. *Between two worlds: The distinct nature and contemporary significance of university museums and collections in Europe*. PhD in Epistemology & History of Technology, Conservatoire National des Arts et Métiers (Paris).

Northern Ireland Museums Council, 2002. *A survey of the university collections in Northern Ireland*. Belfast.

Anexo A3 – Instrumentos de recolha de dados (fichas – matriz)



Levantamento do Património Histórico, Científico e Artístico da Universidade de Lisboa

FICHA MATRIZ – CATEGORIA OBJECTO SINGULAR (OBJ)

Número:	Número de série do levantamento.
Designação:	Inserir a designação corrente/nome comum do objecto/obra, que o identifica estrita e inequivocamente.
Título:	Denominação pela qual o objecto é comumente designado, diferente da designação, e originalmente atribuída pelo autor. Quando o autor atribuir especificamente o título 'Sem título', registar dessa forma.
Autoria:	Identificação do autor do objecto, quando conhecido. No caso de existirem vários autores, deve ser especificada a função de cada um na execução da peça.
Categoria:	Classificação do objecto em função da sua tipologia (técnica, materiais ou função); ex. "pintura".
Data	Data de execução/produção/manufactura, etc.

Unidade Orgânica:	Inserir a unidade que tutela directamente a objecto/obra, ex. Reitoria da Universidade de Lisboa.
Localização:	Inserir a morada onde o objecto se encontra localizado.
Proveniência:	Inserir a instituição da qual é proveniente, ex. Escola Superior de Belas Artes. A proveniência é a última entidade ou indivíduo proprietário da peça antes da sua incorporação na Universidade de Lisboa.
Ingresso:	Data de ingresso do objecto na UL. No caso de ter sido executado propositadamente para a Universidade, colocar "Esteve sempre na UL".
Responsável:	Inserir o nome e posição do responsável, conservador ou, em última análise, director/presidente da instituição de tutela directa.
Contactos:	Email ou telefone do nome inserido no campo anterior.

Fotografias:

Foto 1	Foto 2
--------	--------

Dimensões:	Dimensões gerais do objecto/obra, atendendo sempre às medidas máximas. Registo de acordo com as regras normalizadas estabelecidas internacionalmente.
Materiais:	Materiais constituintes do objecto/obra.
Descrição:	Inserir um breve parágrafo, claro e objectivo, sobre a história do objecto/obra (data aproximada da constituição/aquisição/manufactura/produção, motivos e fins a que se destinou/destina ao longo do tempo, localizações e mudanças), bem como acerca da sua descrição física (forma/estrutura, componentes, elementos decorativos, iconografia, inscrições, cores, etc.)
Documentação:	Referir se existe documentação associada e onde esta se localiza.
Estado de Conservação:	Inserir dados relativos ao estado geral de conservação (mau estado, razoável, bom estado; no todo ou em parte). Inserir pormenores relevantes (ex. peça incompleta, peça com fungos ou pestes). Inserir informação relativa às condições ambiente (controladas ou não) e armazenamento. Referir intervenções recentes de conservação e/ou restauro.
Observações:	Campo livre para inserção de outra informação relevante.

Bibliografia:	Inserir bibliografia directa sobre o objecto (catálogos, estudos). Não inserir bibliografia indirecta (onde o objecto aparece referido ocasional ou marginalmente).
---------------	---

Autor da Ficha:	Inserir identificação e contacto do autor/a da ficha.
Data de preenchimento:	Inserir data de conclusão de preenchimento da ficha.

FICHA MATRIZ – CATEGORIA COLECÇÃO (COL)

Designação	Inserir a designação corrente da colecção, ex. Acervo de Pintura
Dimensão	Inserir número estimado de artefactos, espécimenes ou objectos.
Número	Número de série do levantamento.
Classe	Escala interna atribuída pelo 'Sistema de Classificação das Colecções Universitárias' (Lourenço, <i>et al.</i> , 2011)

Unidade Orgânica:	Inserir a unidade ou sub-unidade da UL que tutela directamente a colecção, ex. Faculdade de Belas-Artes, Observatório Astronómico de Lisboa.
Proveniência:	Inserir a instituição da qual é proveniente a colecção, ex. Escola Superior de Belas Artes
Localização:	Inserir a morada onde a colecção se encontra localizada.
Website:	Inserir <i>website</i> relativo à colecção ou <i>website</i> relevante (se aplicável)
Director/Responsável	Inserir o nome e posição do responsável, conservador ou, em última análise, director/presidente da instituição de tutela directa.
Contacto	Email ou telefone do nome inserido no campo anterior.
Enquadramento institucional e legal	Inserir se a colecção é propriedade da instituição ou se está em depósito. Referir se existem referências à colecção no Estatuto da instituição, Regulamento da instituição ou Estatuto da UL. Referir outros documentos legais ou institucionais relevantes para a colecção.
Na UL desde	Inserir a data de incorporação da colecção na UL (ex. 1911).

Alguns exemplares da colecção:

Foto 1	Foto 2
--------	--------

Nota Descritiva e Histórica	Inserir um breve parágrafo sobre a história da colecção (data aproximada da constituição, razões da constituição, fins a que se destinou/destina ao longo do tempo, localizações e mudanças).
Relevância	Inserir um breve comentário sobre a relevância histórica, artística, científica, da colecção nos dias de hoje. Referir relevância para a UL, para a cidade de Lisboa, para o país. Mencionar igualmente caso a colecção tenha importância internacional. Identificar objectos ou conjuntos de objectos particularmente significativos. MÁXIMO 300 PALAVRAS.
Utilização	Inserir usos recentes ou regulares da colecção (ex. ensino, investigação, exposição).
Estado do inventário	Inserir se a colecção está inventariada ou não, no todo ou em parte. Referir se o inventário é em suporte informático ou em papel (manuscrito ou dactilografado). Referir igualmente se o inventário está acessível <i>online</i> , em catálogo impresso ou digital (DVD ou CDROM)
Documentação	Referir se a colecção possui documentação associada (ex. um arquivo e referir qual) e se esta se encontra organizada.
Estado de Conservação	Inserir dados relativos ao estado geral de conservação (mau estado, razoável, bom estado; no todo ou em parte). Inserir pormenores relevantes (ex. peças incompletas, peças com fungos ou pestes). Inserir informação relativa às condições ambiente (controladas ou não) e armazenamento. Referir intervenções recentes de conservação e/ou restauro.
Pessoal	Pessoal afecto directamente ao acervo, tipo de posição (do quadro, contrato a termo, etc) e qualificação.
Bibliografia	Inserir bibliografia directa sobre a colecção (catálogos, estudos). Não inserir bibliografia indirecta (onde a colecção aparece referida ocasional ou marginalmente).

Autor da Ficha	Inserir identificação e contacto do autor/a da ficha.
Data de preenchimento	Inserir data de conclusão de preenchimento da ficha.

FICHA MATRIZ – CATEGORIA PATRIMÓNIO IMÓVEL (IM)

Designação	Inserir a designação corrente do elemento patrimonial imóvel, ex. <i>Laboratorio Chimico</i> da Escola Politécnica, Edifício do Observatório Astronómico de Lisboa.
Número	Número de série do levantamento.

Instituição de tutela directa	Inserir a unidade ou sub-unidade da UL que tutela directamente o elemento patrimonial.
Proveniência institucional (se diferente da UL)	Inserir a instituição da qual é proveniente o elemento patrimonial.
Localização	Inserir a morada.
Website	Inserir <i>website</i> relativo ao elemento patrimonial imóvel ou <i>website</i> relevante (se aplicável)
Director/Responsável	Inserir o nome e posição do director/presidente da instituição de tutela directa.
Contacto	Email ou telefone do nome inserido no campo anterior.
Enquadramento institucional e legal	Referir se existem referências ao elemento patrimonial no Estatuto da instituição, Regulamento da instituição ou Estatuto da UL. Referir outros documentos patrimoniais ou legais relevantes, nomeadamente classificação e datas (imóvel de interesse público desde 1967, etc).
Na UL desde	Inserir a data de entrada do elemento patrimonial na UL (ex. 1911).

Foto:	Inserir uma foto do elemento patrimonial ou edifício.
-------	---

Data	Inserir data de construção ou conclusão.
Arquitecto/Autor	Inserir nome do arquitecto ou autor.
Nota histórica	Inserir elementos históricos, artísticos e/ou científicos relevantes.
Relevância	Inserir um breve comentário sobre a relevância histórica e científica do elemento patrimonial ou edifício – para a UL, para a cidade de Lisboa e para o país.
Utilização	Inserir usos recentes ou regulares do elemento patrimonial ou edifício como fonte para o ensino, investigação, musealização ou outros.
Classificação	Inserir se o elemento patrimonial ou edifício está classificado ou em vias de classificação (inserir datas e outra informação relevante)
Estado de Conservação	Inserir dados relativos ao estado geral de conservação (mau estado, razoável, bom estado; a necessitar de manutenção, no todo ou em parte). Inserir pormenores relevantes (ex. humidades, instabilidade). Referir intervenções recentes de conservação e/ou restauro.
Bibliografia	Inserir bibliografia directa sobre o elemento patrimonial ou edifício (catálogos, estudos). Não inserir bibliografia indirecta onde o elemento patrimonial ou edifício é mencionado ocasional ou marginalmente.

Autor da Ficha	Inserir identificação e contacto do autor/a da ficha.
Data de preenchimento	Inserir data de conclusão de preenchimento da ficha.

Anexo A4 – Tabela resumo do património cultural da Universidade de Lisboa



Levantamento do Património Cultural da Universidade de Lisboa Abril 2010 / Março 2011 - TABELA RESUMO -

Tutela Directa	Designação	Categoria	Dimensão (número itens)	Data	Classe	Classificação Patrimonial
Reitoria	Edifício	Imóvel	NA	1961	-----	s/Classificação
	Sala Oval	Imóvel	NA	1961	-----	s/Classificação
	Aula Magna	Imóvel	NA	1961	-----	s/Classificação
	Mobiliário de Daciano da Costa	Colecção	230	1961	II	
	Painéis de Mosaicos de António Lino	Colecção	8	1961	II	
	Painéis gravados de Almada Negreiros	Colecção	3	1961	II	
	Vitrais de Lino António	Colecção	4	1961	II	
	Pinura mural de Daciano da Costa	Colecção	2	1961	II	
	Painéis cerâmicos de Hein Semke	Colecção	3	1957	II	
	Arquivo Histórico do Departamento de Obras e Manutenção	Colecção	Centenas	Séc. XX	II	
	Arquivo Histórico da Reitoria	Colecção	Centenas	Séc. XX	II	
	Relógio	Objecto	1	1770	-----	
	Porta Aula Magna de Lino António	Objecto	1	1961	-----	
	Tapeçaria de Rogério Ribeiro	Objecto	1	1960	-----	
	Painel cerâmico de Querubim Lapa	Objecto	1	1961	-----	
Instituto Bacteriológico Câmara Pestana	Edifício Principal	Imóvel	NA	1897-1900	-----	Inserido em ZEP
	Colecção de Instrumentos e Espécimens	Colecção	4.000	Início séc. XX	II	
	Biblioteca Histórica	Colecção	9-10.000	Séc. XIX-XX	II	
	Arquivo Histórico	Colecção	Centenas	Séc. XIX-XX	II	
	Conjunto de Vitrais	Colecção	2	Séc. XIX-XX	II	
	Busto de Leopoldo de Almeida 'Luís da Câmara Pestana'	Objecto	1	1926	-----	
	Retrato de Veloso Salgado 'D.ª Amélia'	Objecto	1	1901	-----	
	Pinura de João Galhardo 'Luís da Câmara Pestana'	Objecto	1	1900	-----	
Instituto Geofísico do Infante D. Luís	Arquivo Histórico	Colecção	100.000	Séc. XIX-XX	II	
Instituto de Orientação Profissional	Arquivo Histórico	Colecção	50 000	Séc. XX	II	
Museus da Politécnica	Edifício principal	Imóvel	NA	1857-1878	-----	Inserido em ZEP
	Picadeiro do Real Colégio dos Nobres	Imóvel	NA	1766	-----	Classificado como IIP; Inserido em ZEP
	Túmulo de Fernão Telles de Menezes e	Objecto	NA	Séc. XVIII	-----	

Museu de Ciência	Colecção de Mobiliário	Colecção	Largas dezenas	Séc. XIX-XX	IV	
	Laboratório Chimico da Escola Politécnica	Imóvel	NA	1857, 1890	-----	Inserido em ZEP; em vias de classificação (IIP)
	Observatório Astronómico da Escola Politécnica	Imóvel	NA	1898	-----	Inserido em ZEP
	Sala do Conselho e Sala de Leitura da Biblioteca	Imóvel	NA	Séc. XIX	-----	Inserido em ZEP
	Colecção de Química	Colecção	3.000	Séc. XIX-XX	IV	(c. 67% Inv.)
	Colecção de Física	Colecção	3.000	Séc. XIX-XX	IV	(c. 53% Inv.)
	Colecção de Astronomia	Colecção	300	Séc. XIX-XX	IV	
	Colecção de Matemática	Colecção	150	Séc. XIX-XX	IV	
	Colecção do IGIDL	Colecção	800	Séc. XVIII-XX	IV	
	Colecção de Modelos Didácticos	Colecção	200	Séc. XIX-XX	IV	
	Colecção de Painéis Didácticos	Colecção	1.000	Séc. XIX-XX	IV	(0% Inv.)
	Colecção de Memorabilia Institucional	Colecção	300	Séc. XVII-XX	IV	
	Colecção de Bustos e Retratos	Colecção	70	Séc. XIX-XX	IV	
	Colecção de Desenhos	Colecção	900	Séc. XIX-XX	IV	(0% Inv.)
	Colecção de Instrumentos Científicos da Casa Real	Colecção	c. 90	Séc. XVI-XVIII	IV	
	Colecção de Instrumentos de Psicologia	Colecção	120	Séc. XX	IV	(0% Inv.)
	Colecção de Jogos e Testes de Psicologia	Colecção	57	Séc. XX	IV	(0% Inv.)
Biblioteca Histórica	Colecção	9.100	Séc. XV-XIX	IV	(c. 90 Inv.)	
Arquivo Histórico	Colecção	100.000	Séc. XIX-XX	IV	(100% - Séries)	
Museu Nacional de História Natural	-----	-----	-----	-----	-----	-----
	Departamento de Zoologia e Antropologia (MNHN)	Colecção de Antropologia 'Luís Lopes'	Colecção	1.700	Séc. XX-presente	IV
		Colecção de Antropologia 'Ferraz de Macedo'	Colecção	33	Início séc. XX	IV
		Colecção Osteológica do Convento do Carmo (depósito)	Colecção	Desconhecida	Séc. XV-XIX	IV
		Colecção Osteológica 'Silva Telles' (depósito)	Colecção	700	Séc. XIX-XX	IV
		Colecção de Mamíferos	Colecção	6.243	Séc. XX-presente	IV
		Colecção de Aves	Colecção	2.600	Séc. XX-presente	IV
		Colecção de Ictiologia	Colecção	7.700	Séc. XX-presente	IV
		Colecção de Larvas de Peixes	Colecção	5731	Séc. XX-presente	IV
		Colecção de Anfíbios & Répteis	Colecção	2840	Séc. XX-presente	IV
		Colecção de Invertebrados (não Insecta)	Colecção	30.800	Séc. XX-presente	IV
		Colecção de Entomologia	Colecção	38000	Séc. XX-presente	IV
		Colecção de Tecidos e ADN	Colecção	6.150	Séc. XX-presente	IV

	Colecção de Instrumentos e Equipamento Científico	Colecção	100	Séc. XIX-XX	IV	
	Colecção de Modelos e Preparações Didácticas	Colecção	110	Séc. XIX-XX	IV	
	Colecção de Painéis Didácticos	Colecção	100	Séc. XIX-XX	IV	
	Colecção de Clichés Tipográficos	Colecção	1.000	Séc. XIX-XX	IV	
	Arquivo Histórico do 'Museu Bocage'	Colecção	3.507	Séc. XVIII-XIX	IV	
Departamento de Botânica (MNHN)	Jardim Botânico	Colecção	1.500	Séc. XIX-presente	IV	Classificado como MIN
	Herbário de Vandelli	Colecção	1.500	Séc. XVIII	IV	
	Herbário de Alexandre R. Ferreira	Colecção	1.260	Séc. XVIII-XIX	IV	
	Herbário de Valorado	Colecção	1.200	Séc. XVIII-XIX	IV	
	Herbário de Brotero	Colecção	300	Séc. XVIII-XIX	IV	
	Herbários de Welwitsch	Colecção	12.400	Séc. XIX	IV	
	Herbário Geral	Colecção	43.000	Séc. XIX-presente	IV	
	Herbário de Portugal	Colecção	31.000	Séc. XIX-presente	IV	
	Herbário das 'Ex-Colónias'	Colecção	10.000	Séc. XIX-presente	IV	
	Herbário da Macaronésia	Colecção	4.500	Séc. XIX-presente	IV	
	Herbário de Líquenes	Colecção	40.000	Séc. XIX-presente	IV	
	Herbário de Fungos	Colecção	12.000	Séc. XIX-presente	IV	
	Herbário de Briófitos	Colecção	70.000	Séc. XIX-presente	IV	
	Colecção de Gravuras e Desenhos	Colecção	232	Séc. XIX	IV	
	Colecção de Objectos Naturais	Colecção	4.000	Séc. XVIII-XX	IV	
Departamento de Botânica	Banco de Sementes	Colecção	4.171	Séc. XX-XXI	IV	
	Colecção de Painéis Didácticos	Colecção	60	Séc. XIX-XX	IV	
	Colecção de Instrumentos Científicos	Colecção	10	Séc. XIX-XX	IV	
	Edifício do Herbário	Imóvel	NA	1930s	-----	Inserido em ZEP e MIN do JB
	Arquivo Histórico do Jardim Botânico	Colecção	Desconhecida	Séc. XIX-XX	IV	
	Colecções de Mineralogia 1	Colecção	5.468	Séc. XX	IV	
Departamento de Mineralogia e Geologia (MNHN)	Colecções de Mineralogia 2	Colecção	628	Séc. XX	IV	
	Colecções de Mineralogia 3	Colecção	4.589	Séc. XX	IV	
	Colecções de Paleontologia 1	Colecção	15.416	Séc. XX	IV	
	Colecções de Paleontologia 2	Colecção	2.410	Séc. XX	IV	
	Colecções de Petrologia 1	Colecção	8.000	Séc. XX	IV	
	Colecções de Petrologia 2	Colecção	692	Séc. XX	IV	
	Colecções de Estratigrafia	Colecção	32.330	Séc. XX	IV	
	Colecções de Trabalho	Colecção	Dezenas de milhares	Séc. XX - XXI	IV	
	Colecção de Pintura Biológica de Alfredo da Conceição (depósito)	Colecção	231	Séc. XX	IV	
	Colecção de Instrumentos Científicos	Colecção	30	Séc. XIX-XX	IV	

Faculdade de Belas Artes	Edifício	Imóvel	NA	Séc. XIII-XIX	-----	Classificado como IIP
	Colecção de Pintura	Colecção	1.500	Séc. XIX-XX	III	
	Colecção de Escultura	Colecção	800	Séc. XIX-XX	II	
	Colecção de Gravuras	Colecção	638	Séc. XVII-XX	IV	
	Colecção de Desenhos	Colecção	1.294	Séc. XIX-XX	IV	
	Arquivo Histórico	Colecção	56.000	Séc. XIX-XX	II	
Faculdade de Ciências	Edifício C8	Imóvel	NA	1999	-----	s/Classificação (Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura: 2000)
						Classificado como IIP
Laboratório Marítimo da Guia	Forte de Nossa Senhora da Guia	Imóvel	NA	Séc. XVII-XX	-----	Classificado como IIP
	Colecções de Material Biológico	Colecção	Dezenas	Séc. XX	III	
Departamento de Biologia Animal	Colecções Históricas	Colecção	c. 60	Séc. XX	III	
	Colecção de Antropologia	Colecção	c. 50	Séc. XX	III	
	Colecção da Entomoteca	Colecção	c. 20 mil	Séc. XX	III	
Departamento de Biologia Vegetal	Colecções de Biologia Animal	Colecção	c. 700	Séc. XX	III	
	Colecções de Biologia Vegetal	Colecção	Milhares	Séc. XX	III	
Observatório Astronómico de Lisboa	Colecção de Instrumentos Científicos	Colecção	c. 20	Séc. XX	II	
	Estátua de Laranjeira Santos 'José Pinto Peixoto'	Objecto	1	2003	-----	
	Edifício do Observatório	Imóvel	NA	1860-1878	-----	Inserido na Tapada da Ajuda classificada como CIP
Faculdade de Direito	Colecção de Instrumentos de Astronomia	Colecção	Dezenas	Séc. XIX-XX	III	
	Biblioteca Histórica	Colecção	13.500	Séc. XV-XX	III	
	Arquivo Histórico	Colecção	25 m	Séc. XIX-XX	III	
	Edifício Principal	Imóvel	NA	1957	-----	s/Classificação
	Anfiteatros	Imóvel	NA	1957	-----	s/Classificação
	Salas de Aula	Imóvel	NA	1957	-----	s/Classificação
	Sala de Estudo 'Professor Castro Mendes'	Imóvel	NA	1957	-----	s/Classificação
	Gravuras Incisas de Almada Negreiros	Colecção	14	1958	II	
	Colecção de Mobiliário	Colecção	c. 90	1957	II	
	Colecção Africana	Colecção	12	Séc. XX	I	
	Núcleo Museológico 'Marcello Caetano'	Colecção	c. 60	Séc. XXI	III	
	Núcleo Museológico 'Paulo Cunha'	Colecção	c. 100	Séc. XXI	III	
	Colecção de Pintura	Colecção	42	Séc. XX	II	
	Arquivo e Biblioteca Histórica	Colecção	Milhares	Séc. XIX/ XX	III	
	Estátua Martins Correia 'Álvaro Pais'	Objecto	1	1981	-----	

	Baixo - relevo de Salvador Barata Feyo	Objecto	1	1957	-----	
	Baixo - relevo de António Duarte	Objecto	1	1957	-----	
	Painel Cerâmico de Lino António	Objecto	1	1957	-----	
	Tapeçaria Mural de Lino António	Objecto	1	1957	-----	
	Tapeçaria Mural de Guilherme Camarinha	Objecto	1	1962	-----	
	Retrato de Henrique Medina 'Marcello Caetano'	Objecto	1	1958	-----	
	Retrato de Henrique Medina (Lumbrales)	Objecto	1	1959	-----	
	Retrato de Guilherme Filipe 'Afonso Costa'	Objecto	1	1961	-----	
Faculdade de Farmácia	'Castelinho' (Quinta da Torrinha)	Imóvel	NA	Séc. XIX-XX	-----	s/Classificação
	Colecção de Instrumentos Científicos	Colecção	c. 200	Séc. XIX/XX?	I	
	Colecção de Painéis Didácticos	Colecção	c. 30	Séc. XX	I	
	Colecção de Matéria Médica	Colecção	c. 400	Séc. XX	I	
	Colecção de Retratos	Colecção	5	Séc. XX?	I	
	Colecção de Fotografias	Colecção	27	Séc. XIX/XX	II	
	Colecção de Aquarelas	Colecção	2	1920	II	
	Fundos Documentais Históricos	Colecção	Dezenas	Séc. XIX/XX	I	
Faculdade de Letras	Edifício Principal	Imóvel	NA	1958	-----	s/Classificação
	Anfiteatros 1& 2	Imóvel	NA	1958	-----	s/Classificação
	Gravuras Incisas de Almada Negreiros	Colecção	20	1961	II	
	Colecção de Bustos de Professores	Colecção	5	1959-1960	II	
	Colecção de Retratos de Joe	Colecção	2	1961	II	
Centro de Estudos Clássicos	Colecção de Mapas	Colecção	6	Séc. XX	I	
Uniarq - Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa	Colecções de Arqueologia	Colecção	Milhares	98 000 a.C. - Séc. VII d.C.	I	
	Estátua de Martins Correia 'D. Pedro V'	Objecto	1	1960	-----	
	Baixo-relevo de Leopoldo de Almeida	Objecto	1	1957	-----	
	Baixo-relevo de Álvaro de Brée 'Três Musas'	Objecto	1	1957	-----	
	Painel cerâmico de Jorge Barradas	Objecto	1	1957	-----	
	Tapeçaria mural de Manuel Lapa	Objecto	1	1957	-----	
	Retrato 'D. Pedro V'	Objecto	1	Desconhecida	-----	
	Tapeçaria 'D. Pedro V'	Objecto	1	c. 1855	-----	
	Retrato 'D. Pedro V'	Objecto	1	Desconhecida	-----	
	Retrato 'Professor Matos Romão'	Objecto	1	Desconhecida	-----	
Faculdade de Medicina	Anfiteatro de Anatomia	Imóvel	NA	1953	-----	s/Classificação
	Estátua de Euclides Vaz 'Egas Moniz'	Objecto	1	1974	-----	
Museu de Medicina	Colecção de Relógios	Colecção	3	Séc. XVIII-XIX	II	
	Colecção de Medalhões de Moreira Rato	Colecção	12	1906	II	
	Colecção de Pintura de Columbano	Colecção	4	1906-1907	II	

	Colecção de Ceras Anatômicas	Colecção	9	Séc. XIX-XX	II	
	Colecção de Modelos Anatômicos	Colecção	c. 50	Séc. XIX-XX	II	
	Colecção de Preparações Humanas	Colecção	c. 300	Séc. XIX-XX	II	
	Colecção de Cérebros Fetais	Colecção	c. 150	Séc. XX	II	
	Colecções Osteológicas	Colecção	c. 450	Séc. XIX-XX	II	
	Colecção de Desenhos	Colecção	c. 2200	Séc. XX	II	
	Colecção de Desenhos Infantis	Colecção	192	Séc. XX	II	
	Colecção de Preparações 'Professor António G. Ferreira'	Colecção	c. 1.000	1989	I	
	Colecção de Mobiliário do Teatro Anatômico	Colecção	55	Séc. XX	II	
	Colecção de Gessos	Colecção	16	Séc. XIX-XX	II	
	Colecção de Medalhões	Colecção	3	Séc. XX	II	
	Núcleo do Gabinete de Museologia	Colecção	c. 680	Séc. XIX-XX	I	
	Colecção de Fotografias	Colecção	518	Séc. XIX-XX	II	
	Colecção de Painéis Didácticos	Colecção	114	Séc. XX	I	
	Colecção de Preparações Histológicas (IAP)	Colecção	c. 4200	Séc. XX	I	
	Acervo do 'Museu Egas Moniz'	Colecção	c. 400	Séc. XX	II	
	Colecção de Instrumentos Científicos	Colecção	c. 600	Séc. XIX-XX	I	
	Colecção de Preparações Histológicas do Professor Jaime C. da Costa	Colecção	c. 2000	Séc. XX	II	
	Colecção de Matéria Médica	Colecção	c. 460	Séc. XIX-XX	II	
	Colecção de Bustos	Colecção	3	Séc. XIX-XX	II	
	Colecção de Pintura	Colecção	10	Séc. XIX-XX	II	
	Documentação Histórica Avulsa	Colecção	c. 500	Séc. XIX-XX	I	
	Colecção de Retratos e Gravura	Colecção	7	Séc. XVIII-XX	II	
	Colecção de Retratos	Colecção	6	Séc. XX	II	
	Colecção de Estudo 'Professor João Mirabeau Cruz'	Colecção	4	Séc. XX	I	
	Retrato de Helena Bourbon 'Henrique de Vilhena'	Objecto	1	Séc. XX	-----	
	Busto de Leopoldo de Almeida 'Egas Moniz'	Objecto	1	1957	-----	
	Desenho de Lino António 'Egas Moniz'	Objecto	1	1958	-----	
	Retrato de José Malhoa 'Egas Moniz'	Objecto	1	1932	-----	
	Medalhão de António Duarte 'Egas Moniz'	Objecto	1	1958	-----	
	Quadro de Américo Marinho 'Médicos Observando'	Objecto	1	Séc. XX	-----	
	Busto de Abel Salazar 'Augusto Celestino da Costa'	Objecto	1	Séc. XX	-----	
Biblioteca CDI	Núcleo de Livro Antigo	Colecção	c. 6000	Séc. XV - XIX	IV	
Faculdade de Medicina	Colecção de Instrumentos Científicos	Colecção	4	Séc. XX	II	

Dentária Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação	Edifício Principal	Imóvel	NA	1987-1999	-----	s/Classificação (Prémio Valmor e Municipal de Arquitetura: 1991)
	Painel de Azulejos de Menez	Objecto	1	1991	-----	
Instituto de Ciências Sociais	Edifício do ICS	Imóvel	NA	1998-2001	-----	s/Classificação (Prémio Valmor e Municipal de Arquitetura: 2002)
	Colecções Documentais Históricas	Colecção	Centenas	Séc. XVIII-XX	IV	
	Colecção de Memorabilia Institucional	Colecção	?	Séc. XX	I	
Instituto de Geografia e Ordenamento do Território	Colecção da Fototeca	Colecção	57 973	Séc. XX	III	
	Colecção de Petrologia	Colecção	Milhares	Séc. XX	II	
	Colecção de Instrumentos da Fototeca	Colecção	c. 20	Séc. XX	III	
	Colecção de Painéis Didácticos	Colecção	c. 350	Séc. XX	IV	
	Colecção de Séries Cartográficas	Colecção	c. 20.500	Séc. XX	IV	
	Colecção de Boletins Meteorológicos	Colecção	c. 47.900	Séc. XX	IV	
	Fundo de Mapas de Campo	Colecção	c. 1000	Séc. XX	IV	
	Fundo de Desenhos	Colecção	c. 3300	Séc. XX	II	
	Colecção de Atlas	Colecção	c. 300	Séc. XIX/XX	IV	
	Fundo Antigo de Mapas	Colecção	c. 5000	Séc. XIX-XX	IV	
Mapa de Portugal, Fernando Álvaro Seco	Objecto	1	1612 ou 1618	-----		

Anexo A5 – Fichas do Levantamento do património cultural da Universidade de Lisboa

Anexo B1 – Programa da iniciativa os ‘100 Locais’



100 LOCAIS

A iniciativa **100 Locais** consiste em 24 passeios pela cidade de Lisboa, ao longo dos fins de semana de Março, Abril e Maio de 2011. Estes passeios pretendem divulgar o passado e o presente da Universidade de Lisboa, bem como a sua ligação à cidade ao longo dos anos.

Destinam-se ao público em geral.

Informações e inscrições: <http://centenario.ul.pt>, mazevedo@reitoria.ul.pt

Passeio 1 **Cidade Universitária | Reitoria**

Sábado, 12 de Março de 2011
15-18h

Gabinete do Reitor, Sala Oval, Salão Nobre, Sala de Doutoramentos, Aula Magna, Mobiliário de Daciano da Costa e arte integrada (tapeçaria de Rogério Ribeiro, painéis e vitrais de Lino António e Querubim Lapa, gravuras incisivas de Almada Negreiros, pintura mural de Daciano da Costa, painéis de cerâmica de Hein Semke).

Com: **António Nóvoa, João Paulo Martins** (Faculdade de Arquitectura, Universidade Técnica de Lisboa) e **Maria João Neto** (Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa).

Ponto de encontro: Entrada da Reitoria, lado Campo Grande (15 h).

Passeio 2 **Campo Santana I**

Domingo, 13 de Março de 2011
15-18h

Estátua de Sousa Martins
Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Nova de Lisboa: Escadaria nobre (esculturas de Soares dos Reis e Costa Mota, pinturas de António Ramalho, Alves Cardoso e João Vaz), Sala dos Passos Perdidos (azulejos de Jorge Colaço), Sala dos Actos (friso de Veloso Salgado e fresco de Malhoa), Sala do Júri (tecto de Malhoa), Pátio.

Instituto Bacteriológico de Câmara Pestana: Aula, Biblioteca, Laboratório de Bacteriologia, Coleção de Instrumentos Científicos, Pintura e Escultura (Veloso Salgado, João Galhardo e Leopoldo de Almeida).

1



Com: **José Pedro Sousa Dias** (Faculdade de Farmácia, Universidade de Lisboa) e **Madalena Esperança Pina** (Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Nova de Lisboa).

Ponto de encontro: Estátua de Sousa Martins (15 h).

Passeio 3

Cidade Universitária | Cantina Nova, Instituto de Investigação Interdisciplinar e Serviços Partilhados

**Sábado, 19 de Março de 2011
11-13 h**

Cantina Nova

**Instituto para a Investigação Interdisciplinar (antigo Complexo Interdisciplinar)
Serviços Partilhados da Universidade de Lisboa**

Com: **Luís Fernandes** (SAS, Universidade de Lisboa), **David Xavier** (Serviços Partilhados da Universidade de Lisboa), **António Sá Fonseca** (Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa) e **José Francisco Rodrigues** (Faculdade Ciências, Universidade de Lisboa).

Ponto de encontro: Entrada da Cantina Nova, Av. das Forças Armadas (11 h).

Passeio 4

Cidade Universitária | Ciências Sociais e Farmácia

**Sábado, 19 de Março de 2011
15-18 h**

**Faculdade de Farmácia: alas laterais do Pavilhão C, Biblioteca e Castelinho da Quinta da Torrinha.
Instituto de Ciências Sociais (ICS): Auditório Sedas Nunes, Sala Polivalente (Exposição Meio Século de ICS), Biblioteca e Sala de Convívio.**

Com: **José Morais** (Faculdade de Farmácia, Universidade de Lisboa), **José Pedro Sousa Dias** (Faculdade de Farmácia, Universidade de Lisboa), **Jorge Vala** (Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa) **Conceição Andrade Martins** (Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa), **Eduarda Cruzeiro** (Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa) e **Raúl Hestnes Ferreira**.

Ponto de encontro: Entrada principal da Faculdade de Farmácia (15 h).



Passeio 5 **Cidade Universitária | Letras e Geografia**

Domingo, 20 de Março de 2011
15-18h

Faculdade de Letras: Sala D. Pedro V, Centro de História, Anfiteatro 1, Biblioteca e Arte integrada (baixos-relevo de Leopoldo de Almeida e Álvaro de Brée, painel de Jorge Barradas, tapeçaria de Manuel Lapa, coleção de bustos, gravuras incisas de Almada Negreiros, estátua de Martins Correia). Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT): Fototeca e Mapoteca.

Com: **António Feijó** (Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa), **Hermenegildo Fernandes** (Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa), **Maria João Neto** (Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa), **José Pedro Serra** (Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa), **Teresa Barata Salgueiro** (Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa) e **Diogo de Abreu** (Instituto de Geografia e Ordenamento do Território/Centro de Estudos Geográficos, Universidade de Lisboa).

Ponto de encontro: Entrada principal da Faculdade de Letras (15 h).

Passeio 6 **Cidade Universitária | Direito**

Sábado, 26 de Março de 2011
11-13 h

Faculdade de Direito: Anfiteatro e Sala de Aula, Sala Marcelo Caetano, Sala Paulo Cunha, Sala da Memória da Liberdade, Sala de Estudos João de Castro Mendes, Coleção de Pintura e Arte integrada (baixos-relevo de Salvador Barata Feyo e António Duarte, painel de Lino António, tapeçarias de Lino António e Guilherme Camarinha, gravuras incisas de Almada Negreiros, estátua de Martins Correia).

Com: **Eduardo Vera-Cruz Pinto** (Faculdade de Direito, Universidade de Lisboa), **Jorge de Miranda** (Faculdade de Direito, Universidade de Lisboa), **António Pedro Barbas Homem** (Faculdade de Direito, Universidade de Lisboa), **Martim de Albuquerque**, **Ana Maria Caetano** e **Paulo Pitta e Cunha**.

Ponto de encontro: Entrada principal da Faculdade de Direito (11 h).

Passeio 7 **Cidade Universitária | Psicologia, Educação e Medicina Dentária**

Sábado, 26 de Março de 2011
15-18h

Faculdade de Psicologia/Instituto de Educação: edifício, espaços diversos e painel de Menez.

3



Faculdade de Medicina Dentária: Poço do edifício do Auditório e Clínicas.

Com: **Maria Luísa Barros** (Faculdade de Psicologia, Universidade de Lisboa), **João Pedro da Ponte** (Instituto de Educação, Universidade de Lisboa), **Albano Estrela** (Instituto de Educação, Universidade de Lisboa), **José Henriques Ferreira Marques** (Faculdade de Psicologia), **Manuel Tainha, João de Aquino Marques** (Faculdade de Medicina Dentária, Universidade de Lisboa), **António Vasconcelos Tavares** (Faculdade de Medicina Dentária, Universidade de Lisboa) e **Dário Vilela** (Faculdade de Medicina Dentária, Universidade de Lisboa).

Ponto de encontro: Entrada principal da Faculdade de Psicologia (15 h).

Passeio 8

Alfama | Estudos Gerais

Domingo, 27 de Março de 2011
15-18h

Portas do Sol, Igreja de S. Tomé, Rua das Escolas Gerais.

Com: **Hermenegildo Fernandes** (Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa)

Ponto de encontro: Portas do Sol (15 h)

Passeio 9

Eixo Chiado-Rato I

Sábado, 2 de Abril de 2011
11-13h

Instituto de Investigação Científica Bento da Rocha Cabral

Com: **Manuel Bicho** (Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa/Instituto de Investigação Científica Bento da Rocha Cabral) e **José Pedro Sousa Dias** (Faculdade de Farmácia, Universidade de Lisboa).

Ponto de encontro: Entrada principal do Instituto de Investigação Científica Bento da Rocha Cabral, Calçada Bento da Rocha Cabral, 14 (11 h).



Passeio 10

Eixo Chiado-Rato II

Sábado, 2 de Abril de 2011
15-18h

Academia das Ciências de Lisboa
Misericórdia: antigo edifício do Instituto de Orientação Profissional
Calçada do Sacramento: Lápide dos Amigos de Lisboa (1938) sobre os Estudos Gerais

Com: **Miguel Telles Antunes** (Academia das Ciências de Lisboa), **Joaquim Cerqueira Gonçalves** (Academia das Ciências de Lisboa/Universidade de Lisboa), **Maria Eduarda Duarte** (Instituto de Orientação Profissional, Universidade de Lisboa) e **Hermenegildo Fernandes** (Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa).

Ponto de encontro: Entrada principal da Academia das Ciências de Lisboa (15 h).

Passeio 11

Cidade Universitária | Ala Poente

Domingo, 3 de Abril de 2011
15-18h

Estádio Universitário de Lisboa
Cantina Velha
Topo da Alameda: a Arquitectura de Porfírio Pardal Monteiro
Caleidoscópio, Jardim do Campo Grande

Com: **João Roquette** (Estádio Universitário), Escultor **José Rodrigues**, **Luís Fernandes** (SAS, Universidade de Lisboa), Arquitecto **Manuel Norberto Corrêa**, **Patrícia Pedrosa** (Departamento de Arquitectura, Universidade Lusófona), Arquitecto **António Pardal Monteiro** e Arquitecto **Pedro Oliveira**.

Ponto de encontro: Entrada principal do Estádio Universitário (15 h), em frente ao Hospital de Santa Maria.

Passeio 12

Eixo Chiado-Rato | Politécnica | Museus

Sábado, 9 de Abril de 2011
11-13h

Edifício principal dos Museus, Picadeiro do Real Colégio dos Nobres, Túmulo de Fernando Telles de Menezes e Maria de Noronha, Arte Sacra do Noviciado da Cotovia (exposição 'Memória dos Espaços da Politécnica'), Sala do Conselho da Escola Politécnica.



Com: **António Nóvoa** (Universidade de Lisboa), **Fernando António Baptista Pereira** (Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa) e **José Augusto França** (Universidade Nova de Lisboa).

Ponto de encontro: Escadaria principal dos Museus da Politécnica (11 h).

Passeio 13

Eixo Chiado-Rato | Politécnica | Museu de Ciência

Sábado, 9 de Abril de 2011
15-18h

Museu de Ciência da Universidade de Lisboa: Laboratorio Chimico e Anfiteatro, Laboratório de Física, Exposições, Reservas (Colecção de Física, Química, Desenhos, Depósito do Instituto de Orientação Profissional, Depósitos de alguns liceus de Lisboa...)

Com: **Marta Lourenço** (Museu de Ciência, Universidade de Lisboa/Faculdade de Ciências), **Ana Eiró** (Museu de Ciência, Universidade de Lisboa), **Luís Saraiva** (Museu de Ciência, Universidade de Lisboa/Faculdade de Ciências), **Ana de Sousa Prates** (Museu de Ciência, Universidade de Lisboa/Faculdade de Letras), **Maria Eduarda Duarte** (Instituto de Orientação Profissional, Universidade de Lisboa) e **Augusto Barroso** (Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa).

Ponto de encontro: Átrio dos Museus da Politécnica (15 h).

Passeio 14

Campo Santana II

Domingo, 10 de Abril de 2011
15-18h

Instituto Oftalmológico Gama Pinto: Sala da Biblioteca, Sala do Director, Auditório, Núcleo Museológico, Unidade de Retina, Jardim.
Hospital de Santa Marta: Sala MacBride, Azulejaria e Claustro, Mesa de Angiografia de Egas Moniz.

Com: **Luísa Coutinho Santos** (Instituto Oftalmológico Gama Pinto), **Fernando Bivar Weinholz** (Instituto Oftalmológico Gama Pinto), **Marina Peres** (Instituto Oftalmológico Gama Pinto), **Luiz Damas Mora** (Centro Hospitalar de Lisboa Central), **Alexandre Pais** (Museu Nacional do Azulejo), **João Pedro Monteiro** (Museu Nacional do Azulejo, a confirmar) e **Célia Pilão** (Centro Hospitalar de Lisboa Central).

Ponto de encontro: Entrada principal do Instituto Oftalmológico Gama Pinto, Travessa Larga, 2 (15 h).



Passeio 15 **Cidade Universitária | Medicina I**

Sábado, 16 de Abril de 2011
11-13h

Hospital de Santa Maria: Coleção de Columbanos, Núcleo de Livro Antigo, Acervo do Museu de Medicina, Centro de Simulações.

Com: **José Manuel Fernandes e Fernandes** (Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa), **Raquel Henriques da Silva** (Universidade Nova de Lisboa), **António Vaz Carneiro** (Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa), **Emília Clamote** (Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa), e **Manuel Valente Alves** (Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa).

Ponto de encontro: Estátua de Egas Moniz, entrada do Hospital de Santa Maria (11 h).

Passeio 16 **Cidade Universitária | Ciências**

Sábado, 16 de Abril de 2011
15-18h

Faculdade de Ciências: Estátua de José Pinto Peixoto, Campus Solar, Edifício C8, Edifício C6, Instituto D. Luiz e Instituto de Oceanografia.

Com: **José Manuel Pinto Paixão** (Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa), **Luís Mendes Victor** (Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa), **Ana Simões** (Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa), **António Vallêra** (Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa), **Miguel Brito** (Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa), **Maria José Costa** (Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa), Arquitecto **Gonçalo Byrne**, Arquitecto **José Laranjeira**, Arquitecto **José Neves** e **Miguel Miranda** (Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa).

Ponto de encontro: Estátua de José Pinto Peixoto (15 h).



Passeio 17

Eixo Chiado-Rato | Politécnica | Museu Nacional de História Natural I

Domingo, 17 de Abril de 2011
15-18h

**Museu Nacional de História Natural: Jardim Botânico (Jardim, lago, Herbários Históricos e Herbários Gerais, Banco de Sementes 'Belo Correia' e Coleção de Objectos Naturais).
Edifício dos Herbários.**

Com: **Ireneia Melo** (Museu Nacional de História Natural, Universidade de Lisboa), **Ana Isabel Correia** (Museu Nacional de História Natural, Universidade de Lisboa), **Cecília Sérgio** (Museu Nacional de História Natural, Universidade de Lisboa), **Fernando Catarino** (Museu Nacional de História Natural, Universidade de Lisboa) e **Gonçalo Canto Moniz** (Universidade de Coimbra).

Ponto de encontro: Entrada principal do Jardim Botânico (MNHN) (15 h).

Passeio 18

Praça de Espanha | Instituto Português de Oncologia

Sábado, 7 de Maio de 2011
11-13h

Instituto Português de Oncologia e Pavilhão do Rádio.

Com: **Bárbara Coutinho** (MUDE/Museu do Design e da Moda), **Tiago Saraiva** (Instituto de Ciências Sociais, Universidade de Lisboa), **Júlia Gaspar** (CIUHCT, Universidade de Lisboa).

Ponto de encontro: Entrada principal do IPO (11 h).

Passeio 19

Campo Santana III

Sábado, 7 de Maio de 2011
15-18h

**Instituto Nacional de Medicina Legal
Hospital de São José: Aula da Esfera e Sacristia do Colégio de Santo Antão**

Com: **Duarte Vieira** (Instituto Nacional de Medicina Legal/Universidade de Coimbra), **Jorge Costa Santos** (Instituto Nacional de Medicina Legal), **Teresa Sustelo** (Centro Hospitalar de Lisboa Central, a cf.), **Luiz Damas Mora** (Centro Hospitalar de Lisboa Central), **Célia Pilão** (Centro Hospitalar de Lisboa Central),



Henrique Leitão (Faculdade de Ciências, Universidade de Lisboa), **Rosário Salema de Carvalho** (Instituto de História de Arte, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa) e **Rui Lobo** (Universidade de Coimbra).

Ponto de encontro: Entrada principal do Instituto de Medicina Legal (15 h).

Passeio 20

Eixo Chiado-Rato | Politécnica | Observatórios da Politécnica

Domingo, 8 de Maio de 2011
15-18h

Observatório Astronómico da Escola Politécnica (Museu de Ciência da Universidade de Lisboa), Estações Meteorológica e Sismográfica, Instituto Geofísico do Infante D. Luís.

Com: **Miguel Miranda** (Instituto D. Luís), **Luís Mendes Victor** (Instituto Geofísico do Infante D. Luís), **Luís Miguel Carolino** (Museu de Ciência, Universidade de Lisboa), **Carlos Corela** (Instituto D. Luís), **Maria Antónia Valente** (Instituto D. Luís) e **Josep Batlló** (Instituto D. Luís).

Ponto de encontro: Entrada principal do Jardim Botânico (MNHN) (15 h).

Passeio 21

Eixo Chiado-Rato | Belas Artes

Sábado, 14 de Maio de 2011
11-13h

Faculdade de Belas Artes: Convento de São Francisco e colecções (gravura, desenhos, pintura e escultura).
Academia Nacional de Belas Artes

Com: **Luís Jorge Gonçalves** (Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa), **João Queiroz** (Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa), **Joaquim Correia**, **Fernando António Baptista Pereira** (Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa), **Luísa Arruda** (Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa), **Margarida Calado** (Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa), **Alberto Faria** (Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa), **José Viriato** (Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa), **Luís Lyster Franco** (Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa), **António Valdemar** (Academia Nacional de Belas Artes).

Ponto de encontro: Entrada principal da Faculdade de Belas Artes, Largo de São Francisco (11 h).

Passeio 22

Eixo Chiado-Rato | Politécnica | Museu Nacional de História Natural II

Sábado, 14 de Maio de 2011
15-18h

Desenhos e Fundo Documental do Real Museu da Ajuda
Exposições e Coleções de Antropologia e Zoologia
Exposições e Coleções de Mineralogia, Geologia e Paleontologia
Sala do Veado

Com: **Ireneia Melo** (Museu Nacional de História Natural, Universidade de Lisboa), **João Brigola** (Instituto dos Museus e da Conservação/Universidade de Évora), **Pedro Salgado** (Instituto Superior de Educação em Ciências), **António Galopim de Carvalho** (Museu Nacional de História Natural, Universidade de Lisboa), **Judite Alves** (Museu Nacional de História Natural, Universidade de Lisboa), **Fernando Serralheiro** (Museu Nacional de História Natural, Universidade de Lisboa), **César Lopes** (Museu Nacional de História Natural, Universidade de Lisboa), **Liliana Póvoas** (Museu Nacional de História Natural, Universidade de Lisboa), **Fernando Barriga** (Museu Nacional de História Natural, Universidade de Lisboa) e **Sofia Marçal** (Museu Nacional de História Natural, Universidade de Lisboa).

Ponto de encontro: Átrio dos Museus da Politécnica (15 h).

Passeio 23

Cidade Universitária | Medicina II

Domingo, 15 de Maio de 2011
15-18h

Hospital de Santa Maria
Estátua de Egas Moniz
Museu Egas Moniz
Instituto de Medicina Molecular

Com: **José Manuel Fernandes e Fernandes** (Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa), **Fernando António Baptista Pereira** (Faculdade de Belas Artes, Universidade de Lisboa), **João Lobo Antunes** (Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa), **Vítor Oliveira** (Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa) e **Maria do Carmo Fonseca** (Instituto de Medicina Molecular, Faculdade de Medicina, Universidade de Lisboa, a cf.).

Ponto de encontro: Estátua de Egas Moniz, entrada do Hospital de Santa Maria (15 h).



Passeio 24 (dia inteiro) **Ajuda, Belém e Cascais**

Sábado, 21 de Maio de 2011
10-17h

Faculdade de Ciências: Observatório Astronómico de Lisboa na Tapada da Ajuda (Edifício, Cúpula, Coleção de Instrumentos, Biblioteca e Arquivo).
Museu Nacional de Arqueologia, Belém.
Faculdade de Ciências: Laboratório Marítimo da Guia, Cascais.

Com: **Rui Agostinho** (Observatório Astronómico de Lisboa/FCUL), **Halima Naimova** (Observatório Astronómico de Lisboa/FCUL), **Luís Raposo** (Museu Nacional de Arqueologia), **Pedro Ré** (Laboratório Marítimo da Guia/FCUL), **Armando Almeida** (Laboratório Marítimo da Guia/FCUL), **José Paula** (Laboratório Marítimo da Guia/FCUL), **Luís Narciso** (Laboratório Marítimo da Guia/FCUL), **Francisco Andrade** (Laboratório Marítimo da Guia/FCUL) e **Rui Rosa** (Laboratório Marítimo da Guia/FCUL).

Ponto de encontro (autocarro): Entrada principal da Reitoria, lado Campo Grande (10 h).

Anexo B2 – Instrumento de recolha de dados



QUESTIONÁRIO - MATRIZ



A iniciativa 100 Locais decorre no âmbito das Comemorações do Centenário da Universidade de Lisboa. A sua OPINIÃO É IMPORTANTE!
COLABORE connosco no preenchimento deste questionário.

1	Costuma participar em iniciativas desta natureza?	Sim		Não	
2	Já conhecia o(s) local (ais) e o património visitado(s)?	Sim		Não	
3	Já participou noutros passeios do programa 100 Locais?	Sim		Não	
Se sim, qual? _____					
4	Tenciona inscrever-se noutro passeio do programa 100 Locais?	Sim		Não	
Se sim, qual? _____					
5	Como tomou conhecimento desta Iniciativa?				
Internet	Meios de Comunicação	Amigos	Outro	Qual? _____	

Motivação

Numa escala de 1 a 4, como classificaria as seguintes afirmações:
 (1= Discordo completamente; 2= Discordo parcialmente; 3= Concordo; 4= Concordo Completamente)

6	No geral tenho sempre muito interesse por este tipo de actividades.	1	2	3	4
7	A minha inscrição foi sobretudo motivada pelos oradores escolhidos.	1	2	3	4
8	A minha inscrição foi sobretudo motivada pelo (s) passeio (s) e local (ais) a visitar.	1	2	3	4
9	A minha inscrição foi sobretudo motivada por influência de amigos.	1	2	3	4
10	A minha inscrição foi sobretudo motivada pelas Comemorações do Centenário da Universidade.	1	2	3	4

Satisfação

Numa escala de 1 a 4, como classificaria os seguintes factores desta visita:
 (1= Mau; 2= Regular; 3= Bom; 4= Muito Bom)

11	Divulgação do Programa 100 Locais.	1	2	3	4
12	Duração das Visitas.	1	2	3	4
13	Qualidade dos Oradores.	1	2	3	4
14	Percurso e Organização da Visita.	1	2	3	4
15	Esta visita, em particular.	1	2	3	4
16	A Iniciativa 100 Locais, no geral.	1	2	3	4

Género: F M

Grupo Etário: 15 < 15/29 30/64 65 >

Profissão: _____

O que mais gostou no percurso visitado?

Comentários e Sugestões:

Muito Obrigado!

A| Controle da Iniciativa

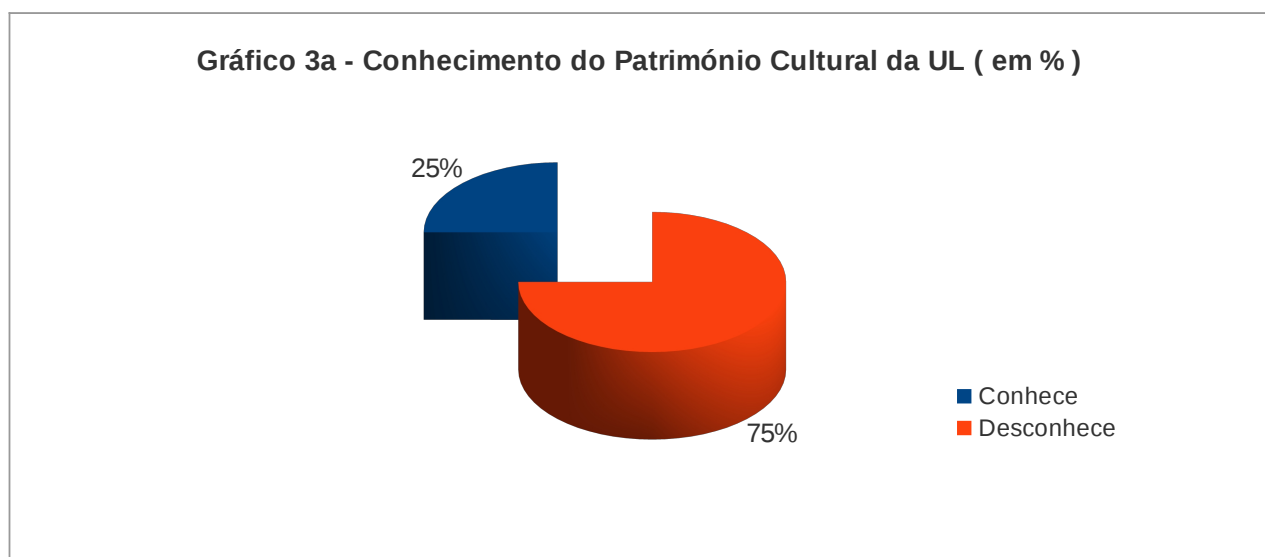
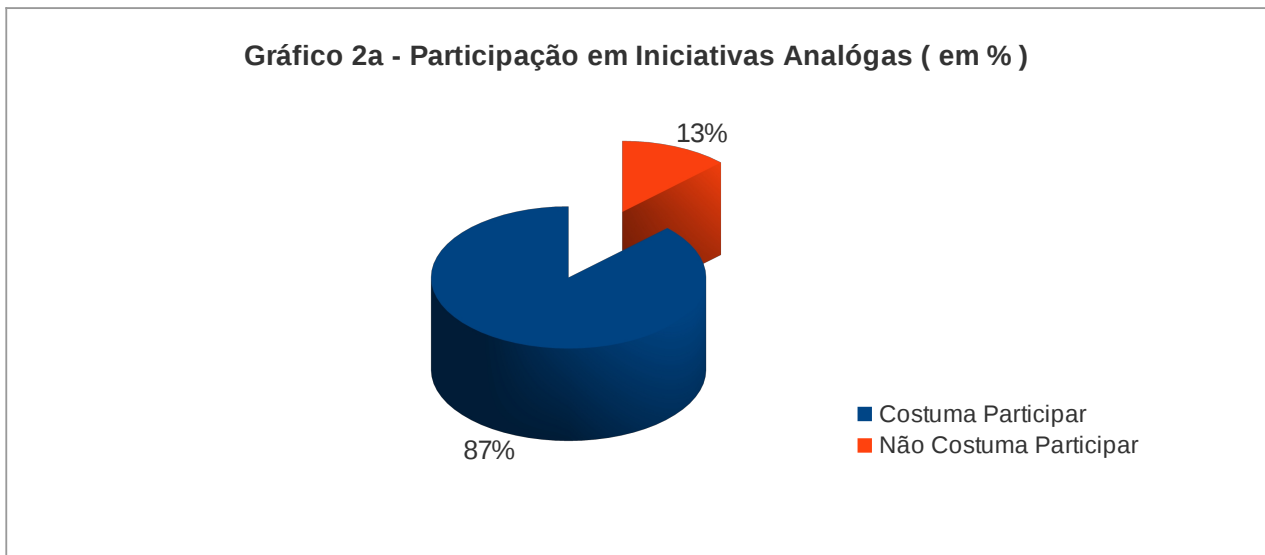
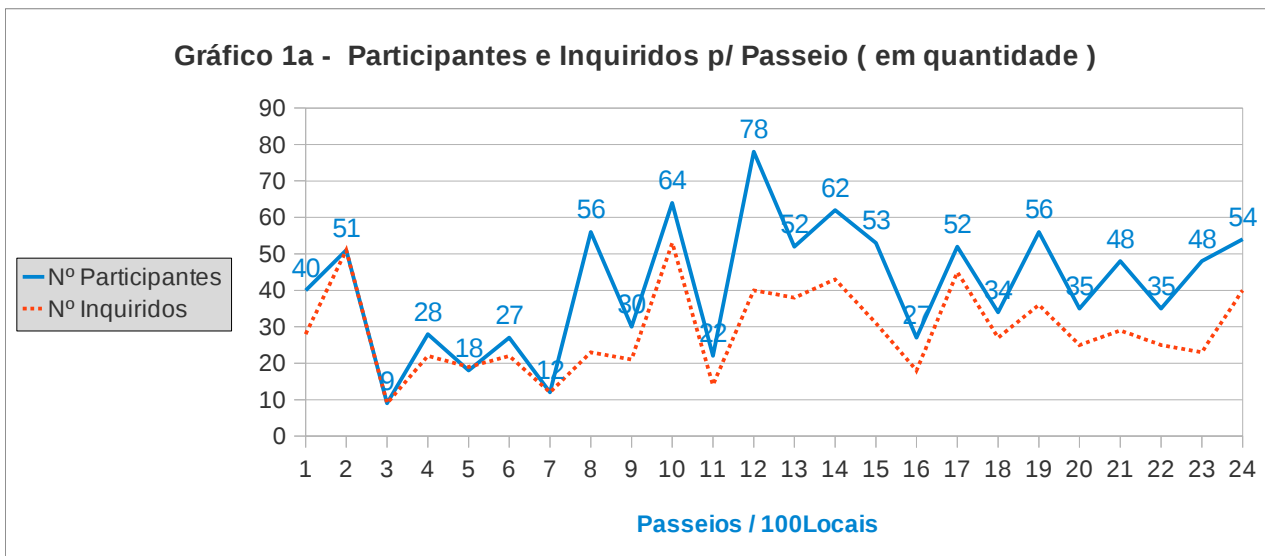


Gráfico 5a - índice de Participação nos Passeios '100Locais' (em %)

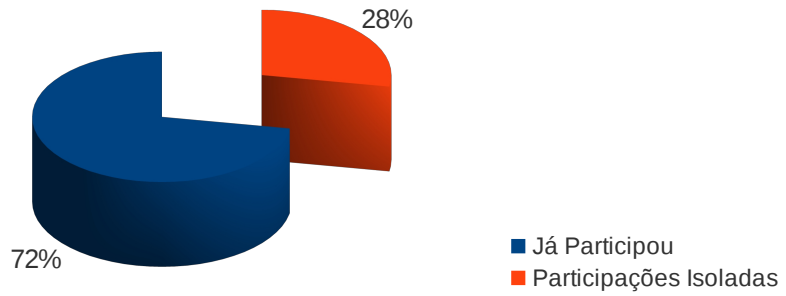


Gráfico 6a - Permanência de Inquiridos p/ Passeio (em quantidade)

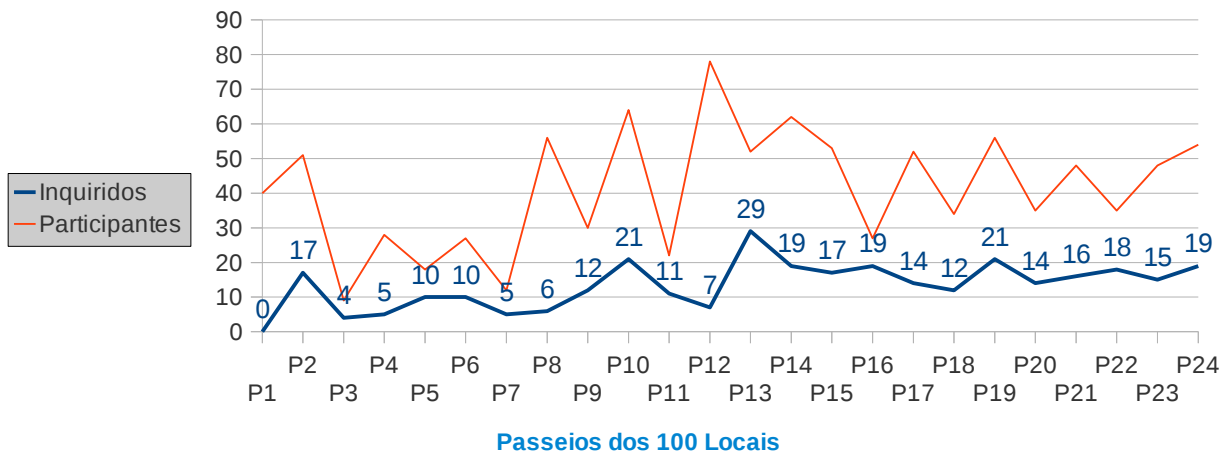


Gráfico 7a - Intenção de Reinscrição nos '100Locais' (em %)

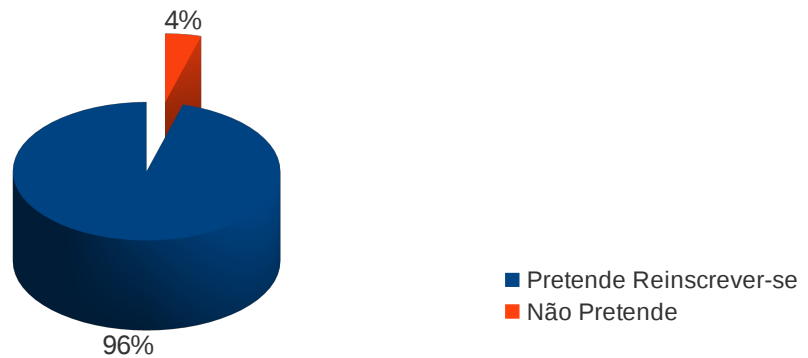


Gráfico 8a - > Intenção de Reinscrição (em %)

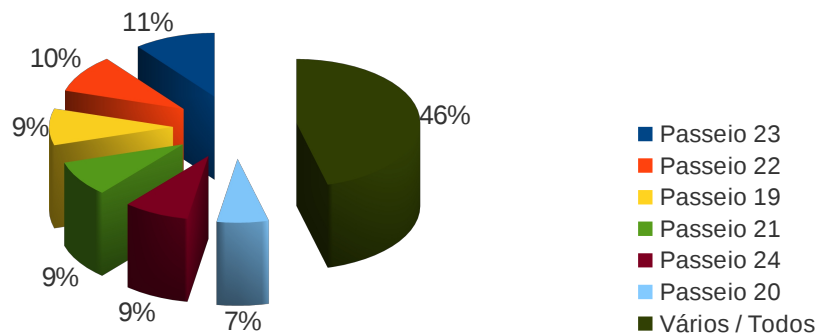
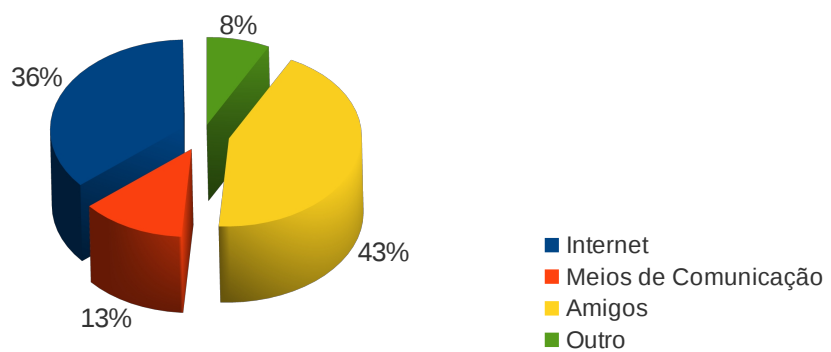


Gráfico 9a - Canal de Conhecimento da Iniciativa (em %)



B | Análise da Motivação | Inquiridos

1b) Ter geralmente muito **interesse** por este género de iniciativas;

2b) Interesse acrescido pelas Comemorações do Centenário da Universidade;

3b) Interesse acrescido pelos oradores escolhidos para cada passeio;

4b) Interesse acrescido pelos locais e património a visitar, e;

5b) A influência dos amigos para participação na iniciativa.

Gráfico 1b - Interesse em Iniciativas Análogas (em %)

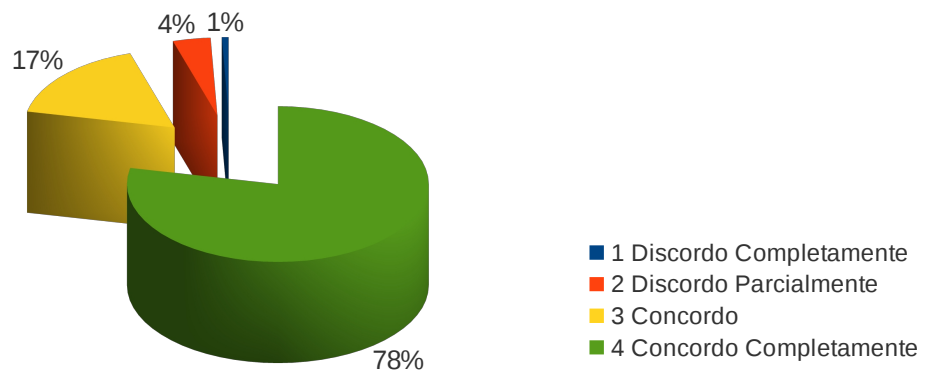


Gráfico 2b - Centenário da Universidade de Lisboa (em %)

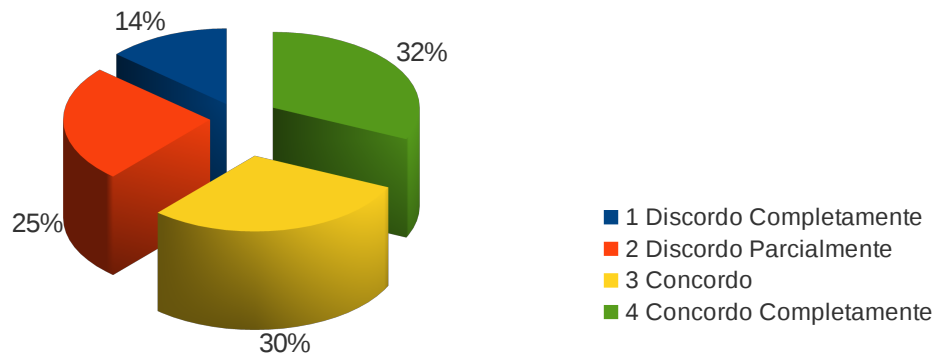


Gráfico 3b - Oradores Escolhidos para os Passeios (em %)

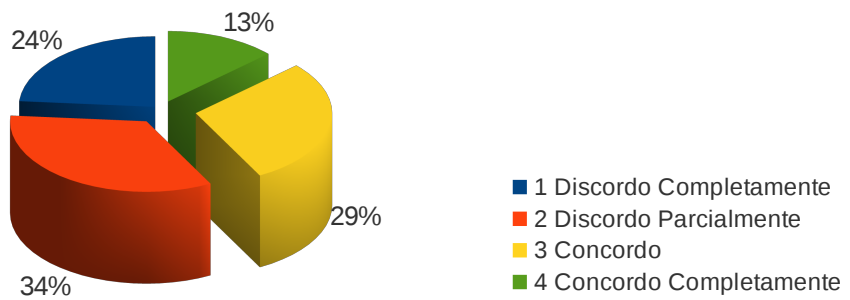


Gráfico 4b - Locais e Património Cultural a Visitar (em %)

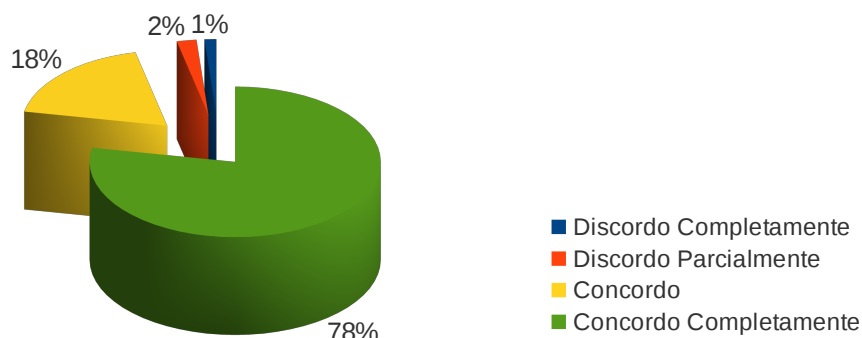
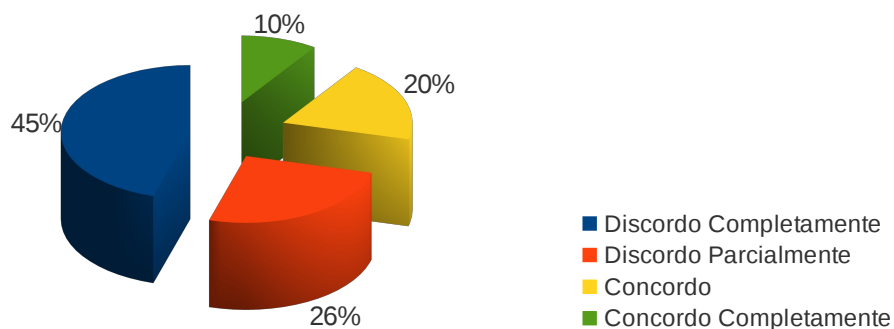


Gráfico 5b - Participação Influenciada por Amigos (em %)



C| Análise da Satisfação | Inquiridos

1c) a iniciativa dos 100 Locais (no geral);
2c) a divulgação do programa;
3c) percursos e organização dos passeios;
4c) a duração das visitas;
5c) os oradores escolhidos para os passeios;
6c) avaliação geral dos passeios, e;
7c) avaliação individual.

Gráfico 1c - Classificação da Iniciativa 100 Locais (em %)

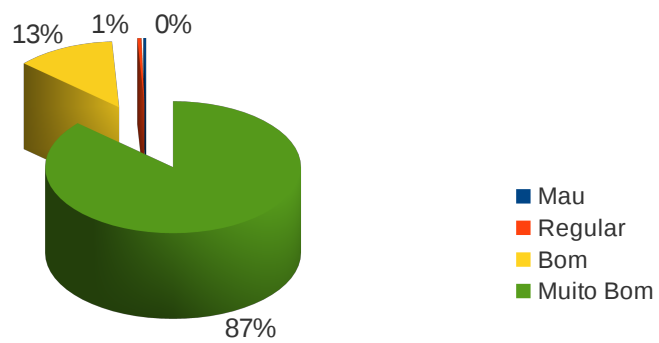


Gráfico 2c - Classificação da Divulgação da Iniciativa (em %)

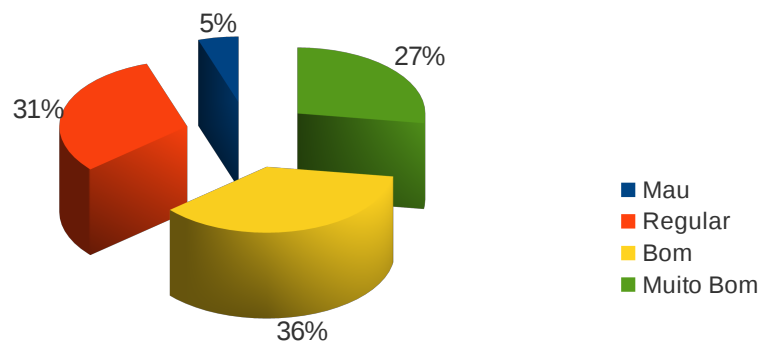


Gráfico 3c - Percursos e Organização das Visitas (em %)

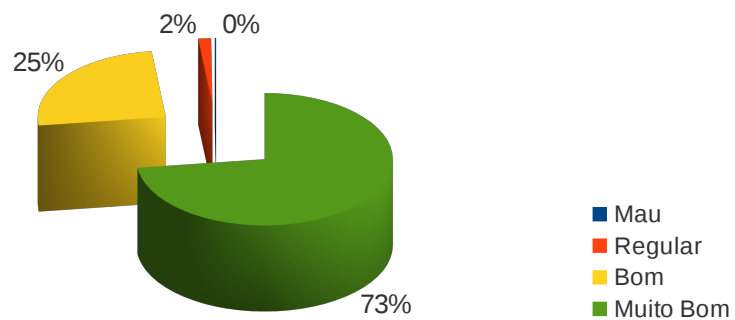


Gráfico 4c - Duração dos Passeios (em %)

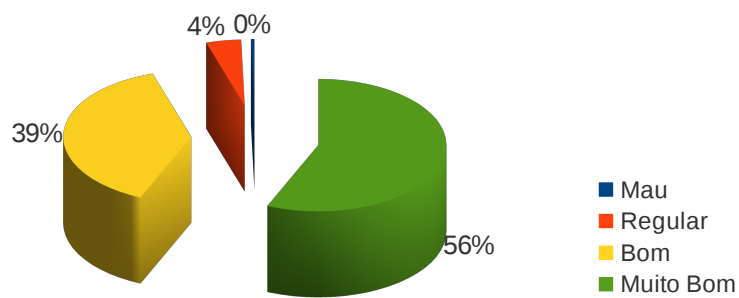


Gráfico 5c - Oradores dos Passeios (em %)

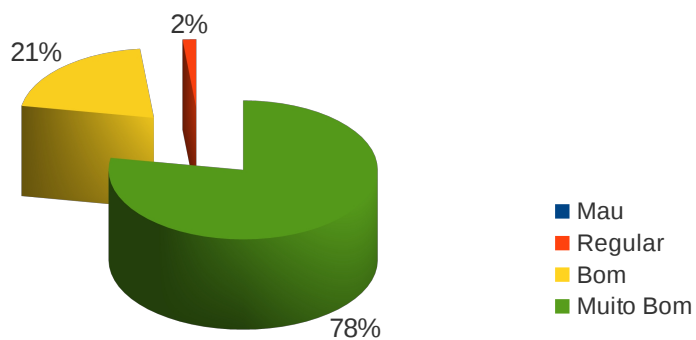


Gráfico 6c - Avaliação Geral dos Passeios (em %)

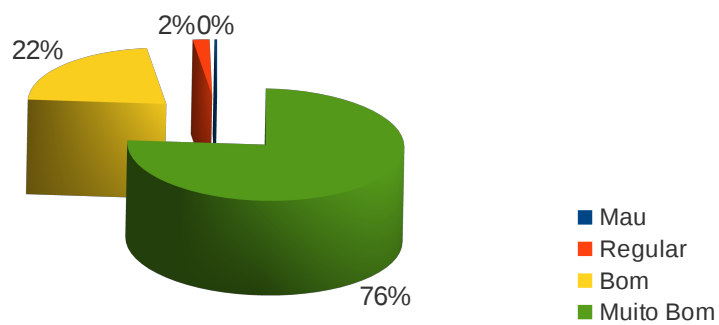


Gráfico 7c - Avaliação Individual dos Passeios (em %)

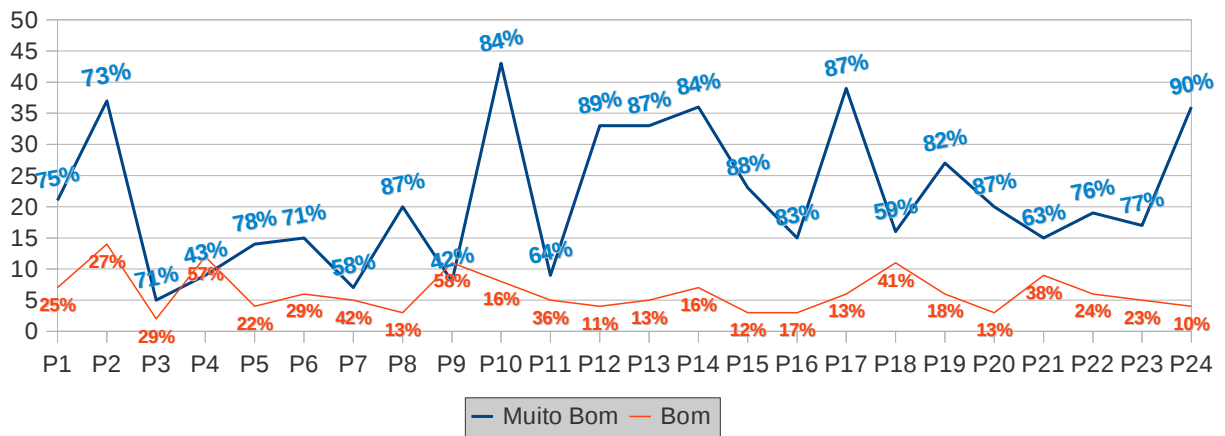
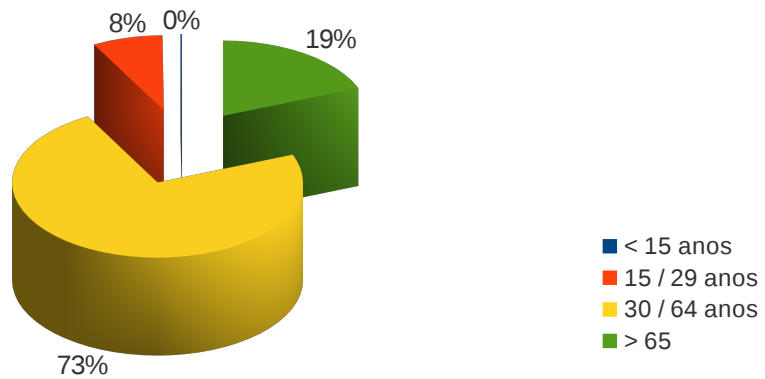


Gráfico 1d - Género dos Inquiridos (em %)



Gráfico 2d - Grupo Etário dos Inquiridos (em %)



D| Caracterização dos Inquiridos

Tabela 3d – Profissões dos Inquiridos:
Advogada (o)
Agrónoma (o)
Analista Clínica
Arquitecta
Arquitecta Paisagística
Artista Plástica
Assessora Política
Bancária (o)
Bibliotecária
Bióloga
Bolseira de Investigação
Consultor
Contabilista
Coordenadora Cultural
Cozinheira
Desempregada (o)
Designer de Publicidade
Docente Universitário
Doméstica
Doutorando em História de Arte
Economista
Empresária (o)
Enfermeira
Engenheira (o)
Engenheiro Mecânico
Engenheira (o) Química (o)
Engenheiro do Território
Estudante
Estudante do 11º Ano
Estudante de Arquitectura
Estudante da Faculdade de Medicina da Universidade de Lisboa
Estudante da Universidade de Lisboa

Estudante / Advogado
Farmacêutica
Fotógrafo
Funcionária (o) Pública (o)
Geógrafa
Geóloga
Gestora (o)
Investigadora em História
Investigadora (o)
Jurista
Livreiro / Estudante de Conservação e Restauro
Médica (o)
Motorista
Oficial da Marinha Mercante
Pós – Produtor de Vídeo
Produtor Cultural
Professora do Ensino Secundário
Psicólogo
Reformada
Secretária
Solicitadora
Técnico de Análise Clínicas
Técnico de Contabilidade
Técnico Editorial
Técnico Informático
Técnico de Relações Públicas
Técnica
Técnica Comercial
Técnico Administrativo
Técnico de Seguros
Técnico Superior
Terapeuta da Fala
Trabalhador / Estudante

E| Tabelas de Frequência

Tabela 1 – Participantes por Percurso (quantidade e em %)

100 Locais	Freq. Absoluta (f_i) [Participantes]	Freq. Relativa (fr_i)	Freq. Relativa (fr_i) em %
P 1	40	$40 / 989 = 0,04$	4 %
P 2	51	$51 / 989 = 0,05$	5 %
P 3	9	$9 / 989 = 0,009$	1 %
P 4	28	$28 / 989 = 0,028$	3 %
P 5	18	$18 / 989 = 0,018$	2 %
P 6	27	$27 / 989 = 0,027$	3 %
P 7	12	$12 / 989 = 0,01$	1 %
P 8	56	$56 / 989 = 0,056$	6 %
P 9	30	$30 / 989 = 0,03$	3 %
P 10	64	$64 / 989 = 0,06$	6%
P 11	22	$22 / 989 = 0,02$	2 %
P 12	78	$78 / 989 = 0,078$	8 %
P 13	52	$52 / 989 = 0,05$	5 %
P 14	62	$62 / 989 = 0,06$	6 %
P 15	53	$53 / 989 = 0,05$	5 %
P 16	27	$27 / 989 = 0,027$	3 %
P 17	52	$52 / 989 = 0,05$	5 %
P 18	34	$34 / 989 = 0,03$	3 %
P 19	56	$56 / 989 = 0,056$	6 %
P 20	35	$35 / 989 = 0,035$	4 %
P 21	48	$48 / 989 = 0,048$	5 %
P 22	35	$35 / 989 = 0,035$	4 %
P 23	48	$48 / 989 = 0,048$	5 %
P 24	52	$52 / 989 = 0,05$	5 %
Total	989	$0,995 = 1$	100 %

Tabela 2 - Amostra de Inquiridos (em quantidade e em %)

100 Locais	Amostra¹ (n° inquiridos)
Freq. Absoluta (f_i)²	694
Freq. Relativa (fr_i)³	694 / 989 = 0,70
Freq. Relativa ($fr_i\%$)	70 %
Total	70 %

Tabela 3 - Inquiridos face ao N_e Participantes p/ Percurso (em quantidade e em %)

100 Locais	Freq. Absoluta (f_i) [Participantes]	Freq. Absoluta (f_{ii}) [Inquiridos]	Freq. Relativa dos Inquiridos [$f_{ii} / f_i = fr_i$] em %
P1	40	28	0,7 = 70 %
P2	51	51	100 %
P3	9	9	100 %
P4	28	22	0,78 = 78%
P5	18	19	0,947 = 95%
P6	27	22	0,81 = 81 %
P7	12	12	100 %
P8	56	23	0,41 = 41 %
P9	30	21	0,7 = 70 %
P10	64	53	0,82 = 82%
P11	22	14	0,63 = 63%
P12	78	40	0,51 = 51%
P13	52	38	0,73 = 73%
P14	62	43	0,69 = 69%
P15	53	31	0,58 = 58%
P16	27	18	0,66 = 66%
P17	52	45	0,86 = 86%
P18	34	27	0,79 = 79%
P19	56	36	0,64 = 64%
P20	35	25	0,71 = 71%

1 “É um subconjunto finito de população que se supõe representativo desta”, (Cf. Dicionário estatístico: <http://www.educ.fc.ul.pt/icm/icm2003/icm24/formulario.htm#Media%20Simples>, acesso a 29 de Julho de 2011).

2 “É o número de vezes que o valor de determinada variável é observado”, (Cf. Dicionário estatístico: <http://www.educ.fc.ul.pt/icm/icm2003/icm24/formulario.htm#Media%20Simples>, acesso a 29 de Julho de 2011).

3 “É o quociente entre a frequência absoluta do valor de variável e o número total de observações” ($fr_i = f_i / n$), (Cf. Dicionário estatístico: <http://www.educ.fc.ul.pt/icm/icm2003/icm24/formulario.htm#Media%20Simples>, consultado a 29 de Julho de 2011).

P21	48	29	0,60 = 60%
P22	35	25	0,71 = 71%
P23	48	23	0,479 = 48 %
P24	52	40	0,769 = 77 %
Total:	989	694	-----

Tabela 4 – Permanência de Inquiridos p/Percurso (em quantidade)

100 Locais/ Passeios	Freq. Absoluta (f_i) [Inquiridos]
P 1	0
P 2	17
P 3	4
P 4	5
P 5	10
P 6	10
P 7	5
P 8	6
P 9	12
P 10	21
P 11	11
P 12	7
P 13	29
P 14	19
P 15	17
P 16	19
P 17	14
P 18	12
P 19	21
P 20	14
P 21	16
P 22	18
P 23	15
P 24	19
Total / Média aritmética simples	T = 387 M = ca. 16

Tabela 5 - Género dos Inquiridos (em quantidade e em %)

Género	Freq. Absoluta (f_i)	Freq. Relativa (fr_i)	Freq. Relativa (fr_i em %)
Feminino	378	$378 / 628 = 0,60$	60%
Masculino	250	$250 / 628 = 0,40$	40%
Total	628	1	100%

Tabela 6 - Grupo Etário dos Inquiridos (em quantidade e em %)

Idade	Freq. Absoluta (f_i)	Freq. Relativa (fr_i)	Freq. Relativa (fr_i em %)
< 15 anos	1	$1 / 653 = 0,001$	0%
15 / 29 anos	51	$51 / 653 = 0,078$	8 %
30 / 64 anos	477	$477 / 653 = 0,73$	73 %
> 65 anos	124	$124 / 653 = 0,19$	19%
Total	653	0,998 = 1	100 = 100%

Tabela 7 a) – Avaliação Geral dos Passeios (em quantidade e em %)

100 Locais / Avaliação	Freq. Absoluta (f_i) [Inquiridos]	Freq. Relativa (%) [$f_i / n = fr_i \times 100$]
Muito Bom (4)	503	$0,756 = 76 \%$
Bom (3)	147	$0,22 = 22\%$
Regular (2)	13	$0,019 = 2\%$
Mau (1)	2	$0,003 = 0\%$
Total (n)	665	100%

Tabela 7 b) – Avaliação Individual dos Passeios (em quantidade e em %)

Avaliação Individual / 100 Locais	Bom [3]	Muito Bom [4]	Freq. Absoluta (n) [Inquiridos]	Freq. Relativa de [3] (fr_i em %)	Freq. Relativa de [4] (fr_i em %)
P1	7	21	28	25 %	75 %
P2	14	37	51	27 %	73 %
P3	2	5	9	22 %	56 %
P4	12	9	22	55 %	41 %

P5	4	14	19	21 %	74 %
P6	6	15	22	43 %	50 %
P7	5	7	12	42 %	58 %
P8	3	20	23	13 %	87 %
P9	11	8	21	52 %	38 %
P10	8	43	53	15 %	81 %
P11	5	9	14	36 %	64 %
P12	4	33	40	11 %	89 %
P13	5	33	38	13 %	87 %
P14	7	36	43	16 %	80 %
P15	3	23	31	11 %	85 %
P16	3	15	18	17 %	83 %
P17	6	39	45	13 %	87 %
P18	11	16	27	41 %	59 %
P19	6	27	36	18 %	79 %
P20	3	20	25	4 %	83 %
P21	9	15	29	35 %	58 %
P22	6	19	25	24 %	76 %
P23	5	17	23	22 %	74 %
P24	4	36	40	10 %	90 %
Total/Média aritmética simples	T = 147	T = 503	T = 685	Média aritmética simples = 25%	Média aritmética simples = 73%